

NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA A GUANABARA

ANO II Rio de Janeiro, semana de 10 a 16 de fevereiro de 1961 N.º 102
Diretor Executivo — Orlando Bomfim Jr. Diretor — Mário Alves Redator-Chefe — Fragmen Berges

Deputados Hércules Correia e Corbisier Debatem Problemas Com Moradores do Parque Proletário da Penha

Reportagem na 6ª página

IAPB Está Pagando Todos os Benefícios da Previdência Social

Texto na 2ª página

Lacerda e Ascendino Censuram e Proíbem Filmes Progressistas

Texto na 4ª página

A verdadeira história da destruição das hortas de Jacarepaguá

POLÍCIA DE LACERDA PROTEGE A "SAÚDE" DA LIGHT

NOVOS RUMOS

e o Carnaval

Como acontece todos os anos, em virtude de as festas carnavalescas coincidirem com os dias de mais intenso trabalho em nossa redação, NOVOS RUMOS não circulará na próxima semana. Desta forma, os leitores só voltarão a encontrar NR nas bancas a partir do dia 23 do corrente mês. A todos desejamos um reinado de Momos muito animado.



O GOVERNADOR Carlos Lacerda mandou com policiais destruir numerosas hortas localizadas em Jacarepaguá, sob a alegação de que as referidas hortas estavam sendo irrigadas com águas de um rio que recebia os despejos do hospital de es Leprosos que existe nas redondezas. Na verdade, porém, trata-se de liberar a Light, proprietária dos terrenos, das indenizações devidas aos agricultores, uma vez que aquela empresa americana pretende vendê-las a especuladores imobiliários. Na 6ª página deste caderno, a nos completa reportagem a respeito.

A guerra da Lagosta nas praias do Ceará

Rep. de RUI FACÓ na 1ª pág. do 2º cad.

O que Jânio pretende e o que o país exige

Art. de RENATO GUIMARÃES na 5ª pág. do 2º cad.

«Santa Maria» bateu Jânio na simpatia do Recife

Texto na 6ª pág. do 2º cad.

Cuba:
território livre da América
Rep. de ALMIR MATOS na 8ª página

Jânio entrega a política econômica à Light e ao FMI
Texto na 3ª pág. do 1º cad.



Perspectiva

ORLANDO BOMFIM JR.

A SITUAÇÃO internacional se desenvolve num rumo que encoraja a ação das forças que lutam pela paz, pela democracia e pelo progresso. Não se trata, evidentemente, de um mar de rosas. Nem de um caminho suave e ameno, que leva de maneira tranqüila ao lugar almejado. Mas é certo que existem fatores permanentes cuja atuação se manifesta num sentido favorável aos povos. E são esses os fatores que se fortalecem e desenvolvem, pesando cada vez mais na situação, tornando-se decisivos, passando a comandar os acontecimentos. Não é sem motivo que, nos últimos anos, a iniciativa tem cabido, no campo internacional, à União Soviética e aos demais países socialistas.

COM o novo governo norte-americano, surgiram mudanças positivas. Seria totalmente falso pretender-se contrapor Kennedy a Eisenhower, o Partido Democrata ao Partido Republicano, o novo ao antigo governo. Mas, num ponto a situação sofreu modificações inegáveis. Antes, a desabrida política dos círculos mais agressivos do imperialismo ianque estava tendo livre curso e havia levado à suspensão do diálogo entre os dois campos, a outra fase de agravamento da situação. Agora, surgem possibilidades de voltar-se a percorrer o caminho das negociações, dos entendimentos, em busca de solução para os graves problemas que taldam o panorama mundial. E qualquer passo à frente nesse terreno pode conduzir a novos êxitos no futuro.

O QUE acaba de ser dito não autoriza a conclusão de que o governo de Kennedy ergueu a bandeira da paz. Nada disso. Suas palavras, na primeira mensagem dirigida ao Congresso norte-americano, mostram também que o atual presidente se aferra a pontos-de-vista objetivos nada pacíficos, mas agressivos, particularmente quando anuncia estímulos à corrida armamentista e se refere às relações (de tipo colonialista) com a América Latina, Cuba em primeiro lugar. Entretanto, a porta aberta às negociações já significa bastante. Abre a possibilidade de medidas concretas que levem à distensão.

NÃO se pode perder de vista a existência de duas tendências nos meios governamentais dos países imperialistas: a que se orienta para a guerra e a que se inclina a aceitar, de uma forma ou doutra, a ideia da coexistência pacífica. Isso decorre do fato de que, no lado dos círculos mais reacionários, que são levados a procurar na aventura e na agressão um remédio para seus males, existem também forças que compreendem o perigo de uma nova guerra para o próprio capitalismo.

O IMPORTANTE, porém, é compreender-se as modificações que surgem. Não como meros espectadores, que assistem os acontecimentos de palanque, limitando-se a torcer, a aplaudir ou veiar como quem acompanha uma partida de futebol. Mas para tirar dos fatos as conclusões devidas e adquirir maior clareza para nossas ações.

É SABIDO que o desenvolvimento da situação internacional influi no desenvolvimento da situação nacional. Não, evidentemente, daquela maneira absoluta e exclusiva, que está na base do pensamento dos que tudo esperam de fora. Como dizem os chineses, o calor da galinha não basta para fazer nascer os pintos.

AS NOVAS possibilidades de negociação e entendimento, por mínimas que sejam, surgidas nas relações internacionais favorecem a ação das que lutam pela paz, a democracia e o progresso em nosso país. O clima de distensão leva ao enfraquecimento das posições do imperialismo apressor. As forças patrióticas e democráticas que lutam por alcançar a completa emancipação econômica do Brasil e torná-lo plenamente soberano recebem, assim, forte estímulo. Trata-se, pois, de impulsionalas. Sua ação vigilante e organizada será capaz de afastar os obstáculos opostos pelos inimigos internos e alcançar novos e crescentes êxitos. Olhando para o mundo, é essa a perspectiva que vemos em nossa pátria. Resta lutar para transformá-la em realidade.



PREPOTÊNCIA

Artigo do deputado Hércules Correia na 6ª página

W
M

O IAPB Está Pagando Todos os Benefícios da Nova Lei Orgânica

Todos os benefícios determinados pela Lei Orgânica da Previdência Social já estão sendo plenamente executados pelo IAPB. Essa afirmação é feita de orgulho pelos líderes bancários de todo o país, que lutaram para colocar Edgard Rocha Costa na presidência daquele Instituto e trabalharam para eleger os seus melhores companheiros para as Juntas de Julgamento e Revisão das Delegacias Regionais.

De fato, enquanto outras instituições de previdência social continuam voltadas para dentro de si mesmas, envolvidas na máquina burocrática que sempre as isolou dos interesses dos milhões de seus contribuintes, a atual administração do IAPB dinamiza-se, rompe com a velha tradição infelizmente ainda muito arraigada entre altos funcionários dos IAPs de que os institutos são para eles mesmos, e não para a imensa massa de contribuintes, e começa a realizar uma política realmente nova, voltada inteiramente para o cumprimento da Lei Orgânica da Previdência Social, em benefício exclusivo dos interesses dos bancários de todo o país.

Aposentadoria reajustada

Desse modo, imbuídos da consciência de que os recursos dos IAPs são destinados a política assistencial dos seus segurados, e não para os negócios e safadezas que sempre marcam a vida dessas instituições, a atual administração do IAPB mandou pagar, imediatamente, o reajustamento das aposentadorias e pensões, na base de 70% do atual salário mínimo. Assim, enquanto os outros aposentados da Guanabara continuam recebendo um benefício de Cr\$ 4.200,00 os bancários já estão recebendo o mínimo de Cr\$ 6.720,00.

O pagamento das aposentadorias e pensões reajustadas começou um mês depois do reajustamento do salário mínimo, e já foi feito aos bancários aposentados entre os anos de 1934 e 1957. Dentro de 60 dias todos os demais aposentados e pensionistas do IAPB já terão recebido os seus benefícios reajustados, com todos os atrasados.

Aposentadoria móvel

O decreto 47.149, de 29 de outubro de 1959, que mandou reajustar todos os aposentados concedidos até 31 de dezembro de 1957, e efetuar o pagamento a partir de 13 de maio de 1958, também já está em plena execução, sendo que o pagamento dos atrasados alcançou, até agora, mais de 60 milhões de cruzeiros.

Reajustamento de 1%

O reajustamento das aposentadorias por invalidez, que deverá ser feito na base de 1% do salário de benefício para cada grupo de 12 contribuições mensais realizadas pelo segurado, segundo o art. 49 do Regulamento da Lei Orgânica, também está sendo executado pelo IAPB, que o está pagando em dia.

Todos os demais benefícios, incluindo auxílio-doença, auxílio-reclusão, auxílio-maternidade, funeral, etc., estão sendo rigorosamente pagos segundo estabelece a Lei Orgânica.

Aposentadoria ordinária: solução

A aposentadoria por tempo de serviço, que segundo o artigo 32 da Lei Orgânica será concedida ao segurado que completar 30 anos de serviço e 55 anos de idade, ainda não está em execução nos demais institutos, porque depende de regulamentação da forma pela qual será feita a indenização correspondente ao tempo em que o segurado não tenha contribuído para a previdência social. Com efeito, para que obtenha a aposentadoria, o trabalhador tem de provar que pagou durante 30 anos ao Instituto. Mas, como em geral os institutos de previdência datam de menos de 30 anos, essa diferença terá de ser desbolsada pelo empregado, a fim de conseguir a aposentadoria.

Considerando a necessidade de atender aos pedidos de aposentadoria, o IAPB decidiu estabelecer um critério próprio para cobrança das taxas referentes aos anos que o empregado não descontou para o Instituto, sem prejuízo da deliberação que venha a ser tomada posteriormente pelo DNPS.

No trabalho elaborado pela repartição competente do IAPB, toma-se como exemplo um empregado que teria de pagar as taxas referentes a 8 anos e nove meses, a partir de agosto de 1934. O cálculo é feito sobre os salários que se recebia na época e os descontos também feitos na base das taxas da época mais próxima. Concluiu-se, no caso, que o empregado teria de pagar Cr\$ 5.812,00, o que poderia ser feito parceladamente. Estabelecido o critério de cobrança, o IAPB iniciou ainda nesta semana o despacho de todos os processos que estavam na dependência da recolhimento das taxas.

Do mesmo modo já estão sendo despachados os processos referentes ao abono de permanência no serviço, segundo o qual os trabalhadores de 55 anos de idade ou mais, que tenham direito a aposentadoria mas que preferirem continuar em atividade, receberão um abono de 25% do salário de benefício, pago pela instituição de previdência.

Empréstimos simples

A Carteira de Empréstimo Simples do IAPB mantém-se permanentemente aberta, e a atual administração colegiada daquele Instituto, empenhada na dinamização do trabalho em todos os setores, de modo a atender o mais rapidamente possível aos segurados, determinou a descentralização dos empréstimos simples, enviando instruções às Delegacias Regionais para que concedam, elas mesmas, os referidos empréstimos, que outrora eram concedidos na sede central. A verba para empréstimo simples consignada no orçamento de 1961 vai a 275 milhões de cruzeiros. Também o Empréstimo-Cooperativo, que antes era decidido na sede central do IAPB, foi descentralizado.

Política imobiliária

O Departamento de Aplicação do Patrimônio do IAPB, que cuida da política imobiliária daquele Instituto, vem promovendo uma revisão completa no critério que orientava as realizações da administração passada. Atuando em conformidade com a política do Conselho de Administração do IAPB, que visa exclusivamente ao atendimento dos direitos que os segurados adquiriram através da Lei Orgânica da Previdência Social, o líder sindical bancário Pedro Paulo de Sampaio Lacerda, que se encontra a frente do Departamento de Aplicação do Patrimônio, já está pagando em execução o censo residencial, que lhe dá uma idéia exata da atual situação de moradia dos bancários e dos seus problemas habitacionais, a fim de traçar uma justa política de financiamento imobiliário e de construções de iniciativa do Instituto, de acordo com a Lei Orgânica da Previdência Social.

Apartamentos fechados

O critério adotado pela administração anterior levou a que o IAPB construísse edifícios luxuosos, com apartamentos caríssimos, em cidades de pouca densidade bancária e de baixos salários. O resultado é que existem, ainda hoje, na cidade de Franca, 40 apartamentos fechados, pertencentes ao IAPB, enquanto os bancários continuam mal alojados, mas também sem recursos para residir nas majestosas habitações do IAPB. Na cidade de Barretos, dos 36 apartamentos construídos, apenas 16 foram ocupados por bancários, restando ainda 20 que não encontram pretendentes, porque os seus preços estão muito acima das possibilidades dos bancários da localidade.

Andamento dos processos

Além das medidas destinadas a corrigir as criminosas deformações que marcaram a política imobiliária da administração anterior, está sendo dado andamento a todos os processos de financiamento pelo Plano B, que estavam paralisados desde 1958, por determinação do presidente da República.

Inaugurando uma política realmente nova, os componentes dos órgãos colegiados do IAPB vêm contando com todo o apoio dos bancários, que têm contribuído decisivamente para o êxito da nova política administrativa adotada na sua instituição de previdência social.

Bancários detendem IAPB

Coerentes com essa atitude é que os líderes das entidades sindicais dos bancários sediadas no Estado da Guanabara enviaram um telegrama ao presidente Jânio Quadros, protestando contra as notícias segundo as quais o governo estaria disposto a intervir nos institutos. Solicitando o desmentido do presidente da República, os líderes bancários salientam que «a atual administração do IAPB, cujos componentes, empregados e empregadores, saíram do Conselho Fiscal que negou aprovação durante dois anos consecutivos às contas do sr. Enos Sadok, vem moralizando o Instituto e, inclusive, anulando as nomeações ilegais e desnecessárias e pautando suas atitudes pela necessidade do rigoroso atendimento dos interesses dos contribuintes, cumprindo o plano de benefícios estabelecido pela Lei Orgânica da Previdência Social. O telegrama, que foi assinado pelos líderes Humberto Pinheiro Menezes, presidente da Confederação dos Bancários, Luis Viegas da Motta Lima, presidente da Federação dos Bancários do Rio de Janeiro, Estado do Rio e Espírito Santo, e Aluizio Palhano, presidente do Sindicato dos Bancários da Guanabara, revela bem o carinho que os bancários de todo o país devotam à sua instituição de previdência, e a sua disposição de defender as conquistas estabelecidas na Lei Orgânica da Previdência Social».

Encontro nacional dos radiotelegrafistas

Está programado para realizar-se em Fortaleza, de 23 a 26 do corrente, o II Encontro Nacional dos Trabalhadores nas Empresas Telefônicas, Radiotelegráficas e Radiotelefonias. O Encontro visa ao estabelecimento de uma plataforma comum de reivindicações dos trabalhadores desse setor. Entre as questões a serem debatidas no conclave, destacam-se as relacionadas com a elaboração da tabela para o novo acordo salarial a ser pleiteado em campanha nacional, a defesa da Lei Orgânica da Previdência Social e a instituição do salário profissional.



Os bancários cariocas têm desempenhado destacado papel na luta em defesa de seu Instituto de previdência. Agora que o IAPB está entregue a um autêntico representante da classe, os bancários cariocas mobilizam-se em defesa das medidas saneadoras tomadas pelo Conselho do IAPB. Recentemente, na posse da diretoria do Sindicato, os problemas do IAPB constituíram parte importante do discurso de posse do dr. Aluizio Palhano (foto).

Bancários atentos Navios da Costeira Serão Retidos se o Pagamento não Sair Até Dia 10

O pessoal de bordo da Companhia Nacional de Navegação Costeira está decidido a reter os navios da referida empresa em todos os portos nacionais, a partir do dia 10 do corrente, se até aquela data não tiver sido efetuado o pagamento dos salários do mês de janeiro, acrescidos dos benefícios da paridade.

Falta de verba

O pagamento dos salários dos trabalhadores da Costeira devia ter sido iniciado no dia 1º do corrente, mas a administração da empresa informou aos líderes marítimos que não há verba necessária para aquela despesa. O ex-ministro da Viação, comandante

Enani de Amaral Peixoto, deixou de solicitar do antigo ministro da Fazenda a liberação da verba para aquele fim e, em consequência disso, ainda não foi feito o pagamento do pessoal.

Telegrama a Jânio

O Conselho Deliberativo da Federação Nacional dos Marítimos, reunido na semana passada para examinar a situação, decidiu enviar telegramas ao sr. Jânio Quadros e ao seu ministro da Viação para que providenciem a imediata liberação da verba destinada ao pagamento dos trabalhadores da Costeira. Também o sr. Stênio Duqued, administrador da Costeira, vem mantendo contato com os atuais autori-

dades governamentais, pondo-as a par da grave situação em que se encontra aquela empresa, e pleiteando a imediata liberação da verba, a fim de evitar o colapso no seu sistema de transporte.

Retenção dos navios

O Conselho Deliberativo da Federação Nacional dos Marítimos, em decisão que data de longo tempo, e tornada lei para os marítimos de todo o país, decidiu que deverão ser retidos em todos os portos nacionais, a partir do dia 10 de cada mês, as embarcações pertencentes às empresas que não tenham efetuado o pagamento da sua tripulação até aquela data. A decisão, segundo adiantou a NR o presidente da Federação Nacional dos Marítimos, é baseada no próprio regulamento da Capitania dos Portos e na Consolidação das Leis do Trabalho, os quais estabelecem que os salários dos trabalhadores devem ser pagos até o dia 10 de cada mês. Baseados na Lei é que os tripulantes das embarcações da Companhia Nacional de Navegação Costeira estão decididos a não sair dos portos onde estiverem, a partir do dia 10 do corrente, caso até lá não tenham recebido os seus salários referentes ao mês de janeiro.

CERVEJARIA DE RIBEIRO PRÊTO COMETE ARBITRARIEDADES Operários Despedidos Porque lutaram Por Aumento de Salários

Ribeirão Preto, fevereiro (da Correspondente) — Dezenas de trabalhadores da Companhia Cervejaria Paulista, desta cidade, foram demitidos em virtude de terem participado, em novembro último, da campanha salarial dirigida pelo sindicato da categoria. A arbitrariedade cometida pela empresa sob capa aparentemente legal, tem como objetivo desmoralizar o sindicato e impedir a sua ação junto aos trabalhadores visando a garantir os seus direitos e a lutar por suas reivindicações. A Companhia Cervejaria Paulista, através de alguns dos seus diretores e apoiada em matéria pagas publicadas em jornais ribeirãopretanos, desenvolve junto aos trabalhadores esforços no sentido de que estes abandonem o sindicato, e chegam inclusive à ameaça de dispensa para aqueles que se negarem.

A fim de que seja possível superar não só as dificuldades do momento, mas a luta continua pelo reconhecimento dos seus direitos. *Ribeirão Preto, 30 de janeiro de 1961*
Argeu Egidio dos Santos
Presidente

A ação da empresa, entretanto, recebeu o mais vivo repúdio dos trabalhadores da cidade que, através dos seus sindicatos representados no Conselho Sindical, divulgaram manifesto público de protesto contra a ação dos diretores daquela indústria e de ampla solidariedade ao Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Bebidas e ao seu presidente, sr. José Delibo.

O manifesto

Assinado pelo presidente do Conselho, sr. Argeu Egidio dos Santos, tem o seguinte texto o manifesto divulgado pelo órgão da unidade sindical:

O CONSELHO SINDICAL REGIONAL DOS TRABALHADORES DE RIBEIRO PRÊTO, investigado os fatos relacionados com a dispensa de trabalhadores que vem sendo efetuada pela Cia. Cervejaria Paulista, apurou que:

- 1) A referida dispensa talvez tenha sido processada nos termos da Consolidação das Leis do Trabalho, vez que os recibos apresentados estavam formalmente em ordem;
- 2) A dispensa foi motivada pelo fato dos operários despedidos terem seguido a orientação de seu Sindicato no reajuste salarial recentemente promovido;
- 3) Funcionários categorizados daquela firma vêm aconselhando os demais empregados a pedirem demissão do Sindicato, chegando alguns a redigirem o documento necessário para isso, com papel e máquina da firma.

Assim sendo resolve:

- 1) Lamentar profundamente que elementos da categoria profissional venham se prestando para a desunificação da classe trabalhadora, afrontando o diretor da livre associação;
- 2) Hipotecar solidariedade pelo acm exposto ao Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Bebidas bem como aos associados deste, los quais espera este conselho, se unam, cada vez mais em torno da sua entidade de classe,

Mensagem da diretoria da Federação Nacional dos Estivadores pelo seu primeiro ano administrativo

A Federação Nacional dos Trabalhadores, almejando proporcionar melhores condições de vida aos trabalhadores de estiva e destativa do Brasil, depois de traçar as metas definitivas da atual administração, reunido em torno de si todos os Sindicatos representativos dos estivadores dos mais diversos rincões do país, modificando, ainda, os métodos até então adotados, lançou-se com aqueles que lhe voltavam os olhos como uma força viva e a chave da unidade nacional da categoria à luta pela obtenção das reivindicações que de fato nos beneficiariam e restabeleceria a esperança da família nacional estivadora.

naram-se indispensáveis à existência da solidariedade das classes trabalhadoras. Tudo isso somado fornece um sólido alicerce para as lutas que se apresentam e exigem a nossa força total, como a aprovação do Projeto 850-55, vítima da calúnia e da pressão econômica dos inimigos do desenvolvimento e bem-estar dos trabalhadores e do Brasil.

Tendo à frente uma plêniade de homens modestos, porém, portadores de um mesmo ideal, honestos e empreendedores, a Federação, bastante solidificada pelos sindicatos, volveu a atenção das autoridades para os problemas que se acumulavam em nossos portos, envolvendo os serviços de estiva. E, unido de Norte a Sul, Leste a Oeste os seus coordenados, içando a "Bandeira da Unidade", entregou às mãos do estivador reivindicado apresentadas vinte anos atrás.

Constituindo-se em uma grande equipe, sob uma única direção, penetrou em todos os Departamentos Ministeriais, chegando à Presidência da República, buscando solução para os problemas generalizados e os de importância nacional.

O patrono de nossas vitórias foi a "UNIDADE", com ela devemos marchar para novas lutas e conquistas. Apoiemos cada vez mais os nossos sindicatos, a nossa Federação, que, através do comando da Diretoria de nosso órgão de grau superior, conquistaram grandes reivindicações que possibilitarão dias melhores para os estivadores e familiares.

Resaltamos a colaboração e a imprescindível solidariedade oferecida pelos trabalhadores de outras categorias profissionais, a relevante ajuda da imprensa falada e escrita, que desempenhou importante papel na nossa luta, assim como a simpatia demonstrada pelo povo às nossas causas.

Inúmeras foram as questões resolvidas pela entidade máxima dos estivadores que fizeram vibrar os trabalhadores nacionais, particularizando-se os da estiva; o bem-estar foi garantido, as Caixas de Acidentes retornaram a alguns sindicatos, os salários foram reajustados, taxas foram criadas, a extinção da "estiva livre" tornou-se real, conseguiram-se férias remuneradas, se unam, cada vez mais em nossa categoria, os estivadores tor-

Queremos, ainda, agradecer às autoridades que ofereceram os seus préstimos, contribuindo assim para a afirmação da justiça das nossas reivindicações.

Somos uma grande força produtiva da Nação, por isso, nos fazemos respeitar, porque os nossos deveres são cumpridos. Eis porque não abdicamos dos nossos direitos.

A Federação Nacional dos Estivadores como entidade líder e imbuída na luta por melhores condições de vida e de trabalho, e tudo fará para elevar bem alto essa unidade, porque o seu lema é a consigna do III Congresso Nacional dos Estivadores: "UNIDOS SOMOS FORTES".

Pela diretoria
Oswaldo Bastião da Silva
Presidente

Nota Sindical

A Bússola do Presidente

Os líderes sindicais de todo o país reunir-se-ão nos próximos dias 18 e 19, em São Paulo, a convite do Conselho Sindical daquele Estado, para discutir sobre o conteúdo de um documento a ser entregue ao presidente da República, no qual se definirá o pensamento das entidades sindicais brasileiras sobre os problemas que dificultam o pleno desenvolvimento do país, contribuindo para tornar mais tormentosa a existência das massas trabalhadoras e que, por isso mesmo, exigem do atual governo a adoção de medidas adequadas para solução dos.

O referido documento, para ser fiel aos anseios dos milhões de trabalhadores das cidades e dos campos, deverá expressar a síntese dos resultados dos conclaves sindicais que se realizaram em todo o território nacional nestes últimos anos, e constituir, pelo seu conteúdo e pela representação dos seus signatários, uma tomada de posição do movimento sindical brasileiro face às ameaças, veladas umas e ostensivas outras, de que foram alvo as massas trabalhadoras no discurso de posse do presidente Jânio Quadros.

Com efeito, embora assinalasse em seu discurso de posse que "O povo será a um tempo a minha bússola e o meu destino" o sr. Jânio Quadros acabou revelando-se um mau navegante, ao enveredar, em seu próprio discurso, por uma rota completamente estranha à que lhe indica a "sua bússola".

A referência expressa que o sr. Jânio Quadros fez à liberdade de organização sindical e ao direito de greve, e à inadmissibilidade de "sua utilização dolosa contra a nossa coletividade, sobretudo se a serviço de conveniências externas", para logo depois condenar os últimos movimentos reivindicatórios, salientando, enfaticamente que «o meu governo, entretanto, representa um parâmetro a isso, definitivo e último», deixa claro que o seu objetivo não é o de se orientar pelos interesses das massas trabalhadoras e do povo, mas o de impor-lhes maiores sacrifícios, tolhendo-lhes inclusive a liberdade de reivindicar, a fim de atender às exigências dos seus credores lanques e dos seus intermediários nativos.

A confusão premeditada sobre os objetos dos movimentos reivindicatórios das massas trabalhadoras é coisa velha. A distorção dos fatos para justificar a violação das liberdades sindicais e democráticas e o massacre de trabalhadores também o é. Quem não se lembra do estardalhaço que se fez em torno de uma ingênua bandeira do Divino Espírito Santo que tremulava no mastro da igreja do Cabo Frio, e que foi tomada pelo ministro Armando Falcão como a bandeira do "soviet", que teria sido instaurado naquela pequena cidade fluminense pelos grevistas que reivindicavam mais uma migalha de pão. O fato, embora muito ridículo, determinou a movimentação de forças federais e a ocupação militar da cidade.

O discurso do sr. Jânio Quadros deixa claro que a qualquer greve poderá corresponder uma bandeira do "soviet" e até que apareça um padre para esclarecer que a fúmula não é do "soviet" mas do Divino Espírito Santo, os grevistas já estarão na cadeia, os sindicatos interditados, e a democracia defendida.

Uma coisa é certa: o curso de vida continua subindo, e as massas trabalhadoras, por mais empenhadas que estejam na luta pela solução dos problemas gerais do país, não deixarão de reivindicar os reajustamentos salariais e a melhoria das condições de vida e de trabalho, indispensáveis a sua própria sobrevivência. Daí a oportunidade da reunião programada para São Paulo. Oportunidade porque, agora mais do que nunca, torna-se necessária a reafirmação do pensamento das massas trabalhadoras sobre os seus próprios problemas, e da sua conduta na luta em defesa das liberdades democráticas e pela solução nacionalista para os problemas econômicos, políticos e sociais do país, expressos em conclusões sindicais.

Nilson Azevedo

Jânio Entregou a Política Econômica à Light e ao FMI

O ministro da Fazenda de Jânio, sr. Clemente Mariani, mostrou que é homem cumpridor de promessas. Logo ao tomar posse, afirmou que convidaria o sr. Otávio Gouveia de Bulhões para a direção da SUMOC. Três dias depois, o homem já estava nomeado e empossado. Completou-se, assim, em poucos dias, o total domínio das posições-chave da política econômica do país pela mais ativa e mais esperta quadrilha entreguista aqui existente: o chamado "grupo Gudin".

O fato, aliás, foi comemorado à altura pelo grupo. A posse do sr. Bulhões foi transformada numa verdadeira "festa íntima" do entreguismo. Ali estavam, esfregando as mãos de tão contentes e ávidos de Poder, o próprio Eugênio Gudin, Roberto Campos, Armando Frazão, e alguns outros poucos integrantes dessa refinada "elite" de agentes lanques. Além do promotor da festa, Clemente Mariani, que se limitou a fazer um breve discurso, para dizer apenas — e o que bastava — que entregava o posto ao sr. Bulhões para que este aplicasse ali os "princípios" econômicos defendidos por Gudin.

O que é a SUMOC

É difícil exagerar a importância da nomeação de um homem como o sr. Otávio Bulhões, para um posto como o de diretor da SUMOC. Este é um órgão decisivo no traçado e na execução da política econômica e financeira do país. Funcionando ainda com base em leis da ditadura, suas funções em muitos pontos violentam inclusive as atribuições do Congresso Nacional, fato que tem sido reiteradamente denunciado na Câmara dos Deputados, sem que, no entanto, os parlamentares tenham tomado até hoje qualquer providência efetiva para impedir essa irregularidade.

Uma portaria da SUMOC tem função de lei: pode mudar radicalmente — e tem mudado — o regime de operações cambiais, ou os limites do crédito bancário, ou

ainda os limites de emissões de papel-moeda. E nada melhor, para se ter uma idéia da importância do órgão, bem como a importância de ser este órgão dirigido pelo sr. Bulhões, do que lembrar o fato de que foi uma portaria da SUMOC, a de n.º 113, assinada pelo mesmo sr. Otávio Bulhões, em 1955 — quando ele ocupou o cargo pela primeira vez, no governo Café Filho — que possibilitou às empresas imperialistas estrangeiras "soltares" as fronteiras cambiais do país, trazendo para aqui suas má-

Relações Com a URSS e Subordinação Aos EUA

O senador João Vilasboas, da UDN, fez outro dia uma revelação extremamente grave, no Senado. Falando da tribuna, por ocasião da despedida que ali fez o senador Afonso Arinos, o sr. João Vilasboas contou que, em 1951, convidado a participar da delegação brasileira à Assembleia da ONU, foi ao Itamarati pedir instruções para a sua atuação em Nova York. Sua surpresa foi enorme, acrescentando que, quando ouviu então, do ministro, como toda resposta a seu pedido de orientação, esta ordem: — "Vote sempre com a delegação norte-americana."

É difícil encontrar outro fato que denuncie de forma tão crua a subordinação de nossa política externa à política do Departamento de Estado lanque. O sr. Vilasboas, em seu discurso, manifestou a esperança de que, no governo que se inicia, tais fatos não se repitam.

Sua esperança seria menor, entretanto, se ele lembrasse o nome do ministro do Exterior que lhe deu aquela "esquisita" instrução. Era João Neves da Fontoura. O mesmo João Neves a quem o sr. Afonso Arinos, hoje, quando toma posse do mesmo ministério, endereça os mais rasgados elogios, numa entrevista a "O Globo", onde aquele ex-chanceler escreve editoriais.

Ja se vê que, se os homens mudaram, não mudou a concepção de diplomacia que encarnam. É verdade que os tempos, estes sim, mudaram muito. Hoje, o sr. João Neves da Fontoura não pode mais defender abertamente, como fazia em 51, a tese da "alienação progressiva" da soberania nacional, em favor dos Estados Unidos. Bem ao contrário, seus editoriais

quinas sem que o governo exercesse sobre elas qualquer espécie de controle e sem estarem obrigadas a adquirir divisas no mercado de câmbio. Esta portaria deu às empresas estrangeiras uma situação de franco favoritismo, em relação às empresas nacionais que com elas competiam, e transformou-se num extraordinário fator de desnacionalização de nossa indústria.

E' assim o autor da famosa "Instrução 113" que agora volta à SUMOC. Da primeira vez, ali foi ter

em "O Globo" já não se indignam diante do princípio da coexistência pacífica e, mesmo, aceitam o reatamento de relações com a URSS. Os limites de sua atuação entreguista se estreitaram muito, nos últimos anos; para atuar com mais eficiência, ele é obrigado a transigir em certos pontos, a fazer concessões, sob pena de cair no ridículo do grosso da opinião pública. Mas, tanto ele como o jornal em que escreve nada perderam de sua qualidade de partidários incondicionais do imperialismo norte-americano, dispostos a tudo para ganhar os louvores da Embaixada norte-americana.

Relações com a URSS

A mesma ordem de id. pode e deve aplicar-se em relação a notícias e declarações oficiais do atual governo, segundo as quais este se dispõe a encaminhar o reatamento de relações com a URSS, a China e outros países socialistas. Essas medidas são hoje reconhecidas como reivindicações da imensa maioria do nosso povo, que aspira a uma política externa de independência e soberania. Por isso, sua adoção representaria autenticamente uma vitória popular.

Mas, apesar disso, elas não significam por si sós a mudança de nossa política externa, no sentido de independência desejado pelo povo. Está muito próximo o exemplo da Argentina, para que se possa ter ilusões a este respeito: Frondizi mantém relações normais com a União Soviética e outros países socialistas, e nem por isso deixa de fazer um governo encarnicadamente entreguista. O que define a nossa política externa é o caráter de subordinação das relações de nossos Unidos com os Estados Unidos e não a existência ou não de relações com a URSS.

Dessa forma, Jânio pode perfeitamente reatar com a URSS, sem de maneira alguma contrariar a essência da política entreguista e reacionária definida em seu discurso de posse e pelos homens que ocupam os postos-chave de seu Ministério. Pode mesmo reconhecer a China, embora isso já seja mais difícil; mas a recente declaração de Kennedy, segundo a qual o governo de Washington se apronta para reconhecer o governo de Pequim e aceitar a entrada dos representantes desta "nova" China, abre uma perspectiva para que também Jânio possa fazer inclusive isso, sem irritar em demasia os seus "bons amigos" de Washington.

O novo brasileiro deve, assim, exigir que Jânio cumpra os compromissos que assumiu de normalizar as relações do Brasil com todos os países do mundo. A existência, ainda que apenas formal, de suas relações, já será uma contribuição para o alívio da tensão internacional de nosso povo. Mas deve exigir também o que é realmente decisivo: que Jânio dê às relações do Brasil com o campo socialista o caráter e a amplitude que elas podem ter, como fator para o desenvolvimento e a emancipação do país. E exigir isso significa lutar pela substituição da política de submissão e dependência em relação ao imperialismo norte-americano definida por Jânio, já em seus primeiros atos no governo, por uma política de desenvolvimento independente da economia nacional, por uma política democrática e nacionalista.

por obra e graça de golpe militar entreguista de 24 de agosto de 54. Agora, as circunstâncias são diferentes, pois ele volta pela mão "legal" de Jânio; mas o espírito que preside à sua ascensão é o mesmo de antes. Gudin não é mais o ministro da Fazenda, mas o ministro da Fazenda reconhece nele, publicamente, o seu "guia espiritual". Além disso, ambos — Gudin e Clemente Mariani — se reconhecem pelo fato de serem "public relations" de empresas imperialistas de energia elétrica: Gudin, como "diretor" da Bond and Share, e Mariani, como "diretor" da Rio Light.

Ministério da Light

E' aliás uma característica do Ministério janista, no setor econômico, a vinculação com a Light. Além do ministro Mariani, também o sr. Leopoldo Figueiredo faz parte do grupo de homens de negócios e "pessoas bem relacionadas" aos quais a Light e a Bond and Share dão o título de "diretor" e pagam altos salários, para usá-los como "cobertura" política para suas roubafeiras: é membro do "Conselho de Administração" da São Paulo Light, além de ser ligado ao imperialismo através de sua firma de comércio exterior ("L. Figueiredo S. A.") e de sociedades de investimentos controlados pelos monopólios lanques.

Está dessa forma concretizado o primeiro passo para a efetivação da política entreguista e reacionária anunciada por Jânio em seu discurso de posse. A "equipe" montada no setor econômico-financeiro de seu governo é feita de encontrados para aplicar as "reformas" colocadas pelos imperialistas lanques, através do FMI, como con-



Relações Públicas

dição "sine qua non" para as "boas relações" entre o Brasil e os Estados Unidos: a supressão dos controles estatais sobre o câmbio, o congelamento dos salários, a restrição ao crédito industrial, a li-

quidação das empresas estatais. Todas estas são medidas abertamente defendidas tanto por Gudin como por Otávio Bulhões, nos livros e artigos de "doutrinação" que têm publicado.

Ianques Não Reconhecem as Fronteiras do Brasil

O episódio da revolta dos democratas portugueses a bordo do "Santa Maria" deu oportunidade a que viessem à tona, na imprensa, alguns problemas que afetam a soberania do país, em suas relações com os Estados Unidos. Primeiro, revelou-se que aviões e navios militares norte-americanos en-

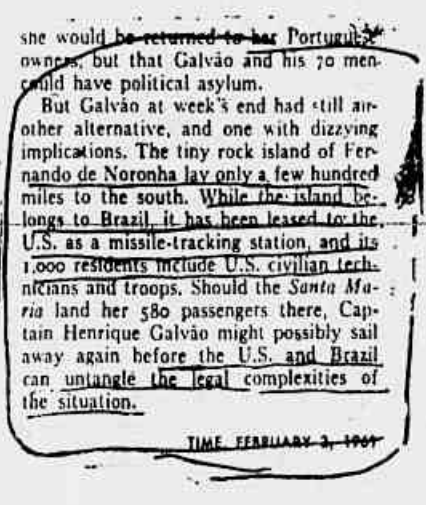
tram e saem do território nacional sem qualquer constrangimento, como se aqui fosse uma terra sem dono. Tratando-se de um episódio sensacional, sobre o qual estava concentrada a atenção de toda a imprensa do país e do mundo, as autoridades brasileiras foram obrigadas a reconhecer o escândalo e pedir "explicações" a Washington. Ficou claro, entretanto, que em situação normal, quando a opinião pública não está vigilante, a soberania brasileira sobre o nosso território e sobre nossas águas territoriais simplesmente não existe, para os militares lanques.

vio, «tinha uma alternativa» que o deixaria a salvo da soberania do Brasil: era reabastecer o navio e desembarcar os passageiros em Fernando Noronha.

A estreita e rochosa ilha de Fernando Noronha — afirma o "Times" — ficava apenas algumas milhas ao sul. Embora pertencendo ao Brasil, a ilha foi alugada aos Estados Unidos como base de foguetes, e entre seus mil habitantes estão as tropas e técnicos norte-americanos. «Nisso se busca a revista para afirmar que o estatuto legal da ilha é «complexo», não existindo a soberania do Brasil naquelas paragens.

Veio depois outra revelação, ainda mais grave: o não reconhecimento da soberania brasileira sobre a ilha de Fernando Noronha, por parte do governo de Washington. Isso ficou evidenciado por um artigo publicado no "Times", órgão oficial do Departamento de Estado, sobre o caso do "Santa Maria". Neste artigo, afirmou o "Times" que o capitão Galvão, em vez de aportar no Recife, onde seria obrigado pelo governo brasileiro a entregar o na-

O fato vem confirmado, uma vez mais, a alienação de nossa soberania, representada pelo acordo de Fernando Noronha, em favor dos militaristas norte-americanos, e traz uma nova prova da má fé e da ausência de patriotismo dos brasileiros que assinaram este acordo, e que sempre negaram que o mesmo representasse qualquer restrição ou brecha no estatuto daquela ilha, como parte do território nacional.



Frente Nacionalista Responde a Jânio

A Frente Parlamentar Nacionalista reagiu energeticamente às calúnias e provocações contra o movimento nacionalista, contidas no discurso de posse de Jânio. Imediatamente após o discurso, os dirigentes da Frente articularam uma reunião do órgão, para debater o assunto. Após a reunião, realizada na residência do deputado Gabriel Passos, a direção da Frente divulgou o seguinte manifesto:

«Na fala inaugural do sr. presidente da República, a Frente Parlamentar Nacionalista encontra, a respeito do nacionalismo, conceitos que não pode deixar sem resposta. Não será necessário, aliás, contestar as afirmações de S. Exa. Bastaria invocar os numerosos discursos do candidato e as declarações prementórias feitas perante o povo de todo o Brasil.

«Para evitar equívocos, repetiremos que o nacionalismo que vem norteando nossa conduta parlamentar não é jacobinismo, não se dirige contra nenhuma nação estrangeira. Enfrenta e combate, sem dúvida, fúria e qualquer opressão, venha de onde vier. Por isso mesmo não tem litigações internacionais, nem é dirigido por instruções dessa ordem, como a linguagem um tanto crepuscular do discurso presidencial procura fazer acreditar.

«Não, O nacionalismo da Frente Parlamentar Nacionalista começa e acaba no Brasil, está voltado exclusivamente para os interesses do Brasil, na luta por um melhor padrão de vida para o nosso povo e o esforço para libertar o país da subjugação ou influência de grupos econômicos estrangeiros ou de seus representantes e satélites no Brasil.

«A Frente, como entidade, não tomou parte na campanha eleitoral, não somente pelo fato de se compor de representantes de todos os partidos, como pela circunstância de se declararem categoricamente nacionalistas os candidatos apresentados. Mas justamente porque os candidatos pregaram o nacionalismo do Norte ao Sul do país, é que temos o direito de exigir do candidato, que as urnas consagraram, e que foi o que mais avançou nessa pregação nacionalista, e o que assumiu perante o eleitorado maior e compromissos, que fiel às suas próprias palavras e às esperanças

que semeou entre as populações confiantes, não venha a abandonar, e muito menos a hostilizar, o único programa capaz de assegurar a emancipação econômica do país.

«Verdade que a fala presidencial silenciava a respeito das manobras dos homens de negócios, como nada diz das forças imperialistas, que conquistaram posições-chave na economia nacional, influenciando sobre a constituição dos governos, muito bem representadas na composição dos Ministérios, conspirando sem cessar contra os verdadeiros interesses do país. Não obstante, a Frente Parlamentar Nacionalista, no cumprimento de seus deveres, recorre da fala do presidente para os discursos e compromissos do candidato, para que a própria democracia, tão justamente exaltada no discurso presidencial não venha transformar-se em farsa, em que assegure a propagação dos candidatos o direito de iludir o povo e falar a compromissos, solenemente firmados na praça pública».

Justiça Repele Artigo 58

A Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, em reunião realizada em dezembro do ano passado, aprovou o projeto de lei do deputado Campos Vergal, que propõe a eliminação do artigo 58 da lei eleitoral vigente. Esse artigo, como é sabido, veda a inserção de candidatos a cargos eletivos que tenham pertencido a partidos cujo registro eleitoral tiver sido anulado. Tal dispositivo é voltado diretamente contra os comunistas, que a partir daquela lei ficaram proibidos formalmente de concorrerem às eleições.

A Comissão de Constituição e Justiça, na base do relatório do ilustre deputado e jurista Barbosa Lima Sobrinho, e levando sobremaneira em conta a opinião do também ilustre jurista e deputado da UDN, professor Pedro Aleixo, aceitou o projeto do deputado Campos Vergal, declarando-o constitucional, por considerar o dispositivo vigente, este sim, inconstitucional, uma vez que violenta diretamente os artigos da Constituição que estabelecem os direitos do cidadão e os casos expressos em que cada um dos seus direitos políticos cassados.

Tal pronunciamento do órgão técnico da Câmara de Deputados tem uma grande importância, pois que, assim, reconheceu-se como justa e acertada uma das principais reivindicações das forças que lutam pela ampliação da democracia em nossa terra. Há vários anos os democratas, combatem o reacionário artigo 58, assinalando-o como uma excessividade reacionária, viciada decisão da Comissão de Justiça como uma vitória.

Entretanto, o projeto do deputado Campos Vergal para se transformar em lei deve vencer vários obstáculos. Isto só será possível se de todo o Brasil chegarem à Câmara dos Deputados, e posteriormente, ao Senado, comissões telegrafadas, abaixo-assinadas, etc., exigindo a revogação do artigo 58. No momento, esta deve ser uma das principais preocupações dos democratas, e principalmente dos comunistas, pois que a derrubada do artigo 58 poderá levar a uma modificação sensível no panorama das eleições de outubro de 1962, possibilitando que Prestes e outros líderes comunistas de prestígio participem, como candidatos, no plei-

Fora de Rumo

No primeiro fim de semana passado em Brasília o sr. Jânio Quadros dirigiu-se à Cidade Livre, meio-inegnoto, apenas acompanhado do motorista do carro que o conduzia. Alguns cadangos o reconheceram e Jânio voltou ao Alvorada, onde posou para fotografias, lendo uma biografia de Lincoln e cortando cabelo. Esse corte de cabelo foi para pagar promessa feita a um Fíguro do Estado do Rio, durante a campanha eleitoral. Não menos intencional deve ter sido a publicidade em torno da leitura sobre a vida de Lincoln.

Houve também, aos primeiros dias de governo, regular emissão de bilhetes, muitos dos quais a Ministros. As recomendações do Presidente, enviadas a seus auxiliares imediatos, aparecem na imprensa, através de cópias da Agência Nacional. Num desses bilhetes recomenda-se o restabelecimento de relações comerciais e diplomáticas não apenas com a União Soviética e a China, como também com a Hungria, Bulgária e Rumania.

Tratando de aspectos do método dialético e das ideologias, Georges Politzer, em seu livro "Princípios Elementares de Filosofia", observa que as ideologias são o reflexo das condições materiais da sociedade. Entretanto Politzer adverte: não se deve daí deduzir que a ideologia proletária deva ser automaticamente a de um proletariado. Há operários que não têm consciência operária. As pessoas podem viver em determinadas condições, mas a consciência dessas pessoas pode não corresponder à realidade. E Politzer observa: "É o que Engels chama uma consciência falsa."

Evidentemente, casos de consciência falsa existiram noutras classes. Será, o exemplo de Jânio Quadros, um caso de consciência falsa? A atitude desse homem, sabidamente a serviço da reação, ao promover o reatamento de relações com Estados socialistas, será manifestação de consciência falsa?

Na opinião de alguns homens ligados a uma das correntes que dão apoio ao governo Jânio Quadros o

Paulo Motta Lima

movel do atual Presidente, mudando momentaneamente o rumo da política externa do Brasil, deve ser levado à conta de fatores de que se utiliza o ex-governador de São Paulo para realizar manobras táticas, fundamentadas na doutrina militar da mobilidade. Não se trata, portanto, de um caso de consciência falsa. Fazendo concessão a exigências de amplas camadas de nosso povo, o sr. Jânio Quadros, nessa emergência, parece ter em vista fortalecer a posição de seu governo, para depois alcançar outros objetivos mais altos da política de que se faz executor e que, muito sintomaticamente, começa a receber alarques de portavozes do imperialismo — um jornal norte-americano e de países do ocidente europeu.

Pequenos gestos, como a ida furtiva a Cidade Livre e o ato de se deixar fotografar cortando o cabelo, combinados com algumas cartas fortes, como a da ampliação de nossas relações com o mundo socialista, são atos conscientes, com objetivo determinado e encamam muita gente boa. Mas nem por isso deixa o reconhecimento de ser benefício.

"CAMISA PARDAS" CONTRA "FERA AZUL"

Ascendino e Lacerda Investem Contra a Liberdade de Criação: Proibido o Filme «Fera Azul»

Depois do caso "Rio 40 graus", do qual foi protagonista o general Menezes Cortes, na época coronel e chefe de polícia nomeado pelo sr. Café Filho, volta o cinema a enfrentar o problema da censura como instrumento coercitivo a livre expressão do pensamento. E volta exatamente na Guanabara, pela ação de um intelectual-lanterneiro, o sr. Ascendino Leite, nomeado chefe do Serviço de Censura pelo governador Carlos Lacerda, que pensa da mesma maneira que o general Menezes Cortes.

O homem, depois de interditar um disco de crítica de autoria do compositor Juca Chaves, arremeteu contra o filme japonês "A Fera Azul", proibindo-o sob a alegação de que o mesmo prega a "luta de

classes", fato que pode prejudicar a "formação moral do nosso povo". Dias depois, voltou a carga, dessa vez contra o filme nacional "Sexo e Vida". As razões alegadas para a proibição deste, são as de ordem moral, etc. e tal.

Os atos do sr. Ascendino Leite revelam com toda a clareza o espírito fascista que norteia a administração do sr. Carlos Lacerda, a preocupação em afogar na mais violenta repressão as manifestações democráticas e por isso mesmo discordantes de sua política.

A utilização do Serviço de Censura como instrumento de coação, visa diretamente a intelectualidade: os escritores, os autores de peças teatrais e os homens de cinema

no Brasil. O sr. Leite, um intelectual que se revelou mais policial do que todos os policiais que antes chefiam o Serviço de Censura, quis advertir quando proibiu o filme japonês e, o que é mais grave, ao proibir "Sexo e Vida" deixou bem claras suas intenções de mascarar a orientação reacionária que imprime ao serviço que chefia, sob a capa de um falso e prejudicial preconceito moral. Não é por acaso que S. Exa. Revma. cardeal D. Jaime de Barros Câmara veio logo a público aplaudir a atitude do censor.

As atitudes tipicamente fascistas do novo chefe da censura, serviram entretanto para revelar uma situação ilegal deixada pela mudança da Capital Federal. O Serviço de Cen-

sura, que antes era subordinado ao Departamento Federal de Segurança Pública, portanto de alçada do governo da União, tinha poderes de decisão para permitir ou interditar a exibição de um filme ou a apresentação de peças de teatro em todo o território nacional. Mesmo com a transferência desse Departamento para a jurisdição do Estado da Guanabara, o chefe do Serviço de Censura, que agora é estadual, continuou a usufruir dos poderes que lhe davam a condição de órgão federal. Nesse sentido, já se fizeram ouvir numerosas manifestações de protestos, entre as quais se destaca a do secretário de Segurança do Estado do Rio, que não reconhece autoridade no senhor Ascendino Leite para decidir que filmes deverão ser ou não exibidos naquele Estado. O pronunciamento da autoridade fluminense se torna muito mais sério quando ela afirma que os distribuidores do filme «A Fera Azul» poderão pleitear a exibição da película no Estado do Rio, que serão atendidos.

Arrancar das mãos do intelectual-lanterneiro que age como um camisa parda hitlerista esse privilégio é, além de medida legal, manifestação de respeito às instituições democráticas. Exigir a sua demissão é contribuir para o saneamento dos espíritos, cortar pela raiz um mal que sempre prejudicou a livre criação dos intelectuais, impedindo o florescimento de um cinema e um teatro genuinamente democráticos e identificados com a situação do país e os problemas do povo.



NR em Brasília

Candangos Apóiam a Revolução Cubana

Entre 25 e 30 de janeiro último, realizaram-se em Brasília, sob o patrocínio de personalidades políticas e intelectuais, numerosos atos públicos de solidariedade a Cuba. O primeiro deles teve lugar na cidade-satélite de Sobradinho, onde o dr. Olinto Meireles, que visitou recentemente Cuba juntamente com uma delegação de parlamentares brasileiros, pronunciou uma palestra que foi ouvida por mais de 1.000 candangos. No Plano Piloto foram realizados dois atos: um no dia 28, quando falou o deputado Domingos Velasco, e outro no dia 30, que contou com a presença do adido cultural da Legação Cubana no Brasil, dr. Martin Mora. Por fim, realizou-se, na cidade-satélite de Taguatinga, uma festa popular de solidariedade a Cuba, durante a qual foi exibido um filme documentário sobre as comemorações do aniversário da Revolução. A foto é de uma das manifestações realizadas em Brasília.

NR na Bahia

Itabuna: Udenismo Ameaça a Liberdade de Imprensa

HELIO NUNES

Pairam sobre o sul do Estado acintosas ameaças à liberdade de imprensa, isto é, ao direito de crítica e de opinião usado por alguns jornais que aqui circulam.

Estas ameaças devem despertar as forças vivas democráticas da região, para uma tomada de posição em defesa dos sagrados postulados do homem, garantidos em nossa Carta Magna.

Depois da vitória do sr. Jânio

Quadros à presidência da República, em diversas cidades da zona cacauera o udenismo vem demonstrando desejos de eliminar pela violência adversários políticos. Os primeiros colocados na mira das armas dos vencedores foram os jornalistas independentes.

Em Canavieiras, chefes políticos udenistas vomitam ameaças sobre o jornalista José Pinheiro Tolentino. Queimam o órgão "Voz do Rio Pardo" em plena rua. O referido confrade participou da campanha pró-Lott e usa do direito da crítica contra os seus opositores. A polícia se omite.

Em Itajuípe, um aventureiro, instigado pelo udenismo daquele Município, tenta derrubar pela força um prefeito legalmente constituído e, este mesmo aventureiro, saca de revólver para assassinar o jornalista Clodoaldo Cardoso, diretor da "Tribuna de Itajuípe". O crime deste jornalista é não concordar com a derrubada do prefeito Chaves. A polícia se omite.

Em Itabuna, o deputado federal João Alves de Macedo (udenista), no interior do Banco do Brasil, desconhecendo a Constituição Federal, lança improperbais, palavrões e ameaças contra o diretor da "Tribuna Regional".

combativo jornalista Manoel Leal. O crime do confrade foi ter denunciado, no jornal que dirige, uma transação duvidosa que iria prejudicar lavradores do Sul da Bahia.

Com esse desejo de vingança o udenismo na zona cacauera torna-se uma ameaça: Os lares de seus adversários políticos poderão deixar de ser invioláveis, famílias inteiras poderão ser assassinadas, e os direitos do povo e dos trabalhadores serão tripudiados.

Causa estranheza a apatia do secretário sem Pasta e da polícia regional em não tomarem medidas para que sejam respeitados os direitos e garantias individuais assegurados no capítulo II Art. 141, da Constituição Federal.

Diante destes acontecimentos queremos deixar claro que não aceitaremos passivamente, como fatos consumados, os crimes que estão sendo planejados contra a democracia. A liberdade de pensamento de que hoje gozamos no país custou sangue de nosso povo, sangue da nossa juventude nos campos da Itália na guerra antifascista.

NR no Estado do Rio

Centro cultural e artístico

sino-brasileiro

MACAÉ, fevereiro (do Correspondente) — No dia 21 de janeiro realizou-se nesta cidade, a solenidade de fundação do Centro Cultural e Artístico Sino-Brasileiro, entidade que se destinará a promover o estreitamento dos laços de amizade e o intercâmbio cultural e artístico entre o povo de Macaé e a grande nação asiática. A primeira diretoria do Centro está assim constituída: presidente — Moacyr Santos; 1.º vice-presidente, vereador Roberto Mourão; 2.º vice-presidente, dr. Manoel do Carmo Losada; 3.º vice-presidente, prof. Miguel Angelo da Silva Santos; 4.º vice-presidente, dr. Everest Salles; 1.º secretário, professora Maria José Borges Guedes; 2.º secretário, sr. Alberto Ramires da Costa; 1.º tesoureiro Márcio Moreira Paes; 2.º tesoureiro, Nestor Fundão; diretor social, Ranilde Castro Paes; procurador, José Vieira Motta.

Sindicato

festeja

aniversário

MAGE, fevereiro (do Correspondente) — Com a presença de grande número de trabalhadores, líderes sindicais e do representante do governador Roberto Silveira, realizou-se, no dia 5, ato solene de comemoração do aniversário do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem desta cidade. Como parte das comemorações, foi feita na ocasião a entrega de diplomas às jovens que terminaram o curso de Corte e Costura instituído pela entidade.

Ato de apoio

à Revolução

Cubana

MACAÉ, fevereiro (do Correspondente) — Patrocinado por personalidades políticas, dirigentes sindicais e estudantes, realizou-se nesta cidade ato de solidariedade à Revolução Cubana. Grande massa popular participou da manifestação, durante a qual falaram o deputado estadual Aristóteles de Miranda Mello, o professor Roberto Mourão, o líder camponês José Lya Madeira e o estudante Alberto Ramires da Costa.

Curso de

Economico

Político

Entra agora em seu segundo período o curso de economia política promovido pela revista "Estudos Sociais", cujas palestras vêm sendo realizadas no Edifício Glória, à rua Francisco Serrador, 2, sala 303. As próximas palestras terão como temas e autores, na seguinte ordem:

- 7, 9 e 10 de fevereiro, "Reprodução do capital", por Iván Ribeiro;
 - 21, 23 e 24 de fevereiro, "A renda da terra e as relações agrárias sob o capitalismo", por Diógenes Arruda;
 - 28 de fevereiro, 2 e 3 de março, "O imperialismo", por Renato Guimarães;
 - 7, 9 e 10 de março, "Crises cíclicas e crise geral do capitalismo", por Marco Antônio Coelho;
 - 14, 16 e 17 de março, "A passagem do capitalismo ao socialismo", por Lourdes Carvalho;
 - 21, 23 e 24 de março, "A economia socialista", por Luiz Carlos Prestes.
- As palestras se realizam no horário de 19 às 21 horas, às terças-feiras, e de 20 às 22 horas, às quintas e sextas-feiras; a palestra dura uma hora, com outro tanto destinado aos debates. A entrada é franca.

NR no R. G. do Sul

Pôrto Alegre:

curso de

nacionalismo

PORTO ALEGRE, fevereiro (do Correspondente) — Realizou-se na noite do dia 7 último, no salão nobre do IAPI desta Capital, a solenidade de entrega dos diplomas aos participantes da 1.ª turma que concluiu o Curso de Introdução ao Nacionalismo, ministrado pela Associação Gaúcha dos Ex-Alunos do ISEB e em cooperação com o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas de Pôrto Alegre.

Paraninfo foi o governador Leonel Brizola e durante a solenidade foram homenageados o gen. Jorge Braga Pinheiro, o deputado federal Armando Temperani Pereira, o professor Alvaro Vieira Pinto, diretor do ISEB, e o deputado Roland Cofbisier. Orador da turma foi o sr. Orosman Ramos.

PROFESSORES CARIOCAS DIRIGEM-SE À CONSTITUINTE

Bases Para a Solução do Problema Educacional

O Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro enviou à Assembleia Constituinte do Estado da

Mais livros par

Moscou fala

português

A iniciativa de estudar síferos, que se encontram atualmente, a "Universidade dos Povos", em Me sentido de lecionar língua guês a todos os estudantes, resados, que ali se acham, das mais diversas nacionalidades, conforme NOVOS RUMOS noticiou, causou ótima impressão nos mais diferentes círculos, principalmente entre a classe estudantil e as entidades que se preocupam em ampliar o conhecimento do Brasil e de sua cultura.

Compreendendo o alcance do empreendimento dos jovens brasileiros que estão em Moscou, o Movimento Nacionalista Brasileiro, Seção de São Paulo (em estruturação), decidiu emprestar todo o seu apoio aos nossos patriotas, atendendo à solicitação de livros de texto, gramáticas e manuais da língua portuguesa, material didático indispensável à boa consecução de seus objetivos.

Até o momento, a seção paulista do M. N. B. já enviou para Moscou os seguintes livros: Moderna gramática expositiva da língua portuguesa, de Arthur de Almeida Torres; Manual de língua portuguesa, do mesmo autor; e o Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa (2.ª ed.); de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

O Movimento Nacionalista Brasileiro, Seção de São Paulo, solicita a todos aqueles que se interessam por essa iniciativa, de alto interesse cultural para o país, que lhe enviem publicações e livros que sejam úteis ao ensino de português, como, por exemplo, os seguintes: Vocabulário ortográfico da língua portuguesa, de Antônio Soares Amora, ou o de Tenório de Albuquerque; Dicionário de dúvidas e dificuldades da língua portuguesa, de Zélio dos Santos Junior; Lições de análise de Adriano da Gama Curry; e o Dicionário russo-português, de Vera Newerowa, bem como edições em português e russo da Bíblia, e obras em esperanto-português.

O M. N. B. de São Paulo responsabiliza-se pelo envio do material até Moscou. Os interessados poderão dirigir-se à sede do Movimento Nacionalista Brasileiro, Seção de São Paulo, Pátio do Colégio, 1, telefone 33-3896, na cidade de São Paulo.

Guanabara uma valiosa contribuição para a elaboração da Constituição do Estado no capítulo referente à Educação e Cultura.

Uma comissão de mestres categorizados se encarregou de redigir o anteprojeto do mencionado capítulo. Compôs-se a comissão dos professores Maciel Pinheiro Filho, Alex Aniz Abrahão, Walter Ribeiro Lemos, Carlos da Silva Teixeira, Alfredo Marques de Oliveira Filho, Levy Borborema Porto, Sylvio Setpa Costa, Hélio Marques da Silva, João Resende Pereira e Bayard Demaria Boiteux.

Princípios fundamentais

O trabalho apresentado à Assembleia Constituinte da Guanabara em nome do Sindicato dos Professores parte de um princípio básico: a defesa da Escola Pública, porque, diz, "é a única verdadeiramente democrática e humana", mais que qualquer outra capacitada para oferecer ao professor as condições materiais — justo salário, tempo para estudo, horas para descanso e lazer — e morais, tais como liberdade de ensino e pesquisa, independência pessoal, mínimas exigíveis para o exercício do magistério.

Balnear-se os professores cariocas pela defesa e valorização dos profissionais que exercem o magistério particular; em favor de prerrogativas das Faculdades de Filosofia e especialmente de seus cursos de pedagogia; organização técnica e democrática da administração do ensino, isenta de qualquer influência extra-educacional, e preservação dos valores culturais.

Principais sugestões

O artigo 1.º do anteprojeto do Sindicato dos Professores prevê que "a educação é direito de todos e será dada no lar e na escola. Deve inspirar-se sempre nos princípios da liberdade e nos ideais da solidariedade humana."

Naturalmente, o Poder Público será obrigado a criar as condições materiais necessárias para que esse direito não seja, como até hoje entre nós, simples letra de fôrma. E' alarmante, no Rio, o número de crianças sem escola, em parte por faltarem recursos a grande número de famílias de trabalhadores, em parte porque o Estado não dispõe de prédios e outros requisitos indispensáveis para tornar realmente um direito a instrução.

Por isso mesmo, o anteprojeto do Sindicato estabelece em seu artigo 2.º que "o ensino de todos os graus e ramos será ministrado pelos poderes públicos e li-

vre a inici... particular, respeitadas as leis que o regulam".

Nem poderia ser de outra forma, num país como o nosso, em que mais da metade da população ainda é analfabeta e mesmo numa importante cidade como o Rio o problema do analfabetismo, tais as suas proporções, não pode deixar de ser um assunto de Estado.

Como complemento do art. 2.º, o art. 9 determina que a Lei Orgânica do Ensino, dentre outras providências, regulará: a) a obrigatoriedade do ensino primário público de todas as crianças de 6 a 14 anos de idade, além de outras medidas destinadas a resolver tão importante questão.

Com este objetivo, prevê a aplicação na construção de escolas públicas de nível primário e médio da taxa de 10% sobre o valor dos espólios de transmissões causa-mortis e de 5% sobre o valor total das operações intervivos.

Levadas à prática medidas semelhantes, depois de tomadas leis, os habitantes do Rio poderiam contar com um mínimo de garantias para que seus filhos — e não só os filhos dos privilegiados — tenham escolas, possam usufruir um direito humano hoje universalmente consagrado e, mais do que isso, tornado realidade em países onde o analfabetismo era uma calamidade como no Brasil: o direito à instrução.

Ernesto José da Costa

Faleceu em Curitiba, Paraná, no dia 28 de janeiro último, nosso conhecido e estimado companheiro Ernesto José da Costa, um dos mais ativos e leais militantes do movimento comunista daquele Estado. Filho de camponeses pobres, desde jovem revelou-se um revoltado contra as injustiças sociais e a miséria decorrentes da estrutura retrógrada ainda vigente em nossos campos. Vítima destas injustiças, foi encarcerado vários anos na Penitenciária do Estado, onde liderou várias lutas e revoltas contra o desumano e antiquado regime penitenciário que, se não chegou a mudar o mesmo regime, obrigou o governo, na ocasião, a substituir todo o pessoal da Administração e abafou toda a opinião pública do Paraná. Ainda na Penitenciária, Ernesto chegou a tomar conhecimento das idéias marxistas e do movimento comunista em nosso país, aos quais aderiu e serviu fielmente até seus últimos momentos de vida.

Foi repórter e redator do semanário "Tribuna do Povo" e última-mente militava no jornal "Última Hora", edição do Paraná, dirigindo duas seções das mais populares daquele jornal: "Fala o Povo" e "Cidade Afiliada". Seu desaparecimento prematuro, foi sentido por todos os seus amigos e colegas de trabalho e particularmente por todos os comunistas de Curitiba e do Paraná que tinham em Ernesto, um exemplo de abnegação e de fidelidade à luta e à ideologia do proletariado.

NOVOS RUMOS

Diretor
Mário Alves

Diretor Executivo
Orlando Bomfim Júnior

Redator Chefe
Fragmom Borges

Secretário
Luiz Fernando Cardoso

Gerente
Guttenberg Cavalcanti

Redatores

Renato Aguiar, Paulo Motta Lima,
Wilson Azevedo, Fausto Cupertino,
Rui Facó, Solon Pereira Neto

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/905

SUCURSAL DE S. PAULO
Rua 15 de Novembro, 228
R.º andar — S/827
Tel: 37-52 64

Enderéco telegráfico —
"NOVOS RUMOS"
ASSINATURAS

Anual	Cr\$ 500,00
Semestral	" 250,00
Trimestral	" 130,00
Área anual, mais	" 200,00
Área semestral, mais	" 100,00
Área trimestral, mais	" 50,00
Número avulso	" 10,00
Número atrasado	" 16,00

Notas Sobre Livros

Bem escolhido, e me parece que de propósito escolhido, este roteiro da vida poética de Vinícius de Moraes que é a sua Antologia Poética (2ª edição). Aqui podemos acompanhar a longa e fecunda trajetória deste grande vate da moderna poesia brasileira. Sua evolução inteira se encontra neste volume de trinta e duas páginas: desde as poesias de fundo místico e desamparo, passando pelo seu grande tema — a Mulher — até a poesia social de "O operário em construção".

Vão longe os dias em que numa cidadezinha provinciana, mais provinciana do que o Rio, o sófrego e inquieto, de Vinícius de Moraes Tempo e Exegese. Era para mim uma poesia obscura mas encantadora como um abismo. Muitos de seus versos ficaram para sempre na minha memória. Hoje, agora, a obscuridade é a mesma, o mesmo encanto abismal.

Mas o Poeta mudou. E mudou para melhor, aperfeiçoou-se na forma, multiplicou-se nos temas, ganhou um conteúdo novo. Nêle predomina ainda, nesta coletânea, o tormento do sexo. E aqui não se pode falar em sublimação: Vinícius de Moraes dá-nos neste tema inesgotável da poesia dos séculos cantos de sabor de lenda, de Natureza em gestação contínua, de criação de Mundos. E o Poeta sem hipocrisias, e, por isso mesmo, Poeta em toda a sua plenitude, reunindo-se em "A brusca poesia da Mulher Amada (II)", um de seus melhores cantos.

Creio porém que Vinícius de Moraes ingressou na fase definitiva e mais elevada de sua poética com "O operário em construção". Retoma ele aqui o caminho do nosso maior poeta do passado, Castro Alves. Naturalmente em ritmo novo e ante um homem novo — o trabalhador que ganha consciência de sua força e do destino de sua classe em processo de redenção.

Entre os poucos que procuram fazê-lo, Vinícius de Moraes reabilita a poesia entre nós, retirando-a das alturas inacessíveis em que a colocaram nas últimas décadas poetas aristocratas, e aproximando-a do povo.

Uma fase da nossa história esse aristocratismo da poesia?

Sim, e possível. Diz Plékhanov que, como as maçãs dão maçãs, uma sociedade em decadência só pode oferecer uma arte decadente. Mas é claro que no caso desta sociedade em decadência se gestam forças que lhe são antagônicas e que imprimem um novo curso aos acontecimentos. E estas forças têm também uma ideologia própria, dentro da qual surgem necessariamente representantes das tendências revolucionárias também nos domínios da literatura e da arte em geral. Não importa a origem social desses homens que souberam compreender o processo histórico e acompanhá-lo.

Ou muito me engano, ou a Segunda Guerra Mundial, com seu cortejo de problemas sociais e econômicos, desatados em toda parte, contribuiu decisivamente para dar uma nova rota à poesia de Vinícius de Moraes, enquanto lhe deu uma perspectiva mais clara da organização da sociedade contemporânea e sua evolução. Será por acaso que este Poeta vive hoje tão intimamente imbuído com as fontes da poesia popular, convivendo com os sambistas e ele próprio compondo sambas de rara beleza cantados em todo o Brasil?

É possível que Vinícius de Moraes ainda não esteja de todo libertado dos preconceitos de fundo religioso que motivaram seus primeiros poemas. Seu "Operário em construção" ainda é precedido de palavras bíblicas. Mas não há dúvida de que um poeta que escreve semelhante poema já possui ele próprio a consciência da mudança de essência que se operou no trabalho moderno: "O que sempre dizia sim / Começou a dizer não".

Também nesta nova poesia, Vinícius de Moraes se afirma na negatividade de uma arte ultrapassada e condenada a finalizar-se com a burguesia.



Rui Facó

UM ANÚNCIO

Houve espanto. Um jornal publicou um anúncio que dizia assim: "Sepultura perpetua — Cedo direitos de uma parte plana do Cemitério de S. João Batista, por Cr\$ 1.800.000,00 ou troca por apto. de sala, 2 quartos, Zona Sul, Tratar, etc." C.D.A. comentou o anúncio numa de suas crônicas no "Correio da Manhã" ao mesmo tempo que um leitor mais amigo levava a minha casa, pessoalmente o recorte, dizendo: — Vê que crônica podes fazer.

Não sou mulher de facilmente ser espantada. Não foi em vão que meu rosto criou rugas, meus cabelos embranqueceram, meus olhos enfraqueceram. Andei sempre tão preocupada em ver tudo que é natural minha velhice sem ingenuidade. Sabia, inclusive porque já recebera notícias de uma amiga, que esses túmulos perpétuos estavam ou estão sendo vendidos por preços altíssimos, quantias que são muito mais de vivos do que de mortos. E compreendo. É um sujeito proprietário de uma área de terra onde está plantado em mármore com anjos ou retratos, um mausoléu. Pra quê? Os mortos acabam mesmo ficando só ossinhos e de ossinhos hoje não vive nem mais cachorro. Sim, não deem vitaminas aos oachorros e vejam se eles vivem. Neguem-lhes carne e verão o que acontece. Mas voltemos aos mortos, ou melhor falemos dos vivos.

É proprietário de alguma coisa uma pessoa viva que só tem hoje ou possui também um mausoléu perpetuo no cemitério de S. João Batista? Não será melhor vendê-lo para comprar um apartamento nesta hora em que morar é tão difícil quanto comer? A parte plana do Cemitério de S. João Batista é ocupada por pessoas martirizadas, repousando há muitos anos, tão mortos que nem mais visagens poderão fazer. Defuntos novos e ricos podem ocupar o lugar desses antigos e ostentarem o luxo dos mausoléus soberbos.

Mas há alguém, ainda, nesta época de viagem à Lua, de descobertas tão importantes que põem por terra velhos tabus, alguém que gaste um milhão, quase dois, para ter um mausoléu? Já não era hora de se pensar, no Brasil, em incineração? Tanta gente não tem onde morar e os cemitérios ocupam enormes lugares. Essas perguntas como as afirmações levam-nos a compreender o anúncio que tanto espanto provocou nos outros. Lembro minha amiga contando:

— Hoje para se morrer é tão caro, tão caro que conheço uma senhora que quase deixa o marido sem enterrar. O pedaço de terra do cemitério é de preço tão alto que antes comprar um apartamento...

Foi justamente pensando assim que esse proprietário de um mausoléu perpetuo quer urgentemente passá-lo adiante por um milhão e seiscentos mil cruzeiros ou trocá-lo por um apartamento na Zona Sul, na mesma zona do cemitério com sala, dois quartos, etc. Compreendo, perfeitamente.



Engelo

Tópicos Típicos

No CORREIO DA MANHÃ, há duas semanas, o Dr. Roberto Campos, com o talento que Deus lhe deu e a Reação aproveitada, defende a tese de que imperialismo é coisa do passado, e diz que "no Brasil, nunca foi tão intenso e popular o medo ao imperialismo e ao colonialismo quanto agora, que ambas as coisas estão em veloz desintegração" — fenômeno que o Dr. Campos chama de "a caça ao obsoleto". No mesmo artigo, aliás, e expressivo do BNDE confessa que tempo houve em que ele andava "encharrado de literatura marxista, rezando pela cartilha de Lenine, Hilferding e Rosa Luxemburgo". Essa revelação parece-nos ser da maior importância para quem quiser compreender-lhe o drama íntimo. Desde que a verdade lhe foi revelada, isto é, a partir do momento em que percebeu a natureza sagrada do capitalismo e transformou-se em paladino da propriedade privada, o Dr. Campos tem tido uma preocupação fundamental: redimir-se de pecado da mocidade, de ter sido marxista. Por isso, batendo-se leninamente contra o socialismo, contra o nacionalismo, só se sente tranqüilo quando o chamam de "Bob Fields".

A hostilidade dos comunistas, a irritação dos nacionalistas em geral, os ataques das esquerdas, são galardões para o Dr. Campos, representam o reconhecimento da eficiência da sua ação reacionária. Pode-se dizer, mesmo, que, longe de proteger-se, ele se oferece às pedras que lhe atiram os seus adversários, chegando até a provocá-los, quando os adversários esmorecem. (No artigo de que estamos falando, ele se refere, com orgulho, a este vício do D. Quixote, dando-lhe a designação entre carinhosa e irônica de "vício danado de nader contra a corrente"). Os leitores devem estar lembrados da entrevista que o Dr. Campos deu na televisão, há meses, atacando a Petrobrás e o monopólio estatal na exploração do petróleo, ocasião em que se expôs a ira de toda a nação. Qual o motivo daquela franqueza inabitual? Bem absoluta certeza de que, naquele exato momento, quando sentiu sobre si a fúria unânime das forças populares, o repúdio mecido do povo brasileiro, tal como quando os estudantes o apelidaram de o entreguista "Bob Fields", o Dr. Campos era um homem feliz.

Porque o Dr. Campos precisa sentir-se combatido como reacionário, para sentir-se seguro contra o seu passado, para sentir-se libertado do marxista que ele um dia chegou a ser. O drama íntimo do ilustre economista é exatamente esse: o de ter necessidade da antipatia dos marxistas a fim de estar certo de que conseguiu romper com o marxismo. Quando um comunista lhe faz uma censura, ele vai dormir tranqüilo, está com a alma salva. Mas hoje, quando lhe levarem às mãos estes TÓPICOS TÍPICOS, ele vai ter insônia. Pois a verdade, Dr. Roberto Campos, é que o marxista que o sr. já foi não está inteiramente morto, não: sob o conjunto delirantemente reacionário do seu artigo, transparecem inequivocamente elementos do mais puro marxismo-leninismo... Só que nós, por maldade, não lhe diremos quais são.



Pedro Severino

O Que Será a Escola Nacional de Cinema

M. SILVEIRA DE FARIAS

Um exame ligeiro da situação da indústria cinematográfica nacional evidencia imediatamente os terríveis obstáculos que enfrentam os cineastas patrióticos. A carência de equipamento moderno e completo é regra em nossos estúdios; a deficiente instalação dos laboratórios só não surpreende aos veteranos, viciados na falta de recursos de nossa indústria; a incompetência e negligência dos quadros técnicos e auxiliares desanimam os mais pacientes realizadores.

Raros produtores dispõem de recursos para alugar instrumental mais adequado e mesmo esses se defrontam com a impossibilidade de encontrar a maquinaria de que precisam aqui no Brasil. Quanto ao pessoal, contam-se nos dedos de uma mão os bons iluminadores e os aceitáveis "cameramen"; e esse "bons" pode-se colocar entre aspas porque dificilmente se revelam capazes de uma fotografia de nível internacional.

Os laboratórios constituem o terror e fonte perenne de insônia para os realizadores bem intencionados artisticamente. Menos por suas instalações deficientes como pelo recato aos erros, descuidos, enganos e tolices praticados

pelo pessoal. A incompetência dos técnicos, artífices e auxiliares só é superada pela negligência, desleixo, desinteresse pela qualidade do trabalho, muita vez, estimulados pelos próprios administradores avidos de lucros altos e fáceis embora à custa da reputação comercial da empresa.

Nada se compara, entretanto, ao problema do som. A paciência de um realizador esgota-se no primeiro dia de trabalho, e precisa de transformar-se em técnico para garantir um mínimo de qualidade à sua produção. Gravação, regravação, transposição, dublagem são fases e exigem dos cineastas um esforço quase insuperável para conter-se e levar a cabo a empreitada, e não poucos desistem no meio do caminho e abandonam a fita à sua própria sorte.

Esse retrato pode parecer pessimista ao leitor desavisado mas não o será para aqueles que militam em nossa indústria de filmes, quer na longa-metragem, quer na mais precária ainda de curta-metragem. E a razão desses comentários é o desejo de discutir a futura Escola Nacional de Cinema frente às necessidades de nossa realidade cinematográfica.

Já se pode verificar que três cursos programados para três das atividades da Escola, pelo menos dois são de absoluto interesse: montagem e fotografia. O mesmo não se pode dizer do outro curso, que se não é prematuro, e pelo menos indispensável numa primeira fase, em benefício de outros de mais real e efetiva exigência. A necessidade de formar técnicos e auxiliares de laboratório, bem como técnico de som, não pode ser esquecida nem deixada para segundas etapas. Isto se impõe se se deseja um centro de ensino que de fato traga efetivo e imediato proveito para o cinema brasileiro.

De outra parte convém lembrar que para evitar o academismo e formalismo de nosso ensino, a Escola jamais deveria se preocupar apenas com a formação de profissionais, mas dedicar-se com todas as suas possibilidades e por todos os meios à tarefa de treinar o pessoal já engajado na profissão, mediante cursos de aperfeiçoamento. E nem se pode deixar para segundo plano, como se deixa na Europa, os chamados trabalhos práticos. Entendo mesmo que uma escola de cinema, para ter proveito, deveria cuidar menos em definir-se como um centro de divulgação e ensinamento teórico do que como um especial centro de produção complementado por lições teóricas e submetido a um sistema didático.

O previsto funcionamento da Escola no Instituto Nacional de Cinema Educativo só pode ser recebido com uma notícia alvica-reira. O entrosamento da Escola com a produção de filmes torna-se bem mais fácil, e é um ponderável fator contra o academismo em que cairia se isolada ou integrada em nossa formal e solene Universidade. O otimismo, porém, não é completo porque o INCE mesmo já é, de há muito, entidade acadêmica e burocratizada, e sal-

vo se o novo governo efetuar modificações substanciais nos quadros como nos métodos de trabalho, de pouco servirá a colaboração do Instituto. Ademais o INCE requer também modernização de seu equipamento e ampliação de suas instalações e de seu instrumental de trabalho.

A sugestão do ex-ministro da Educação e Cultura, prof. Clóvis Salgado, no sentido de acumular numa pessoa a direção do Instituto e da Escola e excelente não só por evitar conflitos de autoridade e de administração mas, principalmente, porque facilita e simplifica o entendimento entre as duas entidades. O problema será a escolha do nome que irá responsabilizar-se pelos primeiros anos de vida da Escola. Se não for uma personalidade exemplar, distinguida por seus méritos e competência, se cair nas mãos de politiquês, carreiristas ou burocratas, de nada terá valido o esforço e o entusiasmo dos que se dedicam a concretizar o empreendimento. O mesmo se pode repetir quanto a designação dos professores. Se é verdade que será difícil encontrar mestres categorizados no âmbito nacional, nem por isso será mais fácil a escolha. Indispensável será que se recrute, pelo menos para temporadas, alguns nomes estrangeiros, como Jay Leyda, Thorold Dickson, Karel Reith ou Joris Ivens. Indispensável também aproveitar personalidades invulgarmente no quadro nativo como Otávio de Faria, Flávio Sussekind Rocha, Paulo Emilio Sales Gomes e Alex Viany.

O projeto de organização da Escola inova o sistema de compor a Congregação, aí chamado Conselho, integrando-o por apenas três professores e completando-o com três críticos de cinema indicados pela entidade de classe. A inovação pode ser útil, por isso que visa ao diálogo da entidade com outros setores do cinema brasileiro; não se compreende o exclusivismo de representar apenas a ABCC, e por que não integrar também representantes da Produção, cujo interesse é evidente, da Federação de Cineclubes, entidade máxima dos organismos de cultura cinematográfica, ou ainda da Divisão Cultural do Ministério de Relações Exteriores, cujos serviços podem ser de alto interesse para o convite e patrocínio a professores estrangeiros, entre outros.

Não escondemos nosso receio quanto ao funcionamento da futura escola, embora desejando intensamente o êxito da iniciativa, sem dúvida, das mais importantes na atual fase de nossa cinematografia.

Agora, tanto tempo passado, cheio de poder nas mãos, aproveitou-se de um processo já prescrito — originado pelo funcionamento da Escola do Povo — para submeter Alvaro Moreira a uma violência, fazendo-o, por meio de ordem de seus beagüens, comparecer à Polícia Central para depor no citado processo.

Com mais de setenta anos, a saúde já desgastada, lá foi obrigado a ir Alvaro Moreira, acompanhado de seu médico, de quem tinha ordens do máximo repouso, sofrer o vexame de ser interrogado por um policial qualquer.

É o ódio de Lacerda contra a inteligência, contra qualquer forma de progresso, a demonstrar que ninguém pode viver em segurança sob seu governo.

Além de M. A. de Almeida, foram apresentados aos leitores tchecos, nessa coleção, entre outros: Ciceiro, Erenburg, Flaubert, Chesterton, Karinthy, Radiguet, Shelley, Verga.



ERENBURG NA CASA DOS SETENTA

O consagrado escritor, publicista e lutador pela paz Ilya Erenburg completou 70 anos, dia 26 de janeiro. Grandes comemorações assinalaram o acontecimento na União Soviética, onde inúmeras homenagens foram presta-

das ao autor de "A Queda de Paris". Na foto, Erenburg assiste, sorridente, à solenidade realizada no dia de seu aniversário na Casa dos Escritores, quando recebeu a Medalha de Ouro da Paz, outorgada por decisão do Conselho Mundial da Paz.

"Pan Morous", de Machado de Assis

Não pensem os leitores que se trata de um novo Machado de Assis desconhecido, apresentado por R. Magalhães Jr. ou outro ilustre machadiano. Pan Morous é o título com o qual saiu, há uma semana, em Praga, a obra-prima da nossa literatura, Dom Casmurro.

A obra foi publicada em tiragem de 10.000 exemplares, numa coleção popular e bastante procurada pelos leitores, intitulada A leitura mundial. Pan Morous constitui o 251.º tomo da coleção, na qual foi incluída, também, a tradução tcheca das Memórias de um sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida, publicada no ano passado, e Vidas secas, de Graciliano Ramos.

O fato de termos incluído o nosso clássico nessa coleção é muito honroso para nós, porque os livros que nela se publicam são rigorosamente selecionados, para representarem dignamente as mais diversas literaturas do mundo inteiro. Assim no ano de 1960,

além de M. A. de Almeida, foram apresentados aos leitores tchecos, nessa coleção, entre outros: Ciceiro, Erenburg, Flaubert, Chesterton, Karinthy, Radiguet, Shelley, Verga.

O livro é barato, como é comum na Tchecoslováquia, onde os livros se publicam em elevada tiragem. Corresponde a treze passagens de bonde em Praga. Já vimos alguma recente edição brasileira de Dom Casmurro que custasse 65 cruzeiros? Esta edição é a primeira apresentação do nosso clássico na Tchecoslováquia e o estudo de Zdenek Hampejs, que a acompanha, é a primeira análise que se fez na Tchecoslováquia do nosso maior escritor nacional. O prefaciador descreve em 12 páginas a época em que viveu Machado de Assis, apresenta os principais dados biográficos, analisa a produção jornalística, poética e teatral do escritor, dedicando a maior atenção aos seus romances e contos. Baseado num bom conhecimento da literatura machadiana,

Violência de Lacerda contra Álvaro Moreira

Há cerca de vinte anos, o atual governador da Guanabara apareceu em prantos na casa de Alvaro Moreira — ponto de reunião de intelectuais — e comunicou que havia praticado uma baixezia, ao vender por trinta contos de réis uma reportagem a Valentim Bouças, onde denunciava seus companheiros militantes do Partido Comunista. Expulso como traidor da casa do escritor, não mais foi admitido nos círculos culturais de esquerda.

Agora, tanto tempo passado, cheio de poder nas mãos, aproveitou-se de um processo já prescrito — originado pelo funcionamento da Escola do Povo — para submeter Alvaro Moreira a uma violência, fazendo-o, por meio de ordem de seus beagüens, comparecer à Polícia Central para depor no citado processo.

Com mais de setenta anos, a saúde já desgastada, lá foi obrigado a ir Alvaro Moreira, acompanhado de seu médico, de quem tinha ordens do máximo repouso, sofrer o vexame de ser interrogado por um policial qualquer.

É o ódio de Lacerda contra a inteligência, contra qualquer forma de progresso, a demonstrar que ninguém pode viver em segurança sob seu governo.

Além de M. A. de Almeida, foram apresentados aos leitores tchecos, nessa coleção, entre outros: Ciceiro, Erenburg, Flaubert, Chesterton, Karinthy, Radiguet, Shelley, Verga.

Teatro BEATRIZ BANDEIRA

"O BÓCA DE OURO" (II)

Não é novidade a "Boca de Ouro", digamos assim (já que está em moda a palavra "do teatro") Nelson Rodrigues pela Cia. Nacional de Teatro. Eu, por exemplo, cheguei há pouco ao Rio, tomei contato com ele através de duas de suas peças "A Fabricação" e "Senhora dos Afogados", aí mesmo lá de 1954, se bem me lembro, pela companhia oficial, então chamada "A Dramática". Certo, e durante o tempo do saudoso Santa Rosa, chegou ao meu ouvido lirismo poético que transbordava de todas as suas ênfases, ficava-se sem saber se o mérito das peças caberia totalmente ao cenógrafo que tanto as valorizava. E também a algumas belas interpretações, como as de Natalia Timberg e Sonia Olteira, por exemplo, ou independia de um e outras. Em boa hora o S.N.T. editou as obras completas desse autor, para um estudo mais sério por parte dos interessados. Mesmo não gostando de algumas, surpreendi-me a força dramática do autor, sua verdadeira intuição teatral. A beleza quase clássica de "Senhora dos Afogados" trágica atualíssima e ao mesmo tempo válida em qualquer época. Agora, ante o "Boca de Ouro" cogita-se muito de saber da importância ou não da obra de Nelson Rodrigues. Para mim seu grande mérito é ser um teatro-ólogo que, em quase tudo o que escreve se situa, claramente, no tempo e no espaço. Suas peças podem ser rigorosamente limitadas a uma determinada época em determinado local. Elas expressam "A Fabricação", "O Boca de Ouro", "O Vestido de Noiva" — por exemplo, a vida de certas famílias pequenas-burguesas patricinhas, na zona suburbana da cidade do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XX. Com seus pequenos interesses, jogo de bicho, fotógrafos de vituallas, rivalidades, traques, lutas desesperadas para ascender na escala social — quase sempre sem olhar os meios — suas míseras lutas e morais, sua intensa ignorância e falta de perspectiva. É um quadro dissoluto, sem dúvida. Mas tem o valor de um documento. Mesmo apresentando uma visão unilateral da vida, não me apresentando inequivocamente uma fotografia deformada da realidade. Quando Nelson Rodrigues retrata o outro lado dessa vida sempre para um teatro de costumes, pupilo de perspectivas, mas menos simbólica.

O ESCANDALO DAS HORTAS "LEPROSAS" DE JACAREPAGUA

Polícia de Lacerda Protege a "Saúde" da Light

Noventa garis da Limpeza Urbana, acompanhados de mais uns tantos policiais, destruíram, há três semanas atrás, várias hortas em Jacarepaguá. O arsenal de cassetetes, pás, enxadas e picaretos dos invasores e a grande violência da invasão impediram qualquer reação momentânea dos agricultores, que viram, de um momento para outro, destruídas inteiramente suas plantações de alface, couve e outros produtos. Pouco depois, o governador Lacerda visitou a lama e a desolação que restaram dos canteiros vicejantes, posando para os fotógrafos e repórteres como defensor da saúde da população carioca.

"Higiene" policial

De fato, a invasão destruidora, com toda a sua truculência de tipo fascista, foi explicada na ocasião como uma medida de proteção à população carioca, particularmente à de Jacarepaguá, pois as plantações referidas seriam irrigadas com águas servidas da Colônia de Leprosos de Curupaiti, cujos esgotos desaguariam num córrego que atravessa a zona arrasada. Foi dito que a medida «saneadora» fora sugerida pelo diretor do Departamento de Esgotos Sanitários, em virtude da poluição das águas que irrigavam as hortas.

Contudo, a destruição «saneadora» não passou de uma encenação para disfarçar interesses escusos. A reportagem de NOVOS RUMOS, em revista às hortas destruídas, pôde constatar que não há a menor relação entre a sua destruição e uma possível poluição das águas de irrigação pela Colônia de Leprosos.

Qualquer um que visitar o local poderá verificar, em primeiro lugar, que as hortas destruídas não recebem águas do córrego dado como poluído; poderá ver, igualmente, que as águas do referido córrego estão a mais de um metro abaixo do nível das hortas destruídas, e que os lavradores não têm qualquer aparelhamento de irrigação ou canais que permitam elevar aquelas águas até o nível das plantações.

Riacho poluído

As hortas destruídas são regadas, na realidade, pelo rio Covança e pela água de poços artesanais que existem na área; elas nem sequer PODEM receber águas do riacho poluído, a não ser que fossem feitas grandes escavações para fazê-lo subir em sentido contrário ao seu curso natural.

Por outro lado, numa confirmação de que a «destruição saneadora» não passa de uma farsa e de uma cortina de fumaça para esconder interesses que nada têm a ver com a higiene e a saúde da população, a reportagem de NR observou que outras hortas situadas mais abaixo à margem do riacho em questão, e que de fato utilizam suas águas, foram deixadas intactas.

Cortina de fumaça

Na realidade, por que policiais e garis receberam ordem para destruir plantações de quase 100 lavradores, fazendo com que dobrasse o preço das hortaliças na região?

A maior parte dos terrenos em que se localizam as hortas destruídas pertence à «Rio Light S. A.», ou melhor,

à ex-subsidiária cujas terras-velhas o governo Lacerda recebeu há pouco: a «Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico». Como uma companhia que se dizia deficitária conseguiu possuir dezenas de hectares de terras numa área próxima à zona urbana, onde o metro quadrado vale cerca de Cr\$ 2.000,00 — eis o que o governador Lacerda deveria averiguar, quando aceitou o ferro-velho da companhia de bonde.

Ao invés disso, mandou destruir as hortas das dezenas de lavradores aos quais a subsidiária da «Light» aluga os lotes agrícolas, e isto porque a concessionária iniciara uma transação com uma companhia imobiliária para a venda destes terrenos arrendados.

Especulação imobiliária

Ao vender o terreno e suspender os arrendamentos, a «Light» certamente não estará interessada em indenizar os lavradores por sua produção, avaliada em cerca de Cr\$ 6 milhões nem por suas benfeitorias, no valor aproximado de Cr\$ 4 milhões. O lucro da especulação imobiliária será muito maior sem o pagamento dessas indenizações.

E simplesmente o aumento do lucro imobiliário que o sr. Lacerda favoreceu, ao iniciar, na prática, a expulsão dos lavradores arrendatários dos terrenos da «Light», destruindo suas plantações sem a menor indenização e sem qualquer informação aos lavradores sobre o seu futuro. E esse lucro imobiliário é tão grande que, já sem ajuda de cassetetes, fez com que a área cultivada do ex-Distrito Federal baixasse de 48.578 hectares em 1940, para 39.663 hectares em 1950.

Talvez agora se torne mais compreensível porque tão grande número de escritórios eleitorais do sr. Lacerda localizava-se nos terrenos de edifícios em construção.

Saúde a cassetete

De qualquer maneira, é evidente que a saúde não é um caso de polícia. Que ela fosse tratada como tal, já bastaria para levantar a suspeição sobre a razão «sanitária» da batida policial-esca de Jacarepaguá. Mesmo que fosse constatada a poluição das hortas e verduras, o governo deveria encontrar junto com os lavradores uma solução conveniente: desvio das águas poluídas, através de esgotos subterrâneos; conserto ou melhoria da estação de tratamento e desinfecção das águas da Colônia de Curupaiti ou, em último caso, transferência dos lavradores para outras terras.

O governo deveria, no mínimo, avisar os lavradores, dando-lhes um prazo para a tomar providências, e é esta a opinião dos próprios lavradores. Nada, entretanto, foi solicitado ou informado a eles. Ao invés disso, uma invasão de surpresa; enxadas e picaretos destruindo em horas um trabalho de anos, com proteção e ajuda de um choque da Polícia de Vigilância, impedindo qualquer protesto. E nem uma palavra de explicação.

Providências

Em vista disso, os lavradores decidiram entrar com uma ação na Justiça, reclamando uma indenização pelos prejuízos que tiveram com a destruição de sua produção; pretendem eles provar que as terras que cultivam

não recebem águas de Curupaiti e que, de qualquer modo, o governo não pode responsabilizá-los por esta poluição obrigando-os a abandonar suas terras.

Vários lavradores relatam, inclusive, que o córrego dado como poluído não tem qualquer aviso nas suas margens e, por isso, dezenas de crianças de Jacarepaguá brincam e tomam banho em suas águas nos dias quentes. A «preocupação sanitária» do gover-

nador Lacerda parece-lhes, pois, muito limitada e específica.

Por outro lado, na Assembleia Constituinte, os deputados Hércules Correia e Roland Corbisier, depois de visitarem as hortas destruídas e entrarem em contato com os lavradores, fizeram a denúncia da invasão, remetendo ao Executivo estadual um requerimento de informações sobre a questão.



O que sobrou

Nem tudo foi destruído. Alguma coisa sobrou da fúria destruidora dos hegulus de Lacerda. Mas a falta de água e o calor mataram as plantações abandonadas por seus donos por ordem do governador.

HÉRCULES E CORBISIER NO PARQUE PROLETÁRIO DA PENHA

Constituição (do Jeito Que Está) dá Muito Pouco Para as Favelas

Uma «light-mirim» funciona no Parque Proletário da Penha, submetendo os favelados à mais brutal exploração. Individuos inescrupulosos controlam o fornecimento de luz através dos medidores que instalaram, cobrando preços exorbitantes que variam de Cr\$ 5,00 por kw a Cr\$ 40,00 por lâmpada. Além disso, na sua ansia de lucros maiores, sobrecarregam os medidores provocando constantes queimas e, conseqüentemente, o corte de fornecimento para centenas de favelados. Tais ocorrências são periódicas e delos os fornecedores se aproveitam para cobrar taxas exorbitantes para restabelecer as ligações.

A denúncia foi formulada pelos moradores do Parque, durante o encontro que tiveram com os constituintes Hércules Correia dos Reis e Roland Corbisier, especialmente convidados para debater com os favelados questões ligadas à elaboração da constituição da Guanabara.

A reunião, realizada sob os auspícios de NOVOS RUMOS, compareceram centenas de trabalhadores, que aplau-

diram demoradamente os dois representantes da oposição na assembleia guanabarina.

Uma batalha só

«Não pode o governador Carlos Lacerda — falou o deputado Corbisier, abrindo a reunião — resolver os problemas do povo carioca. Para se eleger governador ele assumiu compromissos, não com o povo, mas com os grupos reacionários nacionais e estrangeiros, seus grandes eleitores, notadamente a Light, os homens da rua Acre, os frigoríficos e os tubarões do ensino».

Depois de reafirmar a sua disposição de cumprir os compromissos que havia assumido durante a campanha eleitoral, fez um relato sucinto da situação na Assembleia Constituinte, definindo as posições dos representantes do governo e da oposição diante dos problemas existentes na Guanabara. Em relação à questão das favelas, disse o deputado Corbisier que a minoria propusera a constituição de uma comissão especial, da qual participariam representantes de todas as favelas da Guanabara, a fim de se elaborar um programa contendo as indicações para a solução dos mais graves problemas que afligem tais núcleos urbanos.

«A essa como outras propostas que beneficiariam a população — afirmou o constituinte petebista — a maioria, dócil às determinações do governador, opôs sua recusa».

Sob intensos aplausos da multidão presente, o deputado Corbisier terminou seu discurso ressaltando a necessidade de o povo se unir na batalha pela solução dos grandes problemas nacionais, dos quais não estão desligados os problemas particulares da Guanabara.

Remendo em casa velha

«Há quantos anos os candidatos percorrem as favelas e prometem, antes de cada pleito, resolver todos os problemas que afligem os favelados? O que foi feito até hoje? — perguntou o deputado Hércules Correia dos Reis, ao iniciar seu discurso.

«Nada» foi a resposta dos presentes à reunião.

Após constatar o completo abandono a que foram relegadas as favelas do Rio de Janeiro, apesar dos milhares de promessas já feitas, o deputado Hércules assinalou que não basta dar ao trabalhador favelado uma assistência social que cheira a esmola, instalar uma ou outra bica. «O favelado precisa — disse — de segurança. Segurança de que amanhã não será despejado do pedaço de terra que ocupa».

Prestando contas do seu trabalho na Assembleia, relatou as atividades que foram desenvolvidas na subcomissão competente pelos membros da minoria que dela fazem parte (o deputado Hércules é um deles). Assinalou como uma das vitórias obtidas a in-

clusão no projeto de Constituição, de artigo que determina a dotação de 3% da arrecadação do Estado para a urbanização das favelas, de autoria dos representantes do PTB e do PSB.

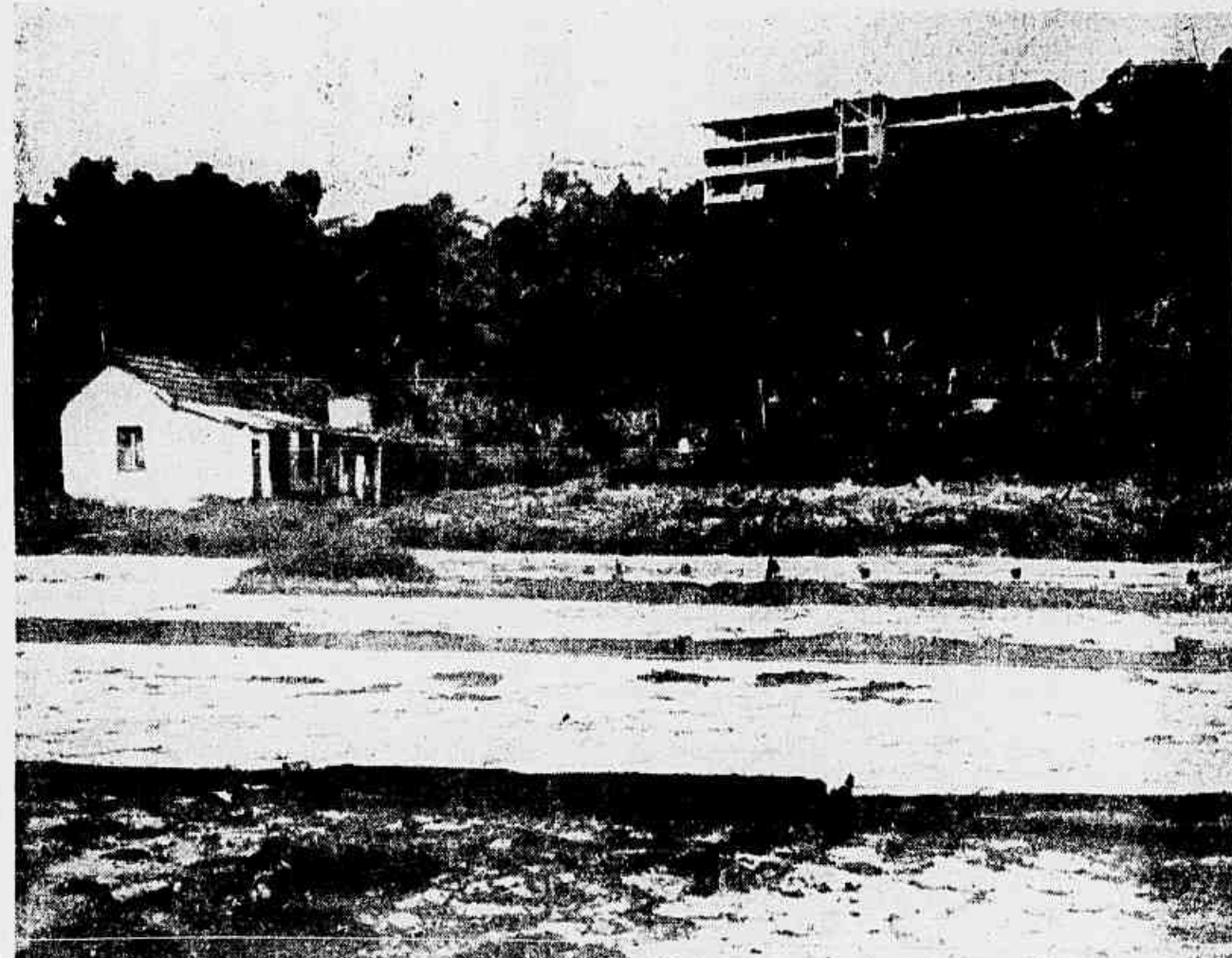
Conclamando finalmente o povo a lutar decididamente para fazer aprovar uma constituição democrática e progressista, assinalou o exemplo do povo cubano.

«Cuba — disse — deu o exemplo a todos os povos da América Latina. A Revolução fez a reforma agrária que deu terra aos camponeses e a reforma urbana que deu moradia a todo o povo... A defesa da Revolução Cubana é parte da luta de cada povo da América» — concluiu.

Debate frutífero

Após o discurso do deputado Hércules Correia dos Reis, estabeleceu-se um debate durante o qual os favelados solicitaram medidas no sentido de se coibir a exploração a que são submetidos pelos fornecedores de luz e outras visando a dotar a favela dos melhoramentos capazes de proporcionar condições de vida mais humanas para os seus moradores.

Os parlamentares presentes, na ocasião, se comprometeram a fazer um requerimento de informações ao governador estadual a fim de que o mesmo informe à Assembleia sobre o problema do fornecimento de luz às favelas e que medidas pretende tomar para impedir os abusos.



Terra arrasada

Há alguns dias atrás aqui vicejavam pés-de-couve, alfaces, quiabos, tomates, chuchus, cenouras, abórgãos, enfim os mais variados tipos de verduras que desfilam todas as semanas nos mercados da carioca. Mas o terreno da Light, e a Light quer vendê-lo. Para não indenizar os arrendatários, Lacerda mandou a polícia destruir as hortas.

CINECLUBISTAS PREPARAM FUNDAÇÃO DE SUA CONFEDERAÇÃO

Jornada Dos Cineclubes Condenou a Dublagem

Sob o patrocínio da Federação dos Cine-Clubes do Rio de Janeiro, e orientada pelo Centro dos Cine-Clubes de São Paulo, realizou-se na Guanabara, de 21 a 24 de janeiro último, a VIII Jornada de Cine-Clubes. O certame, ao qual compareceram 83 delegados de entidades do gênero em todo o Brasil, além de representantes de cineclubes da Argentina e Venezuela, teve a prestigiosa presença do presidente da FIAF, sr. J. Toeplitz.

Um vasto programa foi cumprido, destacando-se a realização de sessões plenárias e reuniões de comissões técnicas, a visita a estúdios cinematográficos e a apresentação de alguns clássicos do cinema mundial.

discutiram-se numerosos problemas ligados às atividades dos cineclubes e alguns concernentes aos problemas gerais da cinematografia. As principais resoluções aprovadas durante o certame foram as seguintes: 1) — Iniciar campanha de âmbito nacional em favor da aprovação de leis Municipais semelhantes à Lei 4854 de São Paulo, que cria um adicional sobre o imposto de diversões nos ingressos de cinema, em favor dos produtores brasileiros, mediante prêmios e financiamentos ditatorialidades, manifestando-se contra a dublagem de filmes estrangeiros; 3) — encaminhar mensagens às autoridades, retos; 2) — encaminhar mensagem ao sentido de que seja aprovado o projeto do deputado Sérgio Magalhães em favor da Cinemateca Brasileira; 4) — delegar poderes à Cinemateca Brasileira para elaborar e apresentar às autoridades competentes um projeto do Estatuto do Cinema não Comercial no Brasil, visando à preservação dos bens

filmes exibidos no país, após a sua exploração comercial; 5) — apoiar as resoluções do I Congresso Brasileiro dos Críticos de Cinema, realizado recentemente em São Paulo; 6) — criar um Conselho Nacional dos Cine-Clubes, com o fito de organizar a Confederação Brasileira dos Cine-Clubes, entidade máxima dos cineclubistas do Brasil. O Conselho criado em virtude da resolução acima, está constituído dos seguintes elementos: Valter Pontes (GB), Pe. Barros (Nova Friburgo), José Alberto Fonseca (Belo Horizonte), Umberto Didonet (Porto Alegre) e Carlos Vieira (São Paulo). O plenário aprovou a escolha da cidade de Porto Alegre, como sede da próxima jornada a se realizar em fevereiro de 1963.

Os delegados ao certame foram recepcionados pelo Instituto Nacional do Cinema Educativo, cujo diretor lhes ofereceu um coquetel na «Maison de France».

Programa de Kennedy: Superar Crise Com a Corrida Armamentista

O presidente John Kennedy, em sua primeira mensagem sobre o Estado da União apresentada ao Congresso no dia 31 de janeiro, confirmou oficialmente aquilo que os relatórios oficiais e numerosos trabalhos de técnicos e economistas afirmavam a respeito da situação econômica e política dos Estados Unidos. Traçou com as linhas da verdade as condições em que vive o povo (falta de habitação, educação deficiente, falta de assistência médica), a crise econômica que se agrava e com ela o aumento cada vez maior do número de desempregados. As soluções que o presidente indica, estreitamente ligadas ao que ele considera o problema mais agudo, o da política externa a ser seguida pelo seu governo, são aquelas dedicadas ao aumento do poder agressivo do país, de manutenção dos blocos militares e das tropas estacionadas em bases no exterior e que consumirão mais da metade do orçamento americano para o presente exercício.

Chamando a atenção dos leitores para o trabalho comparativo da situação econômica dos Estados Unidos e da URSS publicado no número 100 de NOVOS RUMOS, publicamos abaixo alguns dos trechos mais importantes da mensagem de Kennedy. (Os títulos e subtítulos são da responsabilidade da redação de NR).

A Realidade Americana: Para a Paz, Palavras; Crise, Desemprego e Miséria Para o Rearmamento, Fatos

"O estado atual da economia é perturbador. Assumimos o governo após sete meses de recessão, três anos e meio de uma economia frouxa, sete anos de um reduzido desenvolvimento econômico e nove anos de declínio na renda agrícola.

"As bancarrotas chegaram a nível recorde desde a grande depressão. Desde 1951, a renda agrícola diminuiu em 25 por cento. Salvo por um breve período, em 1958, o número de desempregados é atualmente o maior da história. De cinco milhões e meio de norte-americanos sem empregos, mais de um milhão procuram um emprego há mais de quatro meses; cada mês que passa, cerca de 150.000 trabalhadores dissipam as já parcas pensões por desemprego a que têm direito.

"Quase uma oitava parte dos desempregados vivem quase sem esperanças em dezenas e dezenas de zonas afetadas pela depressão. O restante inclui elementos recém-formados, incapazes de aplicar seus talentos, agricultores forçados a deixar empregos de meio período com que vinham equilibrando seus orçamentos, trabalhadores especializados e não-especializados dispensados por indústrias importantes como as de metais, maquinário, automóveis e máquinas.

"Nossa recuperação da depressão de 1958, além disso, foi anêmica e incompleta. O produto nacional bruto não recuperou seu pleno potencial. O desemprego não retornou aos níveis normais. O uso máximo de nossa capacidade industrial não foi restabelecido.

"Em resumo: a economia norte-americana está em dificuldades. A economia industrial mais rica da Terra alinha-se com a última em questão de desenvolvimento econômico. Desde a primavera passada, na verdade, regresso. As aplicações estão em declínio. Os lucros caíram abaixo dos níveis previstos. Cessaram as construções. Um milhão de automóveis não vendidos aguardam compradores. Menos gente está trabalhando — e a semana média de trabalho diminuiu para menos de 40 horas. Não obstante, os preços continuaram a aumentar, de forma que muitos norte-americanos têm agora menos para comprar artigos que custam mais.

"A profecia econômica é uma coisa incerta — como ficou demonstrado pela previsão feita há um ano desta triúna, de que 1960 seria o ano mais próspero de nossa história. Embora as previsões de crise e de crescimento sejam válidas para os anos de 1961 e 1962 — e são previsões de uma unanimidade alarmante — esta administração não pretende ficar impassível."

sário aplicar este ano um novo programa de construção de moradias, subordinado a um novo Departamento de Assuntos Urbanos e Residenciais".

Faltam escolas e professores

"As salas de aula de nossas escolas contêm 2 milhões de crianças a mais do que poderiam conter devidamente. Essas crianças são instruídas por 90.000 professores que não são devidamente qualificados para o magistério. Uma terça parte dos estudantes secundários formados é impedida por falta de recursos, de aplicar e desenvolver seus talentos. A geração de 1940, que superlotou nossas escolas na década de 1950, entra agora, na década de 1960, em nossos colégios — colégios mal preparados para ministrar instrução. Não temos cientistas, engenheiros e professores para corresponder às exigências de nossas obrigações mundiais. Negligenciamos a oceanografia, a conversão de água salobra em potável e as pesquisas básicas, que constituem o alicerce de todo progresso tecnológico".

Assistência médica

"As pesquisas médicas resultam em novas drogas maravilhosas — mas tais drogas muitas vezes, estão além do alcance de muita gente, em virtude da falta de meios, especialmente no que concerne aos cidadãos idosos, falta de leitos nos hospitais, falta de sanatórios e falta de médicos e dentistas. Devem ser adotadas ainda este ano medidas para proporcionar assistência médica aos cidadãos idosos, sob o sistema de aposentadoria, e aumentar o número dessas instituições e pessoal."

Falta democracia e sobra corrupção

"Existem outros pontos sensíveis. Nosso suprimento de água potável está diminuindo. O crime organizado e a delinquência juvenil custam aos contribuintes milhões de dólares todos os anos, demandando urgentes providências e nova legislação. A negação de direitos constitucionais a alguns de nossos concidadãos devido à sua raça — nas eleições e em outras ocasiões — perturba a consciência nacional e nos expõe à acusação da opinião pública mundial, a qual conclui que nossa democracia não corresponde às altas promessas de nossa herança. A honestidade nos negócios particulares não foi devidamente amparada pela honestidade nos negócios públicos".

O dólar

"É verdade que, desde 1958, a diferença entre os dólares que gastamos ou aplicamos no estrangeiro e os dólares que aqui retornam aumentou grandemente. Este déficit geral em nossa balança de pagamentos aumentou em quase 11 bilhões de dólares nestes três anos — e os detentores desses dólares no estrangeiro converteram-nos em ouro, em tal quantidade que causaram uma fuga de quase 5 bilhões de dólares de nossas reservas de ouro. O déficit de 1959 foi causado, em grande parte, pelo declínio de nossas exportações — resultado de restrições sobre nos-

produtos e nossos preços. O déficit de 1960, por outro lado, foi mais resultado de um aumento no fluxo de capital particular em busca de novas oportunidades, maiores lucros ou vantagens especulativas no exterior.

"Entretanto, este país tem continuado a suportar mais do que sua parte das obrigações militares e de ajuda ao Ocidente. Segundo a política aplicada até agora outro déficit de 2 bilhões de dólares é previsto para 1961 — e os elementos naqueles países cuja posição do dólar dependia desses déficits para melhorar, perguntam-se agora se nossas reservas de ouro serão suficientes para atender a nossas obrigações...

"Enquanto se mantiver o atual déficit, serão encontrados meios para reduzir a fuga de dólares para o estrangeiro sem sobrecarregar as famílias dos homens a quem pedimos servir nossa pátria no ultramar.

"Esta administração pretende resumindo, apoiar todos nossos esforços no estrangeiro, convencida de que no futuro — como no passado — o dólar continue sendo "forte como o dólar".

"Todavia, todos esses problemas perdem importância quando comparados com aqueles com que nos confrontamos no mundo. Nenhum homem, ao ocupar este posto, sem distinção de partido ou seus serviços anteriores em Washington, poderia deixar de ficar abismado — mesmo num breve período de 10 dias — ao tomar conhecimento da enormidade das provações pelas quais teremos que passar nos próximos quatro anos. A crise se agrava a cada dia. Dia a dia, a sua solução se torna mais difícil. Dia a dia nos aproximamos mais da hora de perigo máximo, enquanto as armas se disseminam e as forças hostis se tornam mais fortes.

"Creio que é meu dever informar o Congresso de que nossas análises durante os últimos dez dias revelaram que em cada uma dessas principais áreas de crise o ritmo dos acontecimentos se acelerou e que o tempo não trabalha a nosso favor."

O que prevalecerá

"Para enfrentar estes desafios — desempenhar o papel a que não

podemos nos furtar no cenário mundial — devemos reexaminar e revisar todo nosso arsenal de meios: militar, econômico e político.

"Em primeiro lugar, devemos fortalecer nossos meios militares. Estamos penetrando num período incerto, em que as possibilidades militares e diplomáticas exigem um grande poderio do mundo livre de forma a tornar qualquer agressão evidentemente fútil.

"Assim, instruí o secretário da Defesa para que reconsidere toda nossa estratégia de defesa — visando satisfazer nossos compromissos — a eficiência, vulnerabilidade e dispersão de nossas bases estratégicas, forças e sistemas de alerta; a eficiência e a economia de nossa operação e organização; a eliminação de bases e instalações obsoletas; e a adequação, modernização e mobilidade de nossos sistemas de armas nucleares e convencionais à luz dos perigos atuais e futuros. Solicite sugestões preliminares até o fim de fevereiro — e então recomendaréi toda e qualquer ação legislativa, executiva ou executiva que seja necessária à luz de tais recomendações."

Força de agressão

"Entretanto, solicite ao secretário da Defesa que adote imediatamente as seguintes três medidas claramente necessárias:

"a) — determinei pronta ação para aumentar nossa capacidade de transporte aéreo. Obtendo maior mobilidade do transporte pelo ar — conseguindo, agora — melhor assegurarmos o poderio e capacidade de nossas forças convencionais para respeito, com discriminação e rapidez, qualquer problema em qualquer parte do globo, a qualquer momento. Isso nos capacitará especialmente a mobilizar e deslocar nossas forças de combate em guerras não-todas em setores diferentes do mundo.

"b) — determinei pronta ação para acelerar nosso programa de submarinos "Polaris". Utilizando agora verbas indeterminadas, destinadas à construção de betoneiras, construiremos e colocaremos em prontidão — pelo menos nove meses antes das datas previstas — um número substancialmente maior de elementos dissuasórios importantes: uma força que nunca atacará primeiro, mas dotada de poderio suficiente para reprimir, escondida sob os mares, de forma a desencorajar qualquer agressor;

"c) — determinei pronta ação para acelerar todo nosso programa de foguetes. Até a conclusão do estudo do secretário da Defesa, daremos ênfase a uma melhor organização e planejamento — para pôr cêbro à duplicação e atraso que têm prejudicado o programa de foguetes. Se quisermos manter a paz, precisamos dispor de uma força invulnerável de projetos, suficientemente poderosa para desencorajar qualquer agressor de fazer até mesmo uma ameaça de ataque, pois ele saberia que sendo impossível destruir nossos elementos de represália, não poderia evitar sua própria destruição."

Desarmamento

"Já adotei medidas para coordenação de desarmamento — ampliando nossos programas de pesquisas e estudos — e para tornar o controle dos armamentos um objetivo central de nossa política nacional, sob minha direção pessoal."

O "problema" cubano

"Na América Latina, agentes comunistas, buscando explorar a pacífica revolução de esperança da- denar e expandir nosso esforço queia região, estabeleceram uma base em Cuba, a somente 90 milhas de nossas praias. Nosso desacôrdo com Cuba não tem relação com a campanha do povo cubano em prol de uma vida melhor. Ela gira em torno do domínio desse povo por tiranias nacional e estrangeira. A reforma social e econômica de Cuba deveria ser encorajada. Questões de fundo econômico e de intercâmbio sempre podem ser resolvidas. Todavia, a dominação comunista neste Hemisfério nunca poderá ser objeto de negociação.

"Estamos comprometidos a trabalhar com as Repúblicas irmãs para libertar as Américas de toda dominação estrangeira e toda tirania, visando a preservação da liberdade no Hemisfério, do Cabo Horn ao Círculo Ártico.

"Ajuda" à América Latina

"... que o Congresso destine a verba de 500 milhões de dólares, prometida pela Carta de Bogotá, a ser usada não como um instrumento de "guerra fria", mas como um primeiro passo no sólido desenvolvimento das Américas.

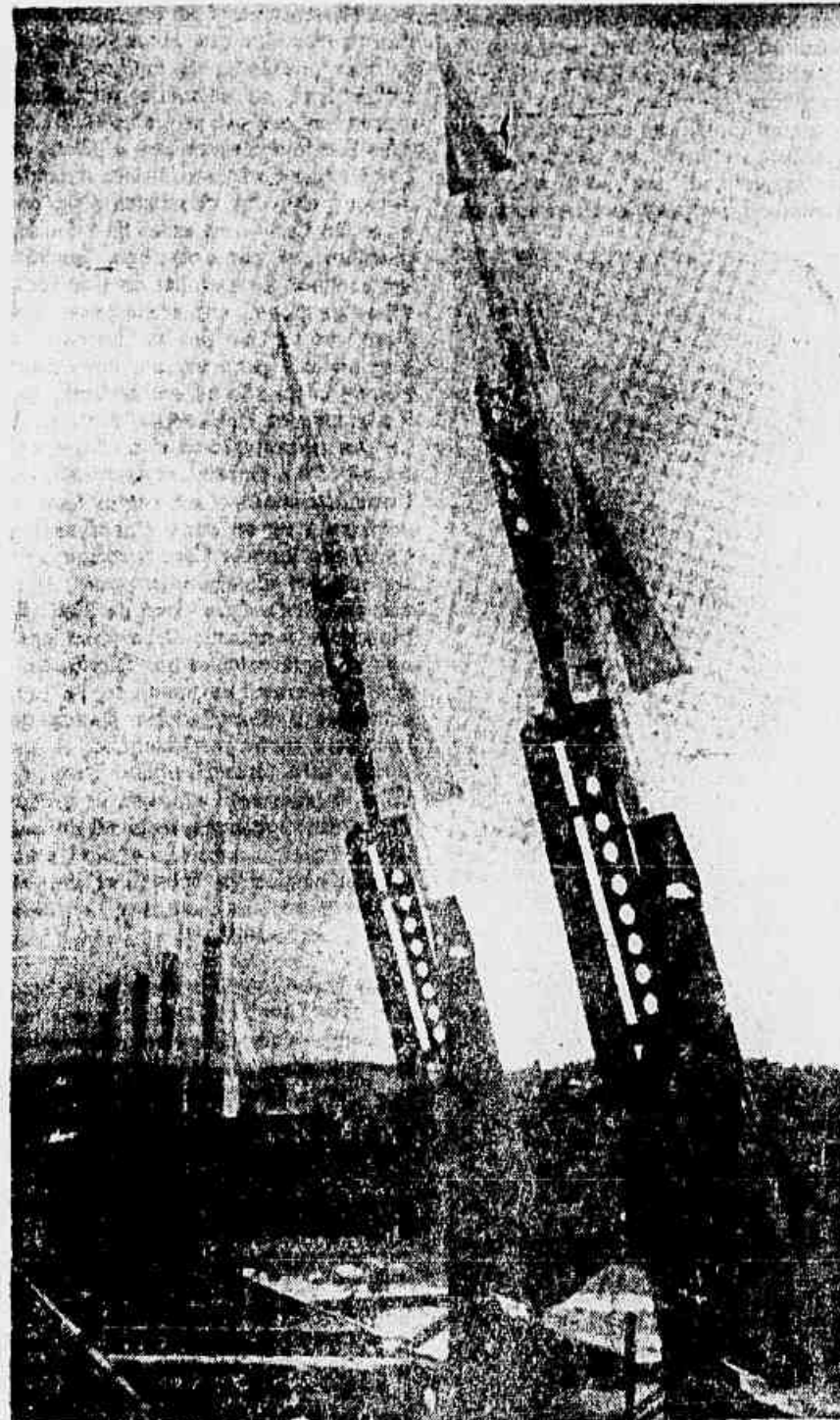
"... que seja estabelecida uma "força-tarefa" interdepartamental, sob a liderança do Departamento de Estado, para coordenar no nível mais alto todas as políticas e programas de interesse para as Américas;

"... que nossos delegados na OEA, trabalhando com os demais membros, fortaleçam aquele organismo como um instrumento de preservação da paz e destinado a impedir a dominação estrangeira de qualquer parte do Hemisfério."

As conclusões

"Sómente através da completa dedicação de todos nós ao interesse nacional, poderemos conduzir nosso país através dos anos conturbados que se acham à frente. Nossos problemas são críticos. A maré é desfavorável. As notícias boas serão mais frequentes do que as más. Enquanto esperamos pelo melhor, devemos estar preparados para o pior.

"Não podemos escapar de nossos perigos — nem devemos deixar que nos levem ao pânico ou isolacionismo. Em muitas áreas do mundo onde o equilíbrio de força já beneficia nosso adversário, as forças da liberdade acham-se profundamente divididas. É uma das ironias de nossa época o fato de a técnica de um sistema duro e repressivo ser capaz de instilar disciplina e ardor em seus adeptos — enquanto as bênçãos da liberdade muitas vezes significaram privilégio, materialismo e uma vida fácil..."



Armas e desemprego: medo e miséria

Cinco milhões e meio não têm emprego. Vinte e cinco milhões não têm onde morar. Em compensação, quase 60% do orçamento dos EUA são dedicados às despesas da corrida armamentista, embora dissertem muito sobre a paz.

2, milhões não têm onde morar

"Temos a cara cheia de obras inacabadas e negligenciadas. Nossas cidades estão sendo engobadas pelos tugúrios. E se longos anos depois de o Congresso ter declarado que temos por objetivo "um lar decente e um ambiente conveniente — para cada família americana", ainda temos 25 milhões de americanos vivendo em habitações precárias. Será neces-

Kennedy: «O Tempo Não Trabalha a Nosso Favor»
 Kruschiov: «O Tempo Trabalha a Favor do Socialismo»

Cuba: Território Livre da América

ALMIR MATOS

Enviado especial a Cuba

(1º de uma série de 5 reportagens)

Por mais identificado que estivesse com a revolução cubana, teria que ser desconcertante a impressão inicial de quem visitasse a «território livre da América» nos primeiros dias de janeiro: enquanto o país vivia a terrível ameaça de uma agressão que a qualquer instante podia ser deflagrada, e contra a qual toda a nação se achava literalmente em pé de guerra, o povo se mostrava não só tranquilo, mas alegre e feliz. Os combatentes velavam em suas trincheiras e ao longo da litoral viamos poderosos canhões prontos para fazer fogo. Mas andávamos nas ruas e o que as fisionomias nos revelavam não era a inquietação nem o medo, mas uma serena confiança e, mais ainda, entusiasmo. Tínhamos, naturalmente, uma explicação pronta para isso: e a alegria da revolução. Era, contudo, uma explicação pronta — e por mais certa que fosse permanecendo sendo demasiado geral para justificar plenamente aquela alegria, aquele otimismo.

Confesso: foi percorrendo a ilha, vendo o que nela já se fez nesses dois anos de revolução, ouvindo o pescador de Manzanillo, o trabalhador da cana de Matanzas ou a mulher, mãe de 9 filhos, que vai deixar o infante casebre da Manzana de Gomez, em Santiago, que pode dar vida, sangue, nervos ao que antes só podia ser explicado friamente, no plano intelectual. Tão grandes e tão palpáveis são os resultados da revolução para o povo cubano, tan-

tos e tão concretos são os motivos para ele se convencer de que suas sofridas mãos modelam uma nova vida que nem mesmo a iminência da agressão imperialista pode fazer calar a sua ruidosa e pura alegria. O otimismo se impõe, como uma necessidade. Era o que nos dizia a jovem esposa do mensageiro de telegramas José Hernandez, que hoje habitam uma das 1.500 magníficas casas construídas em Havana Leste (recolhem uma amortização de 17 pesos mensais por uma casa de sala e três quartos que, depois de paga, será sua): como posso deixar de estar alegre se moro numa casa assim, que é nossa e pela qual pagamos a metade do que pagávamos antes ao dono do casebre de um quarto em que vivíamos? Somos felizes e por essa felicidade eu e meu marido lutaremos até a morte!

Não há nenhuma jactância nos lemas de combate do povo cubano, escritos ou gritados de uma ponta a outra da ilha. «Pátria ou morte!» não é uma simples palavra-de-ordem: é uma enraizada decisão da esmagadora maioria dos homens e mulheres de Cuba. Essa grande maioria está consciente de que, agora, a Pátria é realmente sua: é a terra nas mãos dos camponeses, são os fabricas trabalhando para todos e não para um grupelho de parasitas, são as praias, onde antes só iam os turistas americanos ou os milionários de Cuba, abertas para os trabalhadores, são as casas entregues aos que delas precisam,



À luta com um sorriso

são as escolas que há dois anos eram odiados quartéis, são as milícias — o povo em armas para defender a revolução —, é a liberdade pela primeira vez experimentada, é a glória de seu país vencendo o furioso mas impotente agressor.

Não há jactância. Mas quem assistiu ao desfile das milícias no dia 2, e, mais do que isso, quem esteve em contacto direto com o povo de Cuba — seus operários, seus camponeses, sua juventude — sabe que Fidel Castro manifestou uma decisão praticamente unânime ao anunciar que, em caso de agressão, o país resistiria por trás até do último escombros. Acredite o leitor que não há nenhum exagero aqui, nem nenhuma intenção de explorar o seu sentimentalismo, mas que é uma pura verdade o que passo a dizer: no «hall»

do hotel Havana Livre, antes do discurso de Fidel, este repórter e o deputado Almino Afonso ouviam de uma criança de 8 anos, trajado de miliciano — a linda garota Maria del Carmen, filha do operário Vitor Emanuel — o mesmo compromisso que mais tarde seria assumido pelo legendário chefe do Governo cubano.

É claro que há também a contra-revolução, e que ela atua e não se entrega. Quem são os contra-revolucionários? Numericamente poucos, muito poucos: os parasitas que viram liquidados os seus privilégios, os antigos senhores da terra, os milionários do contrabando, os que sob a proteção do tirano Batista traficavam com a Pátria, os que fizeram da imensa Quinta Avenida — toda ela, dos dois lados e do começo ao fim — um antro de cabarés, prostíbulos e casas de jogo. Também um punhado de mocinhos de vida fácil, filhos de papai, que costumavam ir a Miami passar os fins de semana ou simplesmente para ver um novo filme pornográfico: são os «senhoritos», como os chamou Fidel. Antes, o comando da contra-revolução se desdobrava entre Miami e a Embaixada Americana em Havana, embora o seu centro fosse e continue a ser um só: o Departamento de Estado yanque. Com o rompimento de relações diplomáticas, porém, tiveram de sair de Cuba cerca de 300 «diplomatas» (enquanto Cuba tinha apenas 11 representantes nos Estados Unidos) que eram, na realidade, os articuladores e financiadores diretos do terrorismo contra-revolucionário. A seu serviço está também o alto clero de Cuba, inteiramente submisso às ordens do cardeal Spellmann, mais até do que as do Vaticano, mas sem apoio de um grande número de sacerdotes dignos, dentre os quais se destaca por sua bravura o padre Lence.

Os terroristas atuam ainda, embora não exista nenhuma seriedade nas notícias que lemos em nossa «grande imprensa» sobre supostos «levantes» ou «guerrilhas». Eles atuam como bandidos: jogam uma bomba, assassinam um professor-voluntário, incendiam um canal, prejudicam a produção em uma ou outra fábrica, procuram enfim dificultar a grandiosa obra criadora que o povo cubano realiza. Também como bandidos, há os que fogem de Cuba porque preferem viver limpando as botas de seus amos norte-americanos. E há os que agem sub-repticiamente, tentando espalhar a descrença ou o pânico, sobretudo entre a juventude das escolas ou em setores como o pequeno comércio. Mas o povo os despreza e os repudia.

Assistimos a um julgamento de terroristas em La Cabana e vimos, 5 jornalistas brasileiros, o equilíbrio e a seriedade com que são apurados e punidos as suas culpas. É um tribunal revolucionário, sob a presidência austera e serena do capitão Aiala, grave e justo com sua experiência de combatente da Sierra Maestra e sua esposa e respeitável barba. No dia em que lá estivemos atuavam oito advogados de defesa. Conversamos com vários deles, e penso que nada melhor do que reproduzir o seu depoimento de defen-

Tranquilos ante o perigo: só a consciência do que vale a revolução para a Pátria pode permitir que os operários e camponeses enfrentem o agressor imperialista com um sereno sorriso nos lábios. Estes não dizem uma frase feita quando gritam: Pátria ou Morte! É uma palavra-de-ordem que empolga não só os habitantes da ilha heroica, mas todos os povos amantes da liberdade, que vêm no exemplo da pequena Cuba o caminho a seguir para solucionar seus infortúnios provenientes da opressão desumana imposta pelo imperialismo aos países pouco desenvolvidos.

sores dos terroristas: não há nenhuma limitação ao nosso trabalho como advogados de defesa; somos considerados e respeitados pelo tribunal; nossos constituintes não sofrem aqui qualquer violência; não houve até agora uma só decisão que possa ser tida como injusta.

A contra-revolução vai sendo esmagada pelo povo. E tudo o que vimos nos convence de não existir em Cuba a mais remota possibilidade de êxito de qualquer movimento sério contra a revolução: o povo armado o esmagaria num abrir e fechar de olhos. Que ninguém tenha dúvida: a revolução cubana é irreversível e se desenvolve, num ritmo impressionante, sempre para a frente, para novas e maiores conquistas.

É claro que há também a contra-revolução, e que ela atua e não se entrega. Quem são os contra-revolucionários? Numericamente poucos, muito poucos: os parasitas que viram liquidados os seus privilégios, os antigos senhores da terra, os milionários do contrabando, os que sob a proteção do tirano Batista traficavam com a Pátria, os que fizeram da imensa Quinta Avenida — toda ela, dos dois lados e do começo ao fim — um antro de cabarés, prostíbulos e casas de jogo. Também um punhado de mocinhos de vida fácil, filhos de papai, que costumavam ir a Miami passar os fins de semana ou simplesmente para ver um novo filme pornográfico: são os «senhoritos», como os chamou Fidel. Antes, o comando da contra-revolução se desdobrava entre Miami e a Embaixada Americana em Havana, embora o seu centro fosse e continue a ser um só: o Departamento de Estado yanque. Com o rompimento de relações diplomáticas, porém, tiveram de sair de Cuba cerca de 300 «diplomatas» (enquanto Cuba tinha apenas 11 representantes nos Estados Unidos) que eram, na realidade, os articuladores e financiadores diretos do terrorismo contra-revolucionário. A seu serviço está também o alto clero de Cuba, inteiramente submisso às ordens do cardeal Spellmann, mais até do que as do Vaticano, mas sem apoio de um grande número de sacerdotes dignos, dentre os quais se destaca por sua bravura o padre Lence.

vários comícios de que participamos! E como era ardente a gratidão com que os cubanos se referiam sempre, em qualquer parte, a ajuda que lhes vem sendo dada pelos países socialistas! O Padre Lence falava por todas as coisas ao dizer: «Reconhecemos essa mão que nos estendeu o povo russo na hora em que nos queria assassinar o Ocidente que se chama cristão e não o é». Assinalo aqui apenas a gratidão do povo de Cuba para com os países socialistas. Em outra reportagem mostraremos em que tem consistido, concretamente, essa ajuda.

É assim, solidamente apoiada em um povo que sabe agora o que é ser livre e feliz e cantando com a solidariedade das nações socialistas e dos povos de todo o mundo, que a revolução cubana avança. Cuba é uma pequena ilha do Caribe: a metade de São Paulo em população e em extensão geográfica. Mas aí, pela primeira vez em nosso Continente, o Poder está nas mãos do povo. Cuba é o território livre da América. A defesa desse território e dessa revolução tem que ser algo de sagrado para o nosso povo.



Do lápis à metralhadora

Professoras voluntárias: quando não estão com o lápis ou o caderno nas mãos carregam metralhadoras. Com a mesma segurança, liquidam o analfabetismo e a contra-revolução. As mulheres cubanas nada ficam a dever aos homens em sua abnegação na defesa das conquistas revolucionárias, pois sabem que disso depende todo um futuro de felicidade para a pátria.

NOVOS RUMOS

Educação e Promessas

Continua em termos de promessas o grande problema da educação no Brasil. Sem ilusões no caráter da sociedade em que vivemos — sociedade de privilégios — não é possível pretender solucioná-lo completamente. O problema da educação tem as suas implicações numa nova estrutura econômica, que determinará uma nova estrutura social. Mas há o aspecto da alfabetização, o da instrução, que poderia ser encarado do ponto de vista da própria burguesia, que, na presente fase, desenvolvimento industrial, necessita de mão-de-obra especializada. O problema da instrução vem se agravando de tal forma que, hoje, está atingindo, duramente, a camada média da população. No começo de cada ano escolar, os números e os fatos comprovam esse agravamento. Num relatório a ser apresentado pelo professor João Roberto Moreira ao novo ministro da Educação, consta que "de cada geração que se matricula no primeiro ano primário, apenas 48% passam para o 2º ano; dessa mesma geração, apenas 20% terminam o curso primário; somente 10% dela ingressam nos cursos médios, e apenas 1%, quando muito, matricula-se num curso superior". Os fatos ilustram os números. Todos os anos é a mesma corrida, em massa, para os estabelecimentos do governo, que exclui, em massa, também, os interessados. Aqui, so um pequeno gênio pode ingressar nas escolas para formação de professoras ou para os ginásios oficiais. A prova de matemática, este ano, para ingresso no Instituto de Educação tem servido de tema até para discussões entre catodrípticos da matéria. Assim, também, a maioria das crianças da chamada classe média vai ser excluída daqueles 20% que conseguem, até então, ingressar no curso médio, porque as anuidades vão, presentemente, de setenta a mais de cem mil cruzeros. Quantos poderão pagá-las?

Mas a situação mais comovente é a dessas crianças de 7 anos que não chegam a matricular-se no 2º ano primário: 52%! E a dos 80% que vêm todos os seus sonhos terminarem, cruelmente, no último ano do curso primário! Que farão de todos os seus sonhos?

Sobre educação os novos administradores, naturalmente, não farão inquiridos: a sociedade toda está envolvida no crime. Preferirão fazer novas promessas, que não serão cumpridas, porque há um interesse de classe em não permitir que os operários e camponeses tenham acesso à cultura. Todos sabem de sobra, todos os governos, este e os anteriores, que só a instalação de unidades escolares correspondentes às necessidades da população infantil e ao seu crescimento vegetativo contribuirá, se não para a erradicação completa do analfabetismo, pelo menos para diminuir os seus vergonhosos índices.

Tudo, porém, não passa de promessas que morrem com os sonhos das crianças que não vão além do curso primário, porque as que não aprenderam a ler, também, não aprenderam a sonhar.

Ano Montenegro

Dele o casario dos pescadores e o mar levantam-se enormes barreiras de cores variadas, onde predomina o vermelho, contrastando com o verde das águas. Por trás do casario, dunas de areia finíssima. É uma das numerosas praias de pescadores do Ceará, mas incomparável pela sua beleza. Chama-se Morro Branco. Está a uns três quilômetros da cidadezinha que a gerou Beberibe. Mas enquanto Beberibe permanece estagnada há muitos anos, Morro Branco cresce nos últimos tempos. Tinha meia dúzia de casinhas pobres; hoje conta quase uma centena de estas, algumas já menos pobres, embora idiosyncráticas.

De cima das barreiras, avista-se lá das as manhãs as tradicionais jangadas enfrentarem a fúria das ondas, vendendo, fazendo-se ao largo até perderem-se de vista.

Estas frágeis embarcações, que há alguns anos iam à pesca da cavala ou do arriaco e do pango vão agora de preferência à pesca da lagosta. E as vejas retornaram na manhã seguinte, carregadas de crustáceos, vivos, saltitantes ainda, a se amontoarem num galpão a meio caminho entre o casario dos pescadores e o mar.

"Não desça! Estou lhe avisando"...

Em Morro Branco todos se conhecem. Muito raramente aparece gente de Fortaleza para o banho de mar aos domingos ou feriados.

Um dia surgiu um desconhecido que evidentemente não vinha se divertir.

— Amigo, que faz por estas bandas? — perguntou-lhe alguém.

— Vim comprar lagosta.

— Para o senhor mesmo?

— Não, para uma firma em Fortaleza?

— A como paga?

— A 20 cruzeiros...

A presença do homem espalhou-se logo entre os pescadores. E ele trazia uma novidade que interessava vivamente ao pescador: 5 cruzeiros a mais por lagosta.

Mal sabia o forasteiro (ou talvez o soubasse) que aquela praia já era domínio de outra firma, a «Pesca Alto-Mar Ltda.». O agente comprador desta firma, ao saber da presença do intruso, não vacilou em abordá-lo:

— O sr. vai mesmo comprar lagosta aqui?

— Vou...

— Mas amigo, você quer atrapalhar a minha vida? Você não sabe que eu já soube a produção de lagosta daqui?

E como o outro não demonstrasse desejo de desistir, veio a advertência categórica e definitiva:

— Eu lhe aviso: não desça!...

Quando as jangadas chegaram com seus carregamentos de lagostas o desconhecido havia desaparecido. Cada jangada continuou normalmente a mandar o fruto de sua pescaria para o barandão da «Pesca Alto-Mar Ltda.».

Vejam um pouco adiante um barandão em ruínas restos de sólidas paredes de alvenaria. Imagino algum temporal que o terá destruído. Pergunto e obtenho a resposta esclarecedora:

— Era um galpão do Morgan que a Capitania dos Portos mandou botar abaixo...

Quem é Morgan?

Esta personagem, pelos históricos que me contam, está envolvida em toda a mais recente luta que se trava nos praias do Ceará pelo domínio da pesca de lagosta. Outros galpões seus foram arrastados a mando da Capitania dos Portos, em outras praias, seus barcos de pesca foram apreendidos, está ele sendo submetido a processos judiciais.

No entanto, aqui mesmo em Morro Branco era ele que dominava até pouco tempo, tanto na compra como na

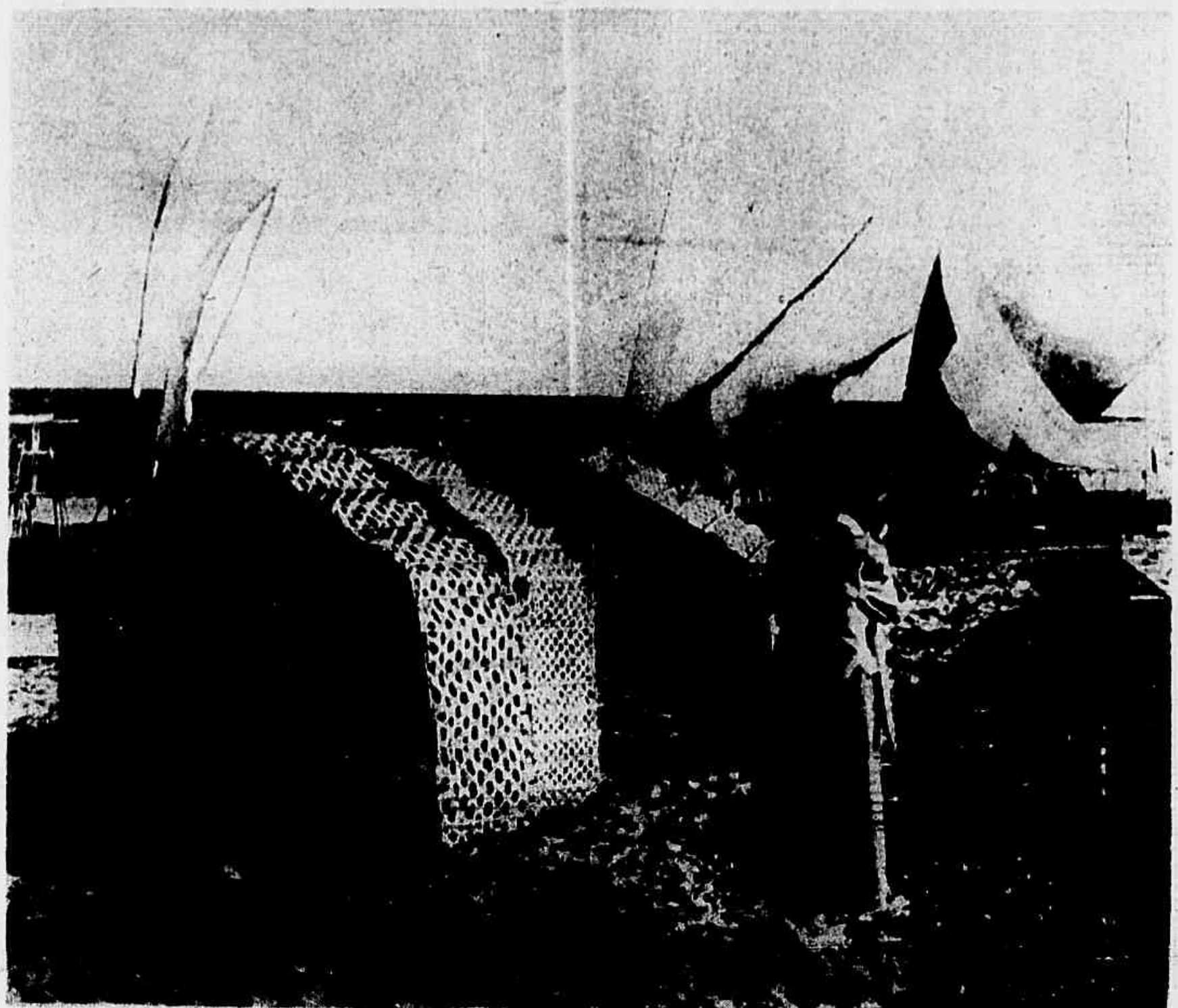
exportação da lagosta. Fazia concorrência à firma «Produtos Marítimos», de Pernambuco. Outras firmas entraram no negócio, que se tornava cada ano mais vantajoso. E Morgan foi praticamente desbancado.

Trata-se de um norte-americano, hoje processado como contrabandista, representante da empresa norte-americana que inicialmente adquiriu toda a lagosta pescada nas praias do Nordeste.

A pescaria deste crustáceo em larga escala, no Ceará, data de poucos anos,

A Guerra da Lagosta Nas Praias do Ceará

Reportagem de RUI FACÓ
(Enviado especial de MR)



Os manzuás de lagosta

Os pescadores do Nordeste utilizam, durante a safra da lagosta, dois instrumentos de pesca já tradicionais: o manzuá e o Jereré. Ambos herdados dos nômades indígenas e que à falta dos modernos instrumentos usados na pesca moderna, funcionam razoavelmente. Para o tipo de embarcações existente no Nordeste, a jangada, oferecem eles uma produção relativamente boa. Nesta foto vemos o manzuá, armação de madeira coberto com uma tela de palha ou arame, na qual a lagosta penetra mas não pode sair. O manzuá do Ceará ou da Bahia chama-se "covo" em Pernambuco.

1954. Ninguém ia especialmente pescar lagosta. As que por acaso eram pegadas, vendiam-se a 20 centavos, a 50 centavos. Depois passou a 1 cruzeiro. Ainda alcançou 5 cruzeiros, vendida a Morgan, há apenas três anos, nesta mesma praia de Morro Branco. A concorrência aumentou. Multiplicaram-se as jangadas destinadas à lagosta, desde a Praia do Arquiraz, perto de Fortaleza, passando por Iguape, Caponga, Barra Nova, Morro Branco e estendendo-se rumo ao Sul: Freixeiros, Diogo,

Uruu, Barra de Sucatinga, Piquiri, Praia do Canto Verde...

Lagosta em avião

A lagosta se revelou um grande negócio como produto de exportação. Uma vez derrotado Morgan, derrubados seus galpões, apreendidos seus barcos, embargada a construção de um frigorífico em Fortaleza, seus concorrentes de Pernambuco se lançaram em cheio na indústria. O preço de venda para exportação é de tal forma compensador que a produção de lagosta do Ceará passou a ser levada para Recife em aviões especialmente fretados para este fim. Pagavam 180 mil cruzeiros pelo frete de cada avião lagosteiro. Depois, as estradas de rodagem melhoraram, o transporte se normalizou por meio de caminhões especialmente adaptados com câmaras frigoríficas.

O beneficiamento da lagosta se efetua no Recife, onde a recebem os navios-frigoríficos, que a transportam para os Estados Unidos e Europa.

O que fica para os pescadores

Morro Branco tem umas setenta jangadas; pescam normalmente umas 50. Cada uma delas ocupa de duas a 4 pessoas, homens afeitos às lides marinhas e também meninos que se vão erijando na luta diária contra o mar bravo, no manejo dos instrumentos de pesca — em geral os mais primários — no controle dos remos e das velas.

Estas embarcações que herdamos dos índios, nelas introduzindo algumas modificações lusas, pertencem ainda hoje aos próprios pescadores. Não interessou a sua posse até agora aos que se guerreiam pelo monopólio da pesca

da lagosta. Mas tudo indica que a velha jangada nordestina está condenada ao desaparecimento próximo.

Um jovem simpático com quem conversei em Morro Branco, Francisco José Cavalcanti, representante aqui da firma compradora de lagostas — a Pesca Alto-Mar Ltda. — me informa que estão sendo esperados pela empresa 45 jangadas de madeira dotadas de motor, compradas na Holanda. Quinze ficarão em Morro Branco e as demais serão distribuídas por outras praias.

Não será este o começo do contrato completo da empresa sobre a pesca? Porque assim se tornará incomparavelmente maior a garantia do monopólio, uma vez que o pescador já não será o dono incontestado de seu barco, ficando na dependência de todo um aparelhamento mais complexo que ele na sua rudeza não poderá dominar sozinho. Já agora, a firma compradora lhe financia a madeira para a fabricação da jangada, sua construção, o material para o velame, linhas, Cabos, anzóis. Sem o aparelhamento, uma jangada custa de 20 a 30 mil cruzeiros e, uma vez completa, seu valor de custo se aproxima dos 60 mil.

Melhorou naturalmente, nestes seis ou sete anos, a situação material do pescador. Antes, o consumo era exclusivamente local, em Morro Branco mesmo e, a maior parte, em Beberibe, onde o poder aquisitivo da população é baixo.

A compra da lagosta, e, na entressafra, da cavala e outros peixes, por firmas de Fortaleza, a concorrência que se estabeleceu entre diferentes empresas compradoras, a exportação do produto, vieram desafogar a situação de miséria em que vivia a população das praias de pescaria. Morro Branco é um exem-

plo. Hoje, encontramos aí alguns rádio de pilha, máquinas de costura, e a Colônia de Pescadores local já pode proporcionar às crianças e aos adultos 3 escolas (sendo uma em Freixeiros).

E que mais? Restam os cabeços das lagostas, em algumas praias dados à pobreza, em outras vendidos a 1 cruzeiro a unidade. Milhares de peixes se alimentam desta dádiva, vêm de longe buscá-la, trazem mesmo (leques com cabos) para transportá-la.

Falam pescadores

São homens fortes, corados de sol e vento do mar, pele endurecida pelo sol, mãos calosas do trato diário com os remos, as linhas, as pás. O pai foi pescador nesta mesma praia: era um homem atarracado e sólido, que jamais conheceu outra vida que não a do mar.

Os filhos — Alain e Jonas Gama — estão passando pela idade madura na vida diária da pesca, desde meninos.

Pergunto-lhes se, como dizem todos, a vida melhorou.

— Melhorou, respondi-me eles ao mesmo tempo, embora tenham seus pés descalços, vistam roupas cor de couro, tingidas em banhos de casca de cajueiro.

— Quantos filhos, Jonas?

— Tenho oito. Dois pescam. Três estão na escola da Colônia.

— E você, Alain?

— Tenho seis filhos. Dois estudam na escola.

(Deste Morro Branco, até hoje, apenas um jovem conseguiu ir estudar no ginásio em Fortaleza. Todos cursam a escola aqui mesmo e depois vão pescar o resto da vida. Para que aprender?...)

Eles recordam com certa satisfação que há alguns anos vendiam lagosta a 1 cruzeiro; apenas há três anos custava 5 cruzeiros. Hoje vendem por 15.

— E quando vocês vendiam a lagosta a 1 cruzeiro, quanto custava uma linha «3 zeros»?

— Custava 30 cruzeiros.

— E hoje?

Eles riem:

— Hoje custa 600 cruzeiros. E olhe lá, acrescentam, é linha nilon (pronunciam aporlucuesado) que não dura tanto quanto a «3 zeros»...

A grande diferença a seu favor é que têm em mão algum dinheiro para comprarem o mínimo que exige sua vida mais que modesta: pobre. Antes, a pesca era quase que exclusivamente para o autoabastecimento, nos limites estreitos de uma economia natural.

— A diferença — resumem os pescadores — é que hoje tem o pósto que compra todo o peixe, loda a lagosta...

A ameaça do monopólio

O americano Morgan, embora baqueado na luta que se vem travando pelo domínio das praias de pescaria do Ceará, não desiste de seu intento de prosseguir no negócio altamente lucrativo que é comprar lagosta a cruzeiro e vender a dólar.

Sua derrota não significa tampouco que tenha cessado a «guerra da lagosta» nas praias do Nordeste. Várias firmas estão empenhadas em obter o monopólio da produção em Pernambuco, Rio Grande do Norte e sobretudo no Ceará, o principal produtor. Além da «Pesca Alto-Mar Ltda.», estão no páreo a «Companhia Produtos Marítimos», a «Lagosta Verde Mares» (Morgan fantasma local) e a «Lagostabrás» (que trata de fazer o enlatamento em Fortaleza).

A valorização do produto acarreta a ameaça do estabelecimento do monopólio da pesca pela firma de maior potência econômica. Já hoje vemos a divisão das praias entre as diferentes firmas e, deste modo, o estabelecimento de um preço fixo, arbitrado sem concorrência. Os concorrentes eventuais são perseguidos, ameaçados, expulsos.

Que faz a Colônia?

As Colônias de pescadores que se espalham por todo o litoral, subordinadas à Capitania dos Portos, recebem uma porcentagem do produto da pescaria. Uma parcela dos pescadores individualmente; outra dos compradores de peixe, quando empresas organizadas com fins comerciais.

Mas a realidade é que as Colônias já não satisfazem as reivindicações dos pescadores. São organismos em que eles pouco ou nada decidem. Os pescadores não se sentem organicamente entrosados com a Colônia, como o operário dos grandes centros com o seu sindicato. Numa praia como Morro Branco, por exemplo, a Colônia é impotente para defender os interesses dos pescadores ante os Morgan, que não renunciam a seu objetivo de implantar o monopólio de uma atividade ainda baseada em processos primários, como a pesca da lagosta, sem nenhum intuito de aperfeiçoá-la, mas com o fim único de obter o máximo de lucro com o sacrifício do pescador.



Consertando as redes

Na praia, nos dias de folga, são estendidas sobre varas as redes de pesca. Estas redes são características da paisagem das praias de pescaria, seja no Ceará, no Rio Grande do Norte, em Pernambuco. O material é caro e não pode ser substituído facilmente; o pescador fica atento a cada buraco feito nas pedras ou pelos peixes e mariscos.

NOVOS RUMOS

ANO II Rio de Janeiro, semana de 10 a 16 de fevereiro de 1961 Nº. 102

Cuba: Como a Revolução Derrotou os Trustes do Petróleo

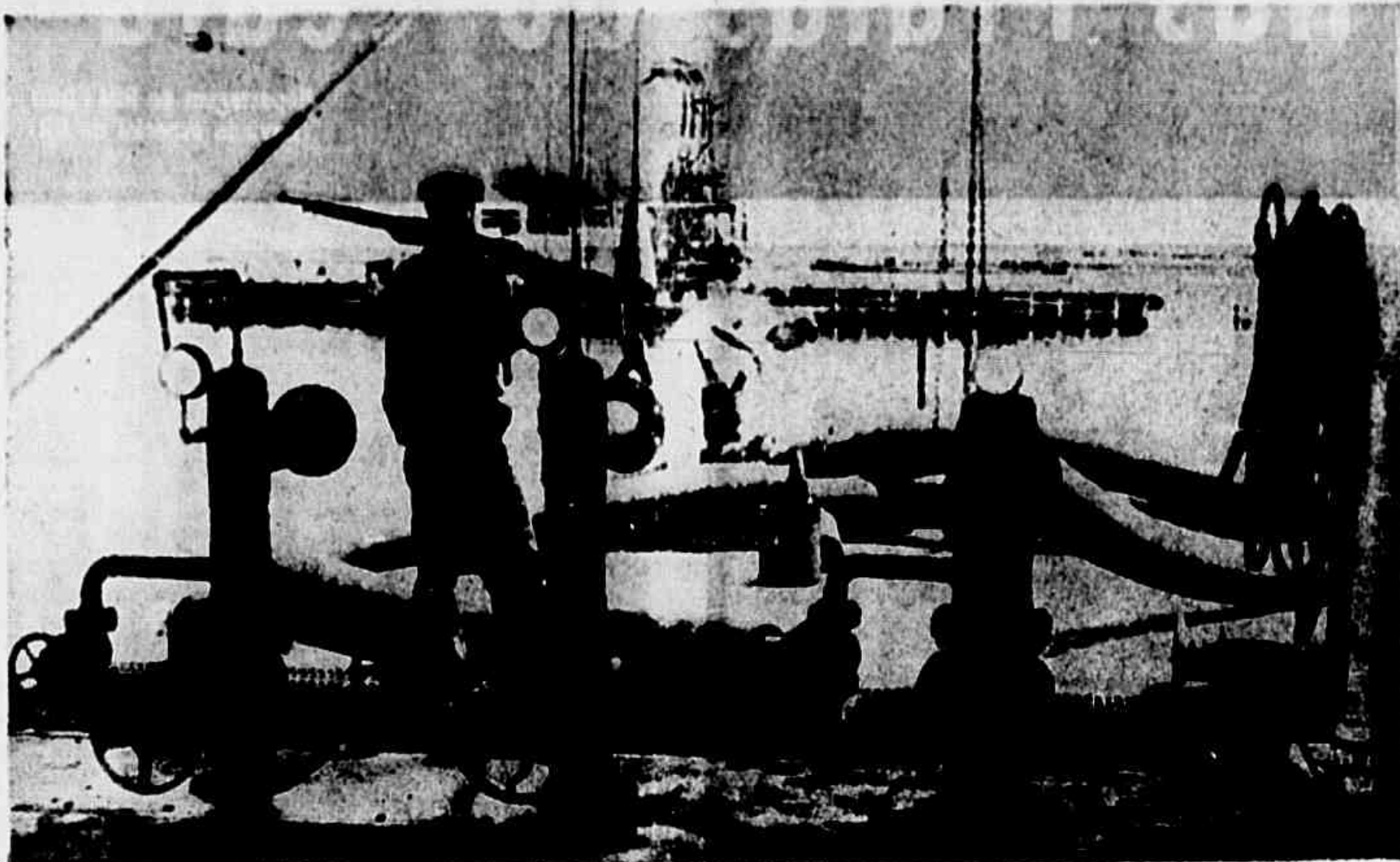
O caminho escolhido por Cuba para solucionar as dificuldades criadas pelo imperialismo para a sua economia, é um exemplo que estimula a luta emancipadora dos povos latino-americanos. Ante o exemplo cubano, aparecem em suas verdadeiras proporções as soluções reformistas do tipo OPA, isto é, soluções mesquinhas, que implicam em continuar ainda por longo tempo a exploração dos nossos povos. Na melhor das hipóteses, tais soluções apenas limitaríamos a taxa de exploração de nossos povos, mas sem jamais liquidá-la. Por isso é que a revolução cubana e suas soluções são temidas.

Um exemplo do que afirmamos, é a forma como Cuba enfrentou e resolveu a questão do petróleo. O país consome anualmente 24.000.000 de barris de derivados de petróleo, desde gasolina de aviação até asfalto. O consumo da ilha representa 31% do total do consumo das Caraíbas, incluindo a América Central. Deve-se assinalar que Cuba tem capacidade de refinar todo o petróleo que consome, e necessita apenas importar a matéria-prima, isto é, o petróleo cru, com exceção apenas de certos produtos especializados, como gasolina de aviação e lubrificantes.

Em 1960 houve, com relação a 1958, último ano da tirania de Batista, um aumento de consumo de petróleo de 16,7%, fato que constitui uma prova a mais do impulso que a revolução deu à economia cubana. É ilustrativo citar o que ocorreu, por exemplo, com o consumo do asfalto: não obstante os esbanjamentos da tirania com obras públicas desnecessárias, foi assinalado no ano passado, em relação a 1958, um aumento de 84.000 barris.

Economia dominada pelos monopólios

A economia petrolífera em Cuba era inteiramente dominada pelos monopólios internacionais que operam nesse campo: Standard Oil, Shell, Texas, etc. As refinarias lhes pertenciam e eram as que igualmente importavam o petróleo cru. As refinarias ti-



Nacionalização das refinarias

nham capacidade de refino de 88.000 barris por dia e podiam armazenar um total de 5.652.100 barris. Os monopólios refinavam 96% do petróleo e dispunham de 99% da capacidade de armazenamento.

As refinarias estrangeiras (Esso, Shell e Texaco, as mais modernas e as melhores, abarcavam toda a gama de produção em matéria de refinação, e, segundo cálculos aproximados, foram avaliada em 66.200.000 de dólares. Estas empresas — e este é um detalhe pouco conhecido — obtinham também grandes lucros refinando petróleo cru em Cuba, pa-

ra exportá-lo para outros países. Foram exportados em 1958 e 1959, respectivamente, 5.644.000 e 2.597.700 barris.

A revolução cria o I.C.P.

Para dar novo rumo à política petrolífera cubana, foi criado o I. C. P. (Instituto Cubano do Petróleo). Suas metas principais eram levar adiante um programa de exploração, perfuração e exploração de possíveis jazidas petrolíferas e regular os preços. Fidel definiu assim as tarefas do Instituto: "... era necessário que

um organismo concentrasse todos os recursos e equipamentos e levasse adiante um verdadeiro plano de combustível".

Três meses depois de organizado, o Instituto lançou à venda os seus produtos — gasolina, fuel oil, gás oil e querosene. O preço do querosene foi regularizado. A gasolina ICP, da mesma qualidade da especial, foi posta no mercado com o mesmo preço da chamada gasolina comum, e, já no primeiro mês, atendia a 16,5% do mercado nacional, elevando-se a 35%, no segundo mês.

O ICP ampliou imediatamente a capacidade de produção da refinaria de Cabaiguan, transferida para o Instituto pela Recuperação de Bens (organismo que devolveu ao Estado todos os bens ilícitamente apropriados pela camarilha de Batista durante a ditadura), interveio nos arquivos das empresas petrolíferas e iniciou seus trabalhos de exploração.

Primeira medida contra as companhias estrangeiras

Um dos truques que os trustes petrolíferos usavam para subtrair divisas ao país era comprar a eles mesmos petróleo cru a preços ar-

bitificiais. O Instituto, necessitando o petróleo cru para a refinaria Cabaiguan, celebrou um contrato com Companhia Inversionista Pomeroy, representante da Cia. norte-americana "Superior Oil", adquirindo 250 mil barris de petróleo cru da Venezuela de 31 graus API, ao preço de 2,10 dólares, no porto de Cuba. Este preço era inferior em 25% ao cobrado pelas empresas refinadoras em Cuba, de acordo com o estabelecido pelo Platt's Oil gram, ou seja, 2,80 dólares por barril. Os trustes, porém sabotaram esta compra, apoiados no controle que têm sobre os transportes marítimos, e isso obrigou então o Instituto a comprar petróleo à "Soiuzneftexport", da União Soviética. O petróleo foi adquirido ao preço de 2,15 dólares o barril, CIF Cuba.

O Banco Nacional de Cuba, considerando que o preço pago pelo petróleo soviético economizaria anualmente 25 milhões de dólares em divisas, determinou que, de acordo com o tratado comercial entre Cuba e a URSS, o Banco do Comércio Exterior fechasse o contrato de compra com a "Soiuzneftexport" de 900 mil toneladas de petróleo cru, nas mesmas con-

dições do óleo adquirido pelo ICP. Foram determinadas então quotas de 300 mil toneladas para cada uma das refinarias estrangeiras.

Mas os monopólios estrangeiros não estavam dispostos a permitir que o país economizasse divisas, e muito menos ainda que se lançasse à pesquisa de petróleo em seu subsolo para atender às crescentes necessidades criadas pela industrialização. Planejaram então o primeiro grande golpe contra Cuba: deixar a ilha sem petróleo, paralisar suas indústrias, imobilizar o país para obrigá-lo a ajoelhar-se ante os monopólios.

A 10 de junho de 1960, Fidel compareceu à televisão para denunciar ao povo o complot das companhias estrangeiras. Alguns dias depois, a 24 de junho, informava que as empresas se negavam a trazer petróleo para o país e se negavam também a refinar o que o Instituto comprara à União Soviética, apesar de serem obrigadas a isso pela lei de 9 de maio de 1938.

A intervenção

A 30 de junho, a refinaria da Texaco, em Santiago de Cuba, esgotou suas reservas de óleo cru e se recusa a receber petróleo soviético importado pelo Instituto. O governo revolucionário responde à manobra do monopólio, decretando a intervenção na refinaria. Dias depois, o fato se repete com os mesmos detalhes em relação a Esso e a Shell. O ICP foi incumbido em seguida de efetivar a medida governamental: operar as refinarias e administrar o combustível necessário ao país. Finalmente, a 6 de agosto de 1960, o governo cubano anuncia ao país e ao mundo sua histórica decisão de nacionalizar as empresas norte-americanas, mediante expropriação. Entre estas, encontravam-se a Esso, a Texaco e a Sinclair, que passaram definitivamente às mãos do ICP.

Em cinco meses, de abril a agosto de 1960, Cuba importou da URSS 2.978.420 barris de óleo cru. De acordo com os preços estipulados pela Platt's Oil Gram, este total teria custado 7.978.411 dólares. Como Cuba pagou pelo petróleo soviético importado naquele período apenas 6.273.582 dólares, isto significa que o país economizou, somente numa compra, 1.702.829 dólares.

Ao mesmo tempo, o Instituto realiza um intenso trabalho de pesquisa e se tem como certo que este trabalho será coroado de êxito.

A Revolução venceu a batalha do petróleo num curto período. E também nesse terreno provou que não é possível transigir com o imperialismo quando está em jogo o interesse da Nação.



A ajuda dos países socialistas à ilha revolucionária de Fidel Castro tem sido de grande importância para a consolidação das conquistas dos "barbudos" de Sierra Maestra. Expressão desse apoio foi o carregamento de 175.000 barris de petróleo enviado a Cuba no "Pequim" (foto), ponto de partida para o grande volume de trocas efetuadas atualmente pelos dois governos.

Soviéticos colaboram

Nem Rifas Nem Chapas Brancas

Dalcídio Jurandir

O sr. Sérgio Magalhães declarou na Câmara, "apoiar todas as providências que forem tomadas pelo presidente da República com o objetivo de moralizar a administração pública." E acrescentou: e a Sumoc? Sim, dr. Jânio, a Sumoc "o maior foco de corrupção e o que mais teria prejudicado o progresso do país."

O sr. Sérgio Magalhães, como sempre, denunciou as concessões de câmbio privilegiado para os grandes grupos de magnatas nacionais e estrangeiros, não só nas importações como na remessa de lucros para o exterior. Convidou o presidente da República a enfrentar "a corrupção mais profunda, que desnationalizou a indústria e favoreceu o domínio do capital estrangeiro".

Ora, isto que o eminente deputado, homem de bem, bom patriota, está denunciando, já não pode ser contestado. Não é uma invenção da "histeria nacionalista". Não é um jargão nacionalista. Não é por causa das ma-

ves espaciais, dos foguetes, da ONU, que vamos deixar de gritar contra essas famosas concessões de câmbio, contra a sangria de milhões de dólares que vão para o estrangeiro. Lucros, lucros, lucros, fáceis, abundantes, escandalosos, à custa de milhões de famintos, meio famintos, maltrapilhos, favelados, gente que anda pelo mato e pelo campo, batida de opilação, analfabetismo, morrendo aos bocaninhos. Não será possível mudar acabando rifas, mandando fazer longas e infundáveis devassas em seis pequenos focos de corrupção, fiscalizando chapas brancas, demitindo dois mil funcionários nomeados por amizade e herança do último governo. Não queremos economia de fôforo nem austeridade contra os que já padecem, quantos anos! da mais austera pobreza, contra essa quantidade humana que só tem salário — e sabe Deus! — pessoas sem nome e sem acesso no Banco do Brasil e na Sumoc. Não podemos enganar a Nação, fazen-

do pequenas extrações sem dor quando as duras, as necessárias, as urgentes, são aquelas reclamadas, isto sim, pelo deputado Sérgio Magalhães. Faça o dr. Jânio as grandes operações, aplique os grandes remédios. Desconfio que vassoura so limpa o chão e não está no chão o lixo que mais degrada o país, e faz a nossa maior vergonha. Mas se verá empunhando uma vassoura, como diz, meta a vassoura na Sumoc, por exemplo, varrendo os grandes na roubalheira e na espoliação do Brasil, "ponha côbro néles", como se diz no Norte. Mudar, ao que penso, é abrir e sarar as infecções grandes e não extirpar calos.

Acabar com rifas, escrever bilhetes sobre domésticos afazeres ministeriais, não cabe ao presidente. Ao presidente cabe, como prometeu, mudar o Brasil, fazer a revolução, essa, que tanto prometeu. Está em suas mãos, presidente.

Ou não?

Nota Econômica

Discurso de JQ: Premissas de Uma Política Econômica Entregulista

O discurso pronunciado pelo presidente Jânio Quadros, no dia de sua posse, lança as premissas do que ele pretende fazer em matéria de política econômica. Já ninguém tem dúvida agora de que haverá mudanças substanciais nesse terreno. Certos aspectos da política de JK poderão ser acentuados em tal grau que passaremos de uma política de compromisso para uma política de submissão ao imperialismo. O novo presidente pretende retomar a linha que se tentou executar com o golpe de 24 de agosto, que foi como sabemos, uma ação política visando a mudar o rumo pelo qual começava a enveredar o nosso desenvolvimento econômico — o caminho da Petrobrás e, de um modo geral, de restrições ao capital estrangeiro. A reação das massas trabalhadoras e das forças nacionalistas conseguiu, com o 11 de novembro, deter a ofensiva dos monopólios estrangeiros, mas não foi capaz então de ir muito além disso. A administração de JK traduziu, fielmente, essa situação: sua linha de política econômica refletiu um determinado equilíbrio entre o entregulismo e o nacionalismo e daí ele oscilar entre as concessões e a resistência ao imperialismo. A resistência ao FMI e o regime da Instrução 113 são os dois pólos que marcam o caráter contraditório, no terreno da economia, do governo de Juscelino. O sr. Jânio Quadros tentará romper esse equilíbrio a favor das forças econômicas que o apoiam, a favor dos monopólios estrangeiros.

Não haverá, no conteúdo básico da política econômica do novo presidente, qualquer originalidade: adotará as soluções do FMI. As forças nacionalistas e as massas trabalhadoras precisam estar atentas, porém para os meios de que ele lançará mão para impingir aquela solução ao país. O seu discurso é nesse sentido bastante sintomático, indica que o sr. Quadros usará a mais desenfreada demagogia para confundir as massas e paralisar a sua ação. E por isso que, calculadamente, descreveu a difícil situação em que nos encontramos mas sem fazer qualquer alusão às causas que a motivaram.

A situação é difícil, ninguém o nega. O que o presidente ocultou, porém, é que o processo inflacionário e o endividamento do país não são um tributo pago pelo seu desenvolvimento; o governo emitiu desordenadamente, aumentou seus déficits orçamentários e assumiu compromissos em moedas estrangeiras muito mais para atender às exigências de nosso atraso de que as do nosso progresso. O sr. Jânio Quadros só pode dizer uma parte da verdade. A verdade inteira o comprometeria, só poderia ser dita se ele estivesse disposto a admitir as soluções nacionalistas e democráticas, e este não é, evidentemente, o seu caso. Ao contrário, falando pela metade e em tom alarmista, pretende o presidente criar uma opinião pública que se favoreça à política de "austeridade" preconizada pelo FMI.

Não há dúvida que chegamos a um ponto que exige medidas para mudar o rumo da política econômico-financeira do país. Mas essas medidas podem ser de duas naturezas. Vejamos.

Do ponto de vista dos interesses das correntes entre-

guistas e reacionárias, a inflação deve ser contida mediante o congelamento dos salários e a redução da taxa de investimentos nacionais privados; a correção dos desequilíbrios orçamentários, deve ser alcançada com a diminuição dos investimentos públicos aplicados em obras e empresas estatais, com a efetivação de cortes nas despesas com funcionalismo e com o aumento de impostos diretos; o aumento da produção e disponibilidade de mercadorias, devem ser conseguidos predominantemente, com a implantação de indústrias estrangeiras e a importação de produtos estrangeiros; o equilíbrio do balanço de pagamentos, com uma reforma cambial que desvalorize ainda mais o cruzeiro, com restrições ao consumo interno e aumento das exportações a preços mais baixos e com a entrada indiscriminada e franca de capitais estrangeiros.

Do ponto de vista das forças nacionalistas e democráticas, as medidas para dar uma solução às nossas atuais dificuldades têm caráter completamente oposto. Para sanear a moeda e deter a inflação, preconiza-se antes de tudo, impedir novas desvalorizações cambiais do cruzeiro, impor a estabilização dos preços-ouro de nossos produtos de exportação, eliminar todos os entraves ao comércio internacional, restringir drasticamente o consumo de artigos de luxo ou supérfluos, manter e ampliar o crédito bancário de caráter rigorosamente seletivo e suprimir o crédito bancário de caráter improdutivo e especulativo — tudo sem prejuízo dos investimentos reprodutivos nem dos níveis reais dos salários e vencimentos. Para alcançar o equilíbrio orçamentário, é necessário taxar forte e progressivamente os lucros extraordinários, melhorar, sem aumento de impostos indiretos, a arrecadação tributária, reduzir as despesas supérfluas e adiáveis. Para alcançar o aumento da produção, combater a escassez e melhorar o abastecimento de gêneros, é preciso tomar medidas urgentes visando a estimular e desenvolver a produção agrícola da subsistência e de matérias-primas industriais, apressar a aprovação de uma lei agrícola progressista, criar facilidades de armazenamentos, prosseguir no programa de industrialização com prioridade para o capital nacional e facilidades para as pequenas e médias indústrias. Finalmente, o equilíbrio do balanço de pagamentos deverá ser alcançado com um conjunto de medidas que incluam, entre outras, a ampliação da receita de divisas, a restrição de gastos em moedas estrangeiras e principalmente a limitação (e suspensão se for preciso) de pagamentos de empréstimos e envios de rendas de investimentos privados estrangeiros.

O sr. Jânio Quadros com o seu discurso se pronunciou claramente pelo caminho entregulista que acima descrevemos.

O êxito de sua empreza depende menos do que do da resistência que lhe opõem as forças nacionalistas e democráticas.

INTERINO

Um Seminário Oportuno

Por uma universidade democrática, nacional, moderna e racional, vinculada estreitamente ao povo, às exigências da nação e à defesa da cultura nacional começa a se desenvolver em todo o país um importante movimento: o Movimento pela Reforma e Democratização do Ensino.

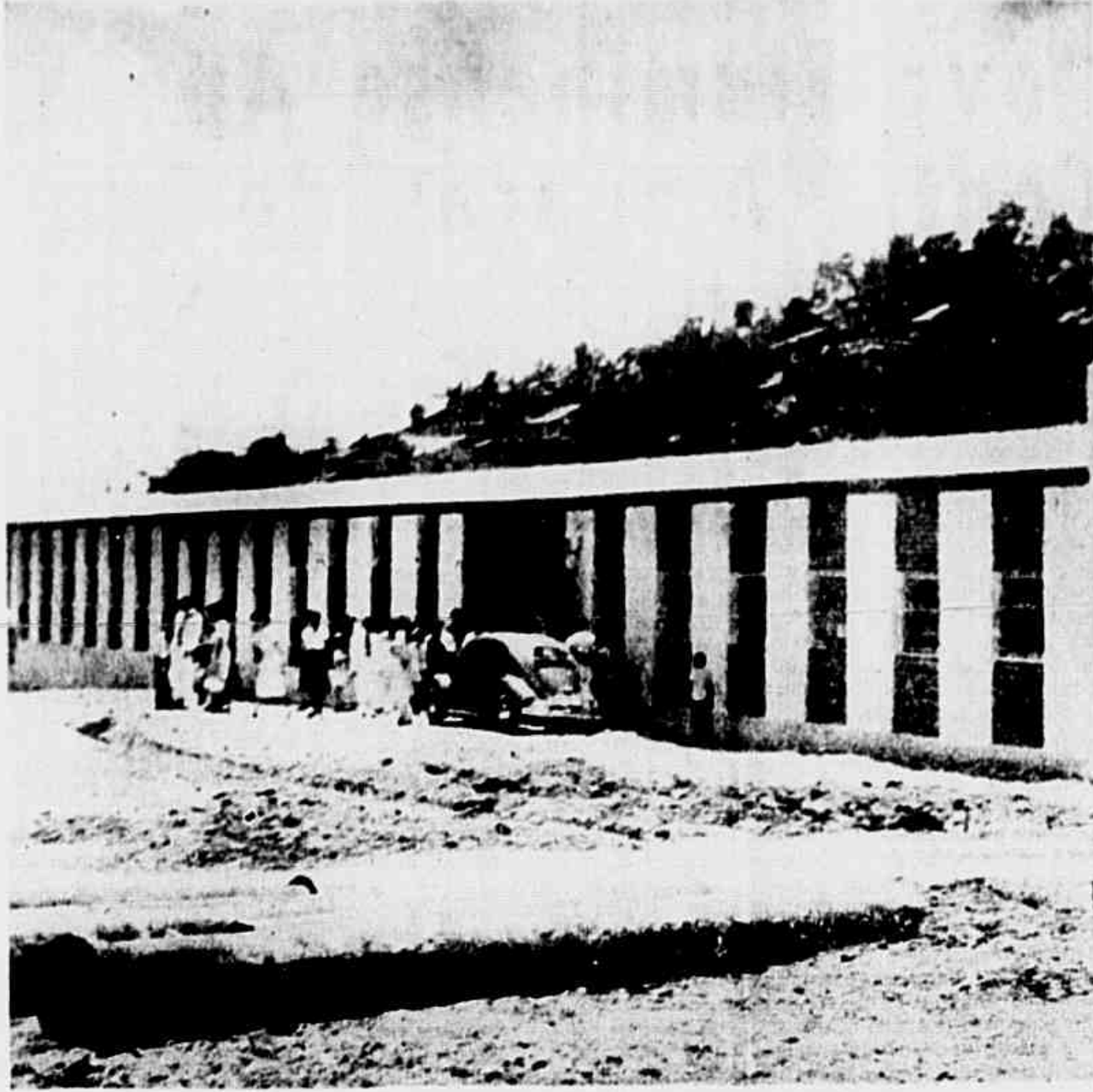
A princípio desordenado, espontâneo, estimulado apenas pela exigência de cada situação concreta, o movimento vai, agora adquirindo caráter de um movimento consciente, mais organizado e procurando alcançar objetivos bem definidos.

Visando a acelerar esse processo a UNE fará realizar no primeiro semestre deste ano um Seminário. A iniciativa é oportuna e merece os aplausos de todos aqueles que querem transformar a Universidade Brasileira, de um fator de atraso cultural e de entrave ao nosso desenvolvimento num instrumento eficaz de progresso para o nosso país, num centro cultural que ajuda o nosso processo de desenvolvimento e que preserve nele as características nacionais.

Resta agora aos estudantes brasileiros, principalmente aqueles mais ativos e que sempre estiveram à frente das grandes causas estudantis, contribuir efetivamente para o êxito da iniciativa apoiando-a sem reservas. E apoiá-la significa a realização de um trabalho prático, imediato, voltado em duas direções. Em primeiro lugar para o preparo e realização dos debates que devem ser tratados desde já, a partir de cada escola. Nesse sentido a elaboração de teses deve receber grande atenção. Os temas a serem enfrentados são muitos e requerem estudo, pesquisa, seleção de dados. A ampliação da escola pública de modo a facilitar o ensino a milhares de crianças em idade escolar; a modificação no conteúdo dos estudos e da estrutura das escolas superiores de modo a adaptá-las às necessidades da sociedade e da nação; melhores condições de vida e de estudo; o reconhecimento dos direitos democráticos dos estudantes, tais são alguns dos aspectos a serem abordados e analisados por todos os ângulos. Em segundo lugar: no sentido do levantamento de reivindicações imediatas no âmbito de cada escola ou faculdade, visando desde já modificações concretas de modo a que se vá dando ao movimento estudantil brasileiro a consciência de suas grandes possibilidades no caminho da conquista de uma universidade compatível com as exigências da nação e os anseios do progresso do nosso povo.

Não temos dúvidas. Pela oportunidade de que se reveste, o Seminário idealizado pela UNE contará com o apoio decidido de todo o mundo estudantil de nosso país. E com isso será mais um passo decisivo na reforma de nosso sistema geral de ensino, na renovação completa de nossa universidade.

Z. A.



Prefeitura colabora

O moderno Grupo Escolar de Visgueiro, em Casa Amarela, (foto), recém-construído, é uma das contribuições da administração do prefeito Miguel Arraes ao Movimento de Cultura Popular, empreendimento encetado pelos estudantes, artistas e intelectuais de Pernambuco, visando o alevantamento do nível cultural do povo.

500 ESTUDANTES NA LUTA CONTRA O ANALFABETISMO

Estudantes e Técnicos (Recife) Iniciam a Batalha Pelo Florescimento da Cultura Popular Brasileira

Sob a denominação de «Movimento de Cultura Popular», estudantes e técnicos, apoiados na administração de Miguel Arraes, prefeito do Recife, fundam nessa cidade uma sociedade civil, brasileira, de finalidades educativas e culturais visando: incentivar a educação de crianças e adultos; proporcionar a elevação do nível cultural do povo preparando-o para a vida e o trabalho; colaborar para a melhoria do nível material do povo através de uma educação especializada; formar quadros aptos a interpretar, sistematizar e transmitir os múltiplos aspectos da cultura popular; e laborar o planejamento técnico necessário à criação imediata de uma Fundação de Cultura Popular destinada a assegurar a contínua expansão do movimento.

Caráter e amplitude

Em contato com dois entusiastas colaboradores do Movimento, Germano Vasconcelos Coelho e Norma de Vasconcelos Coelho bem como com diversos alunos da Faculdade de Direito do Recife nossa reportagem pôde sentir a amplitude do Movimento idealizado e agora realizado pelos estudantes e intelectuais pernambucanos. Nossos entrevistados fazem questão de frisar o caráter apolítico daquela realização que acolhe em seu seio representantes de todas as tendências políticas, filosóficas, religiosas, unidos em torno de um interesse comum: batalhar para que floresça, plenamente em nosso país a riquíssima Cultura de nosso povo. Assinaram o Estatuto da fundação da entidade, entre outros Abelardo da Hora, padre Jaime Diniz, Aluizio Falcão, Paulo Freire, Germano e Norma Vasconcelos Coelho, Ariano Suassuna, Paulo Cavalcanti, etc.

1ª etapa: alfabetização

O Movimento de Cultura Popular não é uma idéia e sim um plano em ação. Suas iniciativas, interessantes e originais, conquistaram a simpatia do povo pernambucano que o aplaude e com ele colabora. A etapa inicial do trabalho orienta-se fundamentalmente para a tarefa de alfabetizar crianças e adultos pois «não se pode pensar em cultura popular enquanto grandes massas de nosso povo permanecem na ignorância e no atraso» afirma-nos Norma Vasconcelos Coelho. Com esse objetivo já foram instaladas cerca de 60 escolas criadas nos locais onde vive, trabalha e se diverte o nosso povo. Clubes esportivos, organizações religiosas tais como praticantes de espiritismo, macumba, xangô etc., organizações filantrópicas e outras, abriam suas portas e cediam suas salas para a instalação dos cursos de Alfabetização. A Prefeitura do Recife colabora efetivamente com o movimento, instalando novos grupos es-

colares como o de Visgueiro em Casa Amarela, recentemente construído. As aulas são dadas por estudantes devidamente preparados em cursos prévios na qualidade de professores voluntários e bolsistas (estes últimos recebem um pequeno salário). Já estão integrados na campanha cerca de 500 estudantes.

Atividades culturais

As atividades culturais constituirão o tema principal do Movimento. Nesse terreno já estão em curso diferentes realizações, tais como: abertura da Galeria de Arte do Recife, com uma exposição de pinturas de diferentes artistas plásticos entre os quais anotamos os nomes de Abelardo da Hora, Ladjane, Sílvia Barreto, E. Xavier, Celina, Lula Cardoso Ayres, etc. A galeria foi construída pela Prefeitura, às margens do Capibaribe, após violenta polémica contra aqueles que julgavam que a galeria iria tirar a beleza daquele pitoresco recanto da Veneza Brasileira; criação do Teatro do Arraial Velho dirigido por Ariano Suassuna, cuja peça «A Pena e a Lei» está sendo devidamente ensaiada para inauguração do teatro. O Coral Falado do Recife é outra iniciativa que visa tornar conhecidos de nosso povo os autores regionais brasileiros. Finalmente, destacamos o trabalho de pesquisas sobre a realidade brasileira que vem sendo levado a cabo por grupos de estudantes e técnicos ligados aos estudos econômicos, às pesquisas sanitárias, etc.

Festa de Natal

A grande festa de Natal do povo pernambucano foi um capítulo extra no conjunto de trabalhos do Movimento de Cultura Popular.

Referindo-se a ela, o líder católico pernambucano, Nilo Pereira, afirmou através das páginas do «Jornal do Comércio» que «nunca vira uma festa que conservasse e revivesse tanto as características primitivas do catolicismo». Naquela ocasião, a Prefeitura do Recife iluminou feéricamente toda a cidade, ornamentada com árvores de Natal preparadas pelo conhecido artista, Abelardo da Hora.

Novos planos

«O movimento está apenas no início e nossos planos de expansão são múltiplos e variados» afirmou-nos Norma V. Coelho. De fato, novos planos estão em preparo e contam para sua realização com o apoio entusiasta de todas as camadas sociais do Recife. A instalação de uma biblioteca infantil em edifício próprio, a organização de uma tipografia e imprensa do Movimento, a

criação de ambulatórios nos bairros populosos, o levantamento sócio-econômico dos bairros do Recife são algumas idéias que já vão se corporificando à base de medidas concretas.

Expandir-se o movimento

As notícias do interessante trabalho levado a cabo pelos estudantes e técnicos de Pernambuco começam a chegar em diferentes pontos do Estado e a Estados vizinhos, e dêsses parlem pedidos de Estatutos, sugestões, etc. visando a criação de movimentos idênticos em outras localidades do norte-nordeste.

Estudantes Argentinos Trarão ao Brasil Caravana Cultural de 70 Pessoas

Encontram-se no Rio os estudantes Elba Elena Fonrouge e Pedro Galarza, da Escola Nacional de Artes Dramáticas de Buenos Aires. Ambos visitam nosso País a fim de preparar a vinda, em fevereiro próximo, ao Brasil, de uma delegação argentina composta de 70 pessoas — alunos e professores — com o objetivo de reforçar o intercâmbio cultural argentino-brasileiro, através de apresentações teatrais, mostra de artes plásticas e festival de poesias.

Elba Elena e Pedro Galarza esperam atingir seus objetivos apoiados na UNE, União Estadual de Estudantes, Prefeituras e outros meios intelectuais brasileiros.

Patrocínio

Falando à nossa reportagem, os dois estudantes disseram que o intercâmbio é patrocinado pelo Centro de Estudantes de Artes Plásticas de Buenos Aires e integrado pelo Centro de Estudantes de Cerâmica e Representações Estudantis da Escola Nacional de Artes Dramáticas e do Centro de Estudantes de Arquitetura.

Programa

Durante sua «tournée» pelo Brasil a Caravana observará o seguinte programa: 1 — Apresentação pela Escola Nacional de Artes Dramáticas de três peças em um ato: a) «Os dez dias do jovem dramaturgo argentino Oswaldo Dragun»; b) «La Morsa» de Pirandello; c) «O salão de Automóvel» de Ionesco.

UNE Participará do Forum de Moscou e do Festival da Juventude

O Conselho Nacional dos Estudantes decidiu que a União Nacional dos Estudantes participará, oficialmente, nos dois grandes encontros de estudantes programados para o corrente ano: o Forum da Juventude, em Moscou, e o próximo Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes.

Essa resolução foi tomada pelo Conselho em sua reunião ordinária, realizada em Manaus nos dias 14 e 19 de janeiro último.

Compõem o Conselho dois representantes de cada uma das diretorias das Uniãos Estaduais de Estudantes. A este, o primeiro referente à gestão Oliveira Guanais, compareceram todos os presidentes das diversas entidades estaduais, excluindo-se apenas os de Mato Grosso e Rio Grande do Sul. As sessões plenárias e reuniões das várias comissões criadas durante o conclave tiveram lugar na tradicional Faculdade de Direito do Amazonas.

Resoluções

O Conselho aprovou, com votos de louvor, todos os relatórios apresentados pela diretoria da UNE, bem como a Tomada de Contas exibida pela Tesouraria da mentora da Praia do Flamengo. Foi recomendada a intensificação da campanha por uma Reforma Universitária. Encareceu-se a necessidade da luta em prol da ampliação da rede de Casas do Estudante e de Restaurantes Universitários, e do barateamento do livro didático. Face a ameaça de breve aprovação da Lei de Diretrizes e Bases, ora em discussão no Senado, foi planejada uma rearticulação, em termos nacionais, da batalha visando o impedimento do que seria a morte do ensino democrático no país. O Conselho reafirmou, unanimemente, a convicção do estudante brasileiro de que está no incremento da rede de Escolas Públicas a solução do problema analfabetismo.

Entre as resoluções de caráter político merecem destaque a reafirmação do direito de autodeterminação dos povos e a disposição de defender, a todo custo, a Revolução Cubana.

Repudiado Lacerda

Por unanimidade o Conselho tornou pública uma moção de reconhecimento, na União Nacional dos Estudantes, de uma entidade que luta em defesa da democracia e da ordem constitucional vigente na Nação. Este pronunciamento é um espúlio às declarações difamatórias feitas pelo sr. Carlos Lacerda, Governador do Estado da Guanabara, segundo as quais a UNE, ao combater o aumento das anuidades escolares, pretendia criar um clima de contubérnaco com o fito de impedir a posse do sr. João Quadros na Presidência da República.

Conferências

Três palestras foram proferidas durante a realização do encontro. A primeira, pelo deputado federal (UDN—Pará) Feres Costa, sobre a necessidade de monopólio estatal para o refino de petróleo. A segunda pelo Governador do Estado do Amazonas, sr. Gilberto Mestrinho, versando sobre problemas e realizações de sua administração. E a última, sobre o tema «Defesa de Cuba», por Oliveira Guanais (presidente da UNE), recentemente chegado da pátria de Martí e Fidel.

Louvor

Foram aprovados, entre outros, votos de louvor ao Movimento de Cultura Popular da Prefeitura do Recife (Pernambuco) e à maneira pela qual o governador Roberto Silveira (Estado do Rio) vem atendendo às solicitações dos universitários.

Petrobrás

A nossa empresa estatal de petróleo proporcionou aos conselheiros, representantes ali de uma camada da população brasileira — os estudantes — que alinhou na vanguarda da memorável campanha do «Petróleo é nosso», agradáveis visitas às suas instalações na Amazônia (em meio à realização do conclave) e na Bahia (após o encerramento da reunião).

JÁ ESTÁ NAS LIVRARIAS

HISTÓRIA DA ANTIGUIDADE

A. V. MICHULIN

Em 2ª edição. 1º volume da Coleção de História Universal, de autores soviéticos, adotada nas escolas secundárias da URSS. Preço Cr\$ 230,00.

Já editados:

2º volume — História da Idade Média de E. A. Kosminsky — Cr\$ 250,00
3º volume — História Moderna de N. Efimov — Cr\$ 250,00.

Lançamentos da Editorial Vitória Ltda.

Pedidos pelo Reembolso para Caixa Postal nº 165/Rio de Janeiro/GB

Jornal de Lacerda não quis publicar

Recebemos, do professor Bayard Boiteux, presidente do Sindicato dos Professores e docente da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio de Janeiro, cópia de carta que enviou ao jornal de propriedade do governador Carlos Lacerda, que se negou a publicá-la. No referido documento, o professor Boiteux apresenta desmentido a calúnias contra ele assacadas pelo chefe do executivo da Guanabara, em programa de televisão, desafiando-o a apresentar provas do que disse.

Em certo trecho de sua missiva afirma o presidente do Sindicato dos Professores: «Se o governador do Estado pensa que intimidou o nosso órgão de classe, seu presidente ou qualquer dos seus dirigentes, com ameaças de proscritos está completamente enganado. A entidade, a mentira são as suas únicas armas, porém a Verdade é mais eficiente de todas. A Verdade pede, mas não perdoa».

As investidas de Lacerda contra o nosso Sindicato e seu presidente se devem ao fato de os professores católicos, em Assembléia Extraordinária, aprovarem uma nota de protesto contra a nomeação do sr. Flexa Ribeiro para o cargo de Secretário da Educação, numito conhecido que é da Escola Pública e representante dos comerciantes do ensino.

Apoio brasileiro

Os estudantes Elba Elena Fonrouge e Pedro Galarza em visita a diversas capitais, como Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Guanabara, etc. têm recebido expressivo apoio dos meios intelectuais e estudantis do nosso país. Já apoiaram a iniciativa a UNE, União Paranaense dos Estudantes, Federação dos Estudantes do Rio Grande do Sul, Prefeitura Municipal de Curitiba, Teatro de Arena de São Paulo e Escola de Arte Dramática de São Paulo.

«Problemas de Atualidade»

A Editora «Problemas Contemporânea Ltda.» acaba de lançar o folheto «Problemas de Atualidade», início de uma série de coleções sobre questões de interesse, no domínio da filosofia, da Economia Política e das experiências recentes da prática de construção socialista.

O sumário compreende:
— «A Dialética materialista — ciência filosófica» de Kammar;
— «O que distingue a dialética da sofística e da eclética» de Kristofurian;
— «O caminho do socialismo» (plataforma política e programa).
A venda na Editorial Vitória, Rua Junn Pablo Duarte, 50 (sabiádo).

VICE-GOVERNADOR, SECRETÁRIOS DE ESTADO, PREFEITOS, DEPUTADOS, VEREADORES E LÍDERES SINDICAIS ASSINARAM

Povo Fluminense Apóia Cuba Contra Ameaças do Imperialismo

Assinado por autoridades estaduais e municipais, deputados e vereadores de numerosos municípios fluminenses, foi divulgado manifesto de solidariedade ao povo cubano e de prestígio às atividades da Comissão Brasileira contra a Intervenção em Cuba, recentemente constituída.

Pela importância que tem e pelo que representa como medida do pensamento das amplas camadas do povo brasileiro em relação à luta do povo cubano contra a ameaça de intervenção dos imperialistas norte-americanos, divulgamos abaixo a íntegra do documento e a relação dos nomes das personalidades que o assinaram.

O documento

Brasileiros:
Neste momento ameaçador para a paz e a tranquilidade dos povos americanos, quando a República de Cuba se vê ameaçada em sua soberania, e cercada no seu direito inalienável de autodeterminação, o Brasil deve estar alerta, para, coeso, defender o sagrado princípio de que cada povo é o senhor absoluto dos seus destinos.

O princípio de não-intervenção nos assuntos internos de cada nação, postulado profundamente arraigado em nossas consciências, impõe uma tomada de posição firme e ativa do Brasil pela intangibilidade da pátria de José Martí. Com tal objetivo e visando estreitar cada vez mais os laços de solidariedade fraterna que nos une ao nobre povo cubano, convocamos a todos os brasileiros, sejam quais forem as suas convicções políticas ou ideológicas, a manifestarem vigorosamente o seu apoio a um grande movimento de opinião pública contra qualquer ingerência estrangeira, seja econômica, diplomática ou militar, nos destinos políticos da gloriosa República de Cuba e a prestigiarem as atividades da "COMISSÃO BRASILEIRA CONTRA A INTERVENÇÃO EM CUBA", entidade que ora se constitui na defesa desses sagrados princípios.

Rio, de Janeiro, 22 de setembro de 1960.

ass.) Celso Peçanha, vice-governador do Estado do Rio de Janeiro; Wandir de Carvalho, secretário do Trabalho do Estado do Rio; Claudio Moacir de Azevedo, presidente da União Fluminense de Estudantes; deputados federais Vasconcelos Torres, Domingos Velasco, Jonas Bahiense Lira, Aarão Steimbrück; deputados estaduais Adolfo de Oliveira, Murilo Cabral, Walter Oriandini, Bernardo Benfeito, Rodrigues de Oliveira, João Fernandes, Durval Gonçalves, Altineu Côrtes Pires, Jayme Bitencourt, Waldir Medeiros, Raymundo Aguiar, Odeirener Veloso, Teotônio Araújo, Nicanor Campanário, Aristóteles Miranda Mello, Geraldo Reis, Sá Régio, Carlos Quintela, José Maria Ribeiro, Arsonval Macedo, Antônio Curvelo Benjamim, Barcelos Martins, Benigno Fernandes, Alvaro Fernandes, presidente da Assembléia Legislativa, Palmir Silva, líder da maioria e Sebastião Azambuja; dirigentes sindicais João Alberto Junior, presidente da Federação dos Trabalhadores do Estado do Rio de Janeiro, Almir Reis Neto, presidente do Conselho Sindical Estadual do Estado do Rio, Othon Reis, presidente do Sindicato Metalúrgico de V. Redonda, Demistóclides Batista, presidente

do Sindicato dos Trabalhadores da Estrada de Ferro Leopoldina, Rafael Francisco de Almeida, presidente da Fed. dos Trab. na Ind. da Alimentação, Manoel Fernandes, Itair José Veloso, presidente e secretário do Sind. da Construção Civil de Niterói e Nova Iguaçu, Aristóteles Miranda Mello, Herval Arueira, Sec. e Tes. dos Ferroviários da Leopoldina, Fausto Couto da Cunha, pres. do Sind. dos Textéis de Duque de Caxias, Lídio C. Cerqueira, pres. do Sind. dos Alfaiates de Niterói, Joaquim Mayrink Filho, pres. do Sind. dos Rodoviários Anexos de Niterói e S. Gonçalo, Dermerval Madureira, presidente do Sind. dos Trabalhadores na Indústria de Minérios e Carvão, Luiz Chagas Filho, pres. do Sind. dos Trab. na Ind. de Carnes e Derivados, Ulisses Joaquim da Silva, pres. do Sind. dos Trab. em Produtos Químicos de Nova Iguaçu, José Azevedo Pinto, pres. do Sind. dos Trab. na Ind. de Açúcar de Itaboraí e Sequarema, José Aquino de Santana, pres. do Sind. dos Trab. da CBEE, Consuelo Ferreira Callado, pres. do Sind. dos Barbeiros e Cabelereiros de Niterói e S. Gonçalo, Francisco Fernandes de Araújo, pres. do Sind. dos Metalúrgicos de Niterói, Astério dos Santos, pres. do Sind. dos Textéis de Magé, Geraldo da Costa, Mattos, secretário geral da Fed. Nacional dos Trab. Ferroviários, Gabriel Alves de Oliveira, vice-presidente do Sind. dos Trab. da Ind. do Imobiliário de Niterói e Nova Iguaçu, Jair Albuquerque, secretário do Sind. dos Bancários de Niterói, Altamiro de Oliveira, tesoureiro do Sind. dos Produtos Químicos de Cabo Frio, Francisco M. de Amorim, secretário dos Vidreiros de Niterói e S. Gonçalo, J.R. Souza, do Conselho Fiscal do S.T.E.P.T., José Araújo de Carvalho, 1.º secretário da Fed. dos Textéis do Estado do Rio, Rail Peçanha, procurador do Sind. dos Rodoviários Anexos de Niterói, Aloisio José de Araújo, tesoureiro da Associação dos Trabalhadores em Produtos Químicos de Niterói, Adgard Alves Cardoso, diretor da C.I.S. do Estado do Rio, Elzio Ramalho, tes. da União dos Servidores Públicos de Nova Iguaçu, Plínio Alves Barreira, presidente do Movimento Nacionalista do Estado do Rio; vereadores à Câmara Municipal de Niterói, Daniel Vailado, Presidente Parcy Ribeiro, Hélio Brasil Alvares, José Ramos, Evandro da Cruz Nunes, Joaquim Alves Mariano, Hermógenes Franco, Jorge de Almeida, presidente do PRT, Arino de Mattos, do Estado do Rio de Janeiro.

re Ribeiro, Aloisio Celso de Oliveira (presidente), Angelo Longo; Juiz de Direito, Dr. Maurício Kopk; escrivão de Justiça José Francisco Soares; Hélio Nogueira, presidente do P.T.B., Clóvis Avelino Correia, farmacêutico, Antônio Pires Estêves, pres. do Centro Nacionalista, Ary Araújo Figueredo, secretário do Centro Nacionalista, Hélio de Aragão Vilar, dentista-metalúrgico, Maurício Elayel, advogado, Ruy Muniz, farmacêutico, Oscar Nunes Pereira, agrimensor, Maurício Peder, professor, Elyvandy Cabral, agrimensor, João Bernardino Filho, motorista; Genesys Andrade da Silva, vice-presidente do C. Nac.

VOLTA REDONDA: vereadores à Câmara Municipal Luiz Nogueira Neto, Djalmá de Assis Mello, Natalino José Dias, Silvestre Pereira Rosa, Luiz Gomes Vieira Junior, Luiz Gonzaga de Souza Clímaco, Ely Coutinho; Jamil Riscala, advogado, Moacir Ferreira, jornalista, Argemiro Costa Ribeiro e José Tavares, presidente e secretário do Sindicato da Construção Civil de Volta Redonda e Barra Mansa.

CAMPOS: Dr. José Azevedo Alves, prefeito Municipal, vereadores à Câmara Municipal, Edgard Coelho, Sebastião Morgam de Azevedo, Carlos Peçanha, Rockefeller de Lima, Amaro Gomes de Azevedo, pres. do Sind. dos Motoristas, Américo Rodrigues, secretário do P.T.B.

DUQUE DE CAXIAS: vereadores à Câmara Municipal Elias Lazaroni, José da Silva Barros, Carlos Lopes Almeida, Pedro Bianco, Luiz Braz de Luna, José Nunes, Oscar Dias Oliveira, Armando Bello França, Thomé Siqueira Barreto, José Domingos Santana, José Honorato da Silva, Manoel Marins, José Barreto e Sabino Andrade Ribeiro.

PIRAÍ: Nilo Teixeira Campos, prefeito Municipal.

SAO GONÇALO: vereadores à Câmara Municipal Júlio Motta, José Lourenço Azevedo, Ivo Alves Marinho, João Damol Monteiro, colunista social de "Última Hora" Ayrton Guimarães.

BARRA MANSÁ: vereadores Arlindo Lopes Ferreira, Oswaldo Carmignatti, Francisco Coelho, Paulo Alves Ferreira, presidente da Associação dos Professores de Alfaiates, Ernesto Silveira, sec. do PSB, Laudemir Ferreira, chefe da guarda municipal, Anachars Rattes, presidente do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários Anexos, José Hermano Coelho, corretor, Manoel Ribeiro, do Conselho Fiscal do Sindicato dos Alfaiates, Oswaldo Gomes, comerciante.

MIRACEMA: Bruno de Martino — jornalista.



Argentinos Doam Trator a Cuba

Em cerimônia realizada no Instituto Cubano de Amizade com os Povos, Oscar Moyano, secretário da Comissão de Solidariedade à Revolução Cubana na Argentina, fez a entrega ao diretor do Instituto de Reforma Agrária de Cuba, capitão Antonio Nuñez Jimenez,

de um trator comprado com o dinheiro de uma coleta popular na Argentina. Junto com o trator, foi entregue uma cópia da Declaração de Havana, assinada por um milhão de argentinos, que, assim, expressaram seu apoio à Revolução Cubana. (PRENSA LATINA)

○ MUNDO SOCIALISTA PARTICIPA DA BATALHA DE REDENÇÃO

Guevara: Viagem de Dois Meses Rendeu 58 Novas Fábricas

Como sabem os nossos leitores, o comandante Ernesto Guevara, presidente do Banco Nacional de Cuba, presidiu uma missão econômica, que, após percorrer vários países socialistas, efetuando negociações com os funcionários governamentais de cada um deles, regressou a Cuba, trazendo em sua pasta o saldo de uma série de convênios comerciais, de créditos e de assistência técnica vantajosíssimos para o país.

Entre esses acordos, os mais importantes com respeito à industrialização do país, encontra-se a aquisição de mais de 60 fábricas que começarão a ser construídas tão logo se ultimem os necessários estudos técnicos, de mercado e localização.

Oferecemos a nossos leitores uma lista dessas instalações, reservando-nos para depois os detalhes sobre o que significarão essas fábricas em emprego, volume de produção, consumo de energia, etc. Logo também daremos maiores informações acerca de uma série de fábricas, cujos contratos estavam assinados antes da partida da missão do comandante Guevara e que já se encontram sendo

construídos em diferentes regiões de Cuba.

União Soviética

- 1) Usina siderúrgica.
- 2) Reconstrução da indústria metalúrgica.
- 3) Refinaria de petróleo.
- 4) Usina mecânica.
- 5) Fábrica para produção de H-mas, grossas, etc.
- 6) Investigações geológicas.
- 7) Assessoramento na indústria de níquel.
- 8) Química.
- 9) (Duas fábricas de papel de jornal e outras.)

Tchecoslováquia

- 10) Fábrica automotriz. (Para tratores, caminhões, motocicletas, motonetas e motores estacionários a gasolina.)

República Popular da China

- 11) Fábrica de cloro-barilha.
- 12) Usina de reatores para a produção de D.D.T. e diversos produtos do cloro.
- 13) Fábrica de policloreto de vinilo.
- 14) Fábrica de cloro férrico.
- 15) Fábrica para a produção de cloral. (Essas fábricas agrupar-se-ão em uma unidade gigante.)
- 16) Fiação e tecelagem com 50 000 fusos para algodão.
- 17) Usina para a produção de pó de bagaço. (Para papel de escrever.)
- 18) Usina para a produção de pó de bagaço. (Para fabricação de papelão.)
- 19) Fábrica de válvulas industriais.
- 20) Fábrica de carvões de escovilhas.
- 21) Fábrica de correias de transmissão, mangueiras de borracha para indústria automotriz e borrachas de apagar.
- 22) Fábrica de unidades seladas incandescentes para veículos, aros de pistões, embreagens e bombas de gasolina.
- 23) Fábrica de canetas esféricas.

fábricas, penas estilográficas, alfinetes, etc.

- 24) Fábrica de dinamite.

Bulgária

- 25) Fábrica de carboneto de cálcio, para 5.000 t. anuais.
- 26) Fábrica de areia sílica.
- 27) Fábrica de feidspatos e pegmatitos.
- 28) Fábrica de maizena e amido.
- 29) Três usinas secadoras de frutas e hortaliças.
- 30) Moinhos para pimenta.
- 31) Três descascadoras de arroz.
- 32) Misturadora de forragem.
- 33) Três instalações frigoríficas.
- 34) Duas fábricas de conservas para frutas e hortaliças.
- 35) Dez unidades hidrelétricas com capacidade até 5 000 kw cada uma.

Polônia

- 36) Construção de um estaleiro para barcos até 10 000 t.
- 37) Fábrica de taxas para sapatos.
- 38) Fábrica de baterias elétricas.

São Leopoldo:

Mov. Nacionalista ao lado de Cuba

O movimento Nacionalista de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, acaba de divulgar um manifesto de apoio à Revolução Cubana. Eis um trecho do documento.

"Essa independência conquistada pelo povo cubano, esse passo dado no caminho da prosperidade, está, entretanto, em perigo, visto que com isso, com essa Revolução, não estão conforme os que vivem da exploração do povo cubano.

Nosso país, nosso BRASIL, diante desse quadro, não pode ficar indiferente e não deve, muito menos, tomar posição contra CUBA, como o querem alguns dos dirigentes da nossa política exterior.

Levantemos, portanto, nossa voz em defesa de CUBA, para expressar nossa solidariedade ao direito que tem o povo cubano de viver livre e de dispor, em seu benefício exclusivo, das riquezas e do trabalho de sua pátria."

- 39) Matadouro para 300 reses diárias e utilização de subprodutos.
- 40) Matadouro para 3 000 porcos diários e utilização de subprodutos.

Hungria

- 41) Fábrica de fechaduras cilíndricas, com capacidade para 30 000 unidades anuais.

República Democrática Alemã

- 42) Fábrica de latas para conservas.
- 43) Escóvas de uso doméstico.
- 44) Eletrodos para solda.
- 45) Máquinas de costura.
- 46) Aparelhos de rádio.
- 47) Fábricas têxteis com capacidade de 150 000 fusos.
- 48) Combinado para ensino, indústria metalúrgica e palmilhas.
- 49) Fábrica de arames e produção de cabos de aço.
- 50) Fábricas de cerâmica e porcelana doméstica.
- 51) Usina de purificação de caulim.
- 52) Fábrica de cimento.
- 53) Fábrica de chapas de bagaço.
- 54) Fábrica de máquinas fotográficas.
- 55) Motores elétricos.
- 56) Fábrica de chaves de fenda e cinzeis.
- 57) Máquinas de escrever.
- 58) Fábrica para produção de azeite de casca de arroz.

Instituto Cubano de Amizade dirige-se ao dep. Josué de Castro

Ao tomar conhecimento da criação da Associação Brasileira Contra a Intervenção em Cuba, sob a presidência do deputado Josué de Castro, o Instituto Cubano de Amizade com os Povos dirigiu àquele parlamentar um telegrama de saudação e agradecimento expressando "a convicção de que apoiamos a nossa mútua luta, contra o colonialismo, a exploração e a fome."

Líderes Sindicais Paulistas Defendem a Revolução Cubana

Dirigentes sindicais paulistas nos enviaram a seguinte nota de "esclarecimento", na qual reafirmam sua posição de apoio à revolução cubana:

"Os abaixo-assinados, dirigentes sindicais do A.B.C., face a nota publicada no jornal "Folha do Povo" e outros, em 23 de janeiro de 1961, nota assinada pelos srs. Trajano José das Neves e Horácio Ricci, na qual protestam contra-fuzilamentos de dirigentes sindicais pelo governo de Fidel Castro, e diante das inúmeras consultas que trabalhadores de todos os setores profissionais têm nos dirigido, e em virtude desse protesto, declaramos o seguinte:

Que somos plenamente favoráveis à Revolução Cubana, pois a mesma deu ao povo, casa, escolas, terra, nacionalizou a indústria estrangeira que sugava a economia nacional, etc., etc. abrindo assim ao povo cubano o caminho de uma autêntica prosperidade.

De outro lado, achamos que o protesto de dois dirigentes sindicais de Santo André não procede visto os fuzilamentos terem se dado por motivo de comprovados crimes de sabotagem contra a economia popular, segundo testemunho, inclusive de dirigentes sindicais brasileiros recém chegados de Cuba como os companheiros Danças, Tenório de Lima e outros, e não por crimes políticos, como alegam Trajano e Horácio, pois esses crimes pela primeira vez na sua história não já existem em Cuba.

Santo André, 26 de janeiro de 1961.

Ass.) Lincoln Grillo (Bancário-St. André), Sérgio A. Viola (Pô de

Pedra-Mauá), Marcos Adreotti (Metalúrgico-St. André), Miguel Guillem, (Metalúrgico-St. André), Ernesto Corraini (Metalúrgico-St. André), Antônio R. de Godoy (Têxtil-St. André), Antônio Diniz (Têxtil-St. André), José Cesário Fernandes (Têxtil-São Bernardo do Campo), Antônio C. Lindolpho (Metalúrgico-São Caetano), Pedro Daniel de Souza (Construção-São Caetano), Francisco F. de Brito (Têxtil-São Caetano), Newton Cândido (Construção-São Caetano), João Batista Vieira, Juvenal Fontanella e Onofre José Ferreira.

Operários navais:

tôda solidariedade à luta de Cuba

Os operários navais do Estado do Rio e da Guanabara enviaram ao embaixador de Cuba vibrante manifesto de apoio à Revolução do povo cubano e a sua luta contra as ameaças de intervenção formuladas pelo governo dos Estados Unidos.

"A Revolução Cubana — diz o documento — e as medidas de caráter econômico e social que põe em prática, constituem um direito sagrado do povo desse país de se libertar da espoliação dos trustes e monopólios norte-americanos e da crueldade dos seus testas-de-ferro internos, merecendo, por isso, a inteira solidariedade de todos os povos que lutam pela própria emancipação nacional e pela melhoria das condições de vida em seus países".

O manifesto foi assinado por mais de 1.000 trabalhadores.

O QUE JÂNIO PRETENDE E O QUE O PAÍS EXIGE

RENATO GUIMARAES

A imprensa em geral tem registrado muitas críticas à análise do estado da República apresentada por Jânio, em seu primeiro discurso como presidente. As críticas obedecem a motivos e objetivos diversos, mas parece haver entre elas um denominador comum: a dúvida quanto à validade e a seriedade de certas afirmações que ali se encontram, e através das quais Jânio procura apresentar o país numa conjuntura de extrema crise econômica e social, quase colapsado no mar da falência global.

De fato, Jânio não fez um balanço honesto da situação do país. Não procurou as causas de nossas dificuldades — que realmente existem, embora não com aquela gravidade — nem apresentou medidas que se desviassem e corrigissem essas causas. Seu balanço é unilateral e alarmista; ele não mostrou preocupação alguma em procurar as raízes dos problemas; e, em matéria de providências, se limitou a pedir sacrifícios ao povo.

Fica evidente, entretanto, pela leitura do discurso, que a superficialidade e o alarmismo de Jânio nada têm de acidentais ou gratuitos, e são, pelo contrário, frutos do mais frio cálculo. Ele não fez discurso para dar balan-

ços, nem procurar causas. Seu objetivo foi apenas o de estampar as intenções que o animam, ao assumir o posto — e isso é o que há de realmente sério em seu discurso.

Diante disso, nada há que estranhar nas inúmeras contradições, incoerências e disparates do discurso; explica-se mesmo a razão da extrema grosseria dos «idéias» ali expostas por Jânio sobre o socialismo — idéias que estão notoriamente abaixo de seu nível de inteligência e de conhecimentos.

Jânio simplesmente quis tornar pública a sua disposição de aplicar no governo uma política descaradamente entreguista e reacionária. Seus exageros nas cores sombrias, ao pintar a situação do país, foram apenas uma tentativa de justificar essa política, pois a realidade mesmo não a aconselha e, antes, a condena. Ele não podia, por outro lado, ser franco e honesto em sua linguagem. Só pode falar franca e honestamente com o povo quem está a favor dos interesses do povo, e Jânio sabe perfeitamente que a política preconizada por ele contraria frontalmente os mais profundos interesses de nosso povo. Daí as formulações ambíguas, sinuosas, muitas vezes deliberadamente confusas, que a toda hora se encontram em seu discurso. E daí também as repetidas ameaças — essas muito mais claras e diretas — ao movimento operário, aos nacionalistas e aos comunistas, para dissuadi-los de resistir à execução de sua política.

—xxx—

Apesar das imprecisões e ambiguidades voluntárias de seu discurso, Jânio deixou bastante claros os objetivos fundamentais da política que pretende aplicar. Quer a todo custo pagar as dívidas do país em Washington, mesmo se para isso fôr preciso que nosso povo

«se despoje dos últimos níqueis». Quer também acabar com a inflação, não certamente pelos sacrifícios que ela acarreta para o povo, pois ele insiste em que vai sacrificar ainda mais o povo, mas provavelmente pelas dificuldades que ela opõe à tarefa espoliadora da Light e dos latifundiários do café.

Tanto a inflação como a dívida externa crescente são, de fato, problemas cuja solução interessa a todo o povo brasileiro, e não apenas à Light e aos homens do café. Jânio poderia resolvê-los, com certa facilidade mesmo, e com o aplauso de todo o povo, se adotasse certas medidas de caráter antifeudal e antiimperialista, tais como o controle dos remessas de lucros, o combate aos grupos lanques de especuladores e traficantes que controlam o nosso comércio exterior e as operações de câmbio, a eliminação do monopólio dos Estados Unidos em nosso comércio exterior, a cessação do financiamento ao latifúndio cafeeiro, etc.

Com medidas desse tipo — algumas das quais, aliás, constam de sua plataforma eleitoral — Jânio poderia matar os dois coelhos de uma cajadada. A um só tempo aumentaria a receita cambial, podendo assim cobrir os compromissos externos do país, e eliminaria, pelo menos em parte, os verdadeiros focos da inflação, que residem no financiamento do latifúndio e na espolição imperialista. E através da adoção dessas medidas que Cuba está conseguindo fazer o seu desenvolvimento sem inflação, e sem qualquer sacrifício para o povo — bem ao contrário, o povo foi o primeiro e grande beneficiário dessas medidas. Para não falar dos países socialistas, onde a inflação já passou para a categoria dos fenômenos «pré-históricos».

Com Jânio, entretanto, a coisa é

bem diversa. Comprometido com o imperialismo e com os homens do café, ele não se mostra de forma alguma interessado naquele gênero de medidas. Acontece que só há uma alternativa para elas, quando se pretende acabar com a inflação e com os déficits no balanço de pagamentos. É colocar-se o país na situação de Portugal, onde tampouco há inflação, ou problemas de balanço de pagamentos: o povo paga integralmente tudo por tudo, a espolição feudal e imperialista, a economia está estagnada, a população miserável, mas tudo está no melhor dos mundos para os latifundiários e imperialistas.

Trata-se então de «salutarizar» o Brasil. Há mesmo uma receita «clássica» para fazer isso: as famosas «reformas» do Fundo Monetário Internacional. Preconizam a extinção dos controles do Estado nas operações cambiais, cortes no crédito para empreendimentos industriais nacionais, liquidação das empresas do Estado, contenção dos salários, maiores privilégios para «atrair» o capital estrangeiro, inclusive no campo do petróleo e dos riquezas minerais. É a chamada «liberalização» da economia.

Afirmam os economistas «ortodoxos» da burguesia — representados, no Brasil, pelo grupo Gudin-Roberto Campos — que essas medidas, uma vez aplicadas, produzirão inicialmente uma brusca alta do custo de vida, mas, depois de um certo período — seis meses, segundo alguns, um ano, segundo outros — a moeda se estabiliza e o balanço de pagamentos se equilibra. O exemplo vizinho da Argentina, onde o FMI assumiu o governo há mais de dois anos e, apesar disso, o custo de vida continua acelerado em alta e o balanço de pagamentos continua deficitário, mostra que nem isso é verdade. Mesmo se o fosse, contudo, está claro que uma solução desses de forma alguma pode interessar ao povo brasileiro. Seria a «estabilização» na miséria, o estabelecimento de um regime de espolição e de atraso.

Não obstante, é esse o tipo de «estabilização» visado por Jânio. Há diversos indícios disso: a entrega do Ministério da Fazenda ao grupo Gudin, através do preposto Clemente Mariani, a nutrida campanha da imprensa janiista, dando uma versão alarmante das finanças do país e recomendando aquelas medidas entreguistas de «emergência», a léem do alarmismo do próprio Jânio, a descrever a situação financeira do país. Mais que tudo, porém, levam a essa conclusão as frequentes referências de Jânio, em seu discurso, a um período inicial de governo «rude e áspero» que ele pretende fazer, aos «sacrifícios inevitáveis» que pretende exigir do povo, a os «limites de equidade» que pretende impor às reivindicações dos trabalhadores — como se os trabalhadores é que se beneficiassem da iniquidade social!

—xxx—

Mas, não é por acaso que, sempre que dizemos que um governo é entreguista, acrescentamos ao lado o qualificativo de reacionário. O entreguismo e a reação são filiais companheiros; um não pode existir sem o outro. E Jânio mostrou agora que sabe disso melhor do que ninguém. Dedicou metade do seu discurso para a exposição da política entreguista que pretende adotar; e dedicou a outra metade à «amostragem» das disposições reacionárias com que pretende assegurar a execução dessa política. Para garantir a entrega do petróleo argentino a Esso e as «reformas» do FMI, Frondizi teve de apelar para o estado de sítio e para a ditadura militar, pôr na cadeia os democratas, fechar os jornais e partidos progressistas. Jânio quis mostrar que não fica atrás, em sua disposição de servir ao imperialismo.

Não é por outra razão que o seu discurso veio pesado de ameaças aos nacionalistas, ao movimento operário e, em particular, aos comunistas. Ele incluí, descaradamente, e entre «as mazelas» de nossa sociedade os «movimentos de massa pelas reivindicações organizadas das categorias profissionais». Diz que reconhece o direito de greve e de liberdade de organização sindical, mas afirma ao mesmo tempo que «tenha por inadmissível sua utilização dolosa contra a coletividade, sobretudo se a serviço de conveniências externas», o que é a mesma linguagem empregada por Falção há poucas semanas, quando o ex-ministro da Justiça pretendia esmagar pela força a justa greve dos marítimos e ferroviários; ou seja, ele é quem decide quando uma greve é legítima ou não, e continuamos no mesmo regime fascista do... 1970.

Jânio chega ao cúmulo de acusar os trabalhadores de «reivindicar sempre e incessantemente, proventos e regalias», em suas lutas por reajustamento de salário. Assim, os aumentos nominais de salários conquistados pelos trabalhadores, após duras lutas grevistas, e que nem sequer têm alcançado a alta do custo de vida, são no entender de Jânio, «regalias» inadmissíveis; e ele afirma mesmo: «o meu governo, entretanto, representa um parágrafo a isso, definitivo e último!» «Cumpra-lhes (aos trabalhadores) imbuir-se da disciplina do trabalho», diz ainda, como se os trabalhadores brasileiros fossem por regra indisciplinados, que fixassem greves por esporte, ou por «ordens do exterior».

Dessa concepção reacionária do movimento operário, Jânio passa às ameaças abertas de violência contra os democratas e nacionalistas, especialmente, os comunistas, aos quais procura isolar das massas, porque são os mais aptos para organizar os movimentos populares contra a política entreguista

que pretende adotar. Depois de um enorme parágrafo, em que identifica os comunistas com a própria peste, e trata os nacionalistas e democratas como uma simples «variante» dessa peste (há inclusive uma sarta para o governo cubano que, segundo Jânio, se esforça para «incitar ódios nos Estados do hemisfério»), diz Jânio:

«Esses esforços (dos democratas, nacionalistas e comunistas, para confundir o povo com a sua «peste») precisam ser desmascarados, enfrentados e batidos».

Eis aí a triste figura do demagogo entreguista quando tira a máscara, depois de conseguir enganar o povo. Mas, agora, o enganado parece ser ele mesmo. Das «intencões» que hoje mostra de aplicar uma política reacionária e entreguista, à execução prática dessa política, Jânio tem um longo caminho a percorrer. E sua tática de facilitar esse caminho pelo isolamento dos comunistas não sofrerá efeito; os trabalhadores já estão fatigados por chavões anticomunistas que, ao contrário da realidade mundial, nunca se renovam.

Jânio não conseguirá avançar na política entreguista e reacionária que agora — e só agora — anuncia, sem acertar contas com o povo. Já hoje, começam a despertar para a realidade e para a luta os ponderáveis setores do movimento operário, do pequeno burguesia e, mesmo, da burguesia nacional, que nutriram «esperanças» vagas, mas paralisantes, em seu governo. A política que ele hoje claramente preconiza apenas atende aos interesses de uma infima minoria de brasileiros. Para concretizá-la, ele terá que enfrentar a ira da imensa maioria do nosso povo — e os trabalhadores e estudantes — e os funcionários e militares nacionalistas, que já sabem e já têm meios para exigir do governo uma política contrária a essa: uma política de desenvolvimento independente do país, e de garantia das liberdades democráticas.

«Troca de roupagem no PTB»

Por um lapsus de paginação, saiu sem assinatura, em nossa edição anterior, o artigo de Renato Guimarães intitulado: «Troca de roupagem e neo-penabotismo no PTB».



Sorriem Felizes à Espera Das Mamães...

Mo socialismo as crianças não têm problemas. No lar não lhes falta nada. Fora delas, também. Mas o socialismo não liberta, apenas, as crianças dos problemas comuns às crianças do mundo capitalista. Liberta também as suas

mamães, não só do ponto de vista jurídico, mas principalmente econômico. As mães no socialismo contribuem diretamente para a construção de uma vida nova, trabalhando na agricultura ou nas fábricas. Enquanto isso, seus filhos ficam entregues, nas creches

mantidas pelo governo, há pessoal especializado que propicia às mesmas toda a assistência indispensável ao seu desenvolvimento sadio. E o que nos mostram essas crianças chinesas que aparecem na foto.

História do Movimento Operário

(LXV)

LÊNIN CONTINUA DEPORTADO

A primeira tentativa de realizar sua ideia de um jornal legal para toda a Rússia, capaz de unificar num só partido as forças dispersas da social-democracia, Lenin a fez, com resultado, quando se encontrava já na deportação, em 1897, através de entendimentos junto à «União de Estudantes» de Petersburgo, que passara a ser dominada pelos «economistas».

Uma segunda tentativa teve lugar em 1899, quando aceitou o convite, que lhe chegou até ao desterro, de colaborar na «Rabótschna Gazeta» («Gazeta Operária»). Tratava-se de um periódico fundado pelo grupo social-democrático de Kiev (Ucrânia) pouco antes da realização do Congresso do partido, e cuja publicação estava suspensa, depois de saídos dois números. Segundo uma das decisões do Congresso, esse jornal foi designado órgão oficial partidário e, como tal, devia voltar a editar-se.

Nos três artigos que enviou de início para a redação da «Gazeta», Lenin preocupou-se, particularmente, em traçar as tarefas e o plano do jornal.

Aconteceu, entretanto, que logo depois do Congresso, a polícia localizou e destruiu a tipografia clandestina do grupo de Kiev, e a «Gazeta Operária» nunca mais saiu.

Lenin tinha razão: na situação existente — em que o partido «artesão» do trabalho social-democrático se transformava, em particular, no baixo nível da atividade conspirativa, em sucessivas quedas dos aparelhos ilegais — o jornal do partido tinha de ser mesmo feito no estrangeiro. Assim deixou de ser o que o próprio Lenin, cheio de ardor e de esperança, chamava «um sonho».

Quando aos originais dos artigos mencionados, foi exatamente como o leitor terá pensado: perderam-se. O mesmo, entretanto, por incrível que pareça, não se deu com o seu texto. Muitos anos depois, com efeito, quando a classe operária da Rússia já chegara ao poder, foram encontradas cópias autênticas dos artigos, feitas por não desconhecida, e eles foram afinal publicados pela primeira vez, em 1925...

São desses artigos, escritos no segundo semestre de 1899, todas as citações do anterior capítulo destas notas históricas.

Em princípios desse mesmo ano, Lenin terminava de redigir sua famosa obra de economia política «O desenvolvimento do capitalismo na Rússia — Processo de formação do mercado interno para a grande indústria», logo em seguida publicado. Com esse trabalho, que começou a escrever três anos antes, na prisão, em Petersburgo, Lenin consumou a derrota ideológica do populismo. Obra de fôlego, nela se faz o estudo de todos os aspectos fundamentais do desenvolvimento do capitalismo dentro da Rússia, a partir da reforma camponesa de 1861. Contra a verônica tese populista de que sem mercado externo o

capitalismo não pode desenvolver-se e de que esse era o caso da Rússia, Lenin demonstra, solidamente apoiado na teoria econômica de Marx e em abundante documentação estatística, que o capitalismo estava criando o seu próprio mercado interno no país. «O processo fundamental de criação do mercado interno (isto é, de desenvolvimento da produção mercantil e do capitalismo) é a divisão social do trabalho», — afirma. E mostra como a separação entre o produtor direto e os meios de produção, isto é, a expropriação daquele, — fenômeno que vinha se processando em toda a Rússia, inclusive e muito particularmente no campo, — ao assinalar a passagem da produção mercantil simples ao capitalismo (e ao estabelecer a condição necessária para essa passagem), cria o mercado interno».

A deportação na Sibéria prolongar-se-á ainda por mais um ano, até fevereiro de 1900, e Lenin continua trabalhando infatigavelmente. Escreve sem cessar artigos, monografias, traduz para o russo a literatura marxista mais recente e outras obras de interesse para o movimento operário, mantém em dia nutrida correspondência. Conseguiu organizar ilegalmente uma rede tão eficaz de ligações com os grupos de social-democratas dos centros mais

importantes da Rússia europeia, assim como com os social-democratas russos emigrados na Suíça, na Alemanha, etc., que a sua atividade literária e política mais parecia a de um militante direto e vivamente ligado ao movimento operário revolucionário.

Lenin contava já, naqueles anos, com a ajuda inteligente, solícita e cheia de dedicação de Nadejda Crúpscaia (1869-1939), que seria a companheira e amiga de toda a sua vida.

Conheceera-a em Petersburgo, onde ela militara, desde 1890, num círculo de estudantes marxistas, e era professora numa escola noturna. Ali trabalharam juntos na «União de luta», a partir de 1895. Logo depois de Lenin, foi ela presa também pelos sicários do czar, assim se viram pela primeira vez separados.

Em 1898, a reação czarista resolveu deportar Crúpscaia por três anos para a Sibéria e jogou-a justamente na mesma colônia em que Lenin estava confinado, na aldeia de Shushensk, província do Jenisséi.

Os dois jovens enamorados, como bons revolucionários que eram, não deixaram de percher logo, nesse caso, o «lado positivo» da sanha dos sicários da autocracia: a 22 de julho de 1898, casaram-se...

Correspondência: Joaquim Teixeira Chaves, B. Horizonte — Agradecemos a gentileza do seu cartão.

Ivan Ramos Ribeiro

"SANTA MARIA" BATEU JÂNIO NA SIMPATIA DO RECIFE

AMARO VALENTIM
(Correspondente do NR em Pernambuco)

Recife, fevereiro — A luta dos bravos democratas portugueses que tomaram o "Santa Maria" do controle do ditador Salazar, foi durante vários dias o tema que apaixonou o povo do Recife. A medida que os recifenses tomavam conhecimento de que o navio rebelde rumava para as costas brasileiras, mobilizaram-se para prestar apoio e solidariedade aos comandados do capitão Galvão.

A Associação da Imprensa de Pernambuco, a seção estadual da União Brasileira dos Escritores, grande número de deputados, vereadores e dirigentes sindicais pronunciaram-se, imediata e publicamente, saudando a luta dos democratas portugueses. Ao mesmo tempo, a atenção da imprensa mundial concentrava-se no Recife. Centenas de fotógrafos, cineastas, jornalistas, radiolistas, operadores de TV, do país e do estrangeiro, concentraram-se na cidade, superlotando os hotéis, para fazerem a cobertura dos movimentos do navio.

A chegada do "Santa Maria" ao porto da cidade ocorreu no meio dia de quarta-feira. Desde a manhã, entretanto, grande massa popular já se encontrava reunida na Praça Rio Branco, para assistir à chegada do navio. O "Santa Liberdade" — assim Galvão e seus comandados rebatizaram o "Santa Maria" — chegou até o limite de três milhas das águas territoriais brasileiras, e ali ficou, à espera da conclusão das negociações com o governo brasileiro, para o desembarque dos passageiros.

Durante toda a tarde, o povo recifense ficou observando o navio, ancorado ao longe. Em torno do barco português estavam "de vigília" diversos navios de guerra, inclusive um submarino atômico da Marinha norte-americana. Apesar do sol inclemente, o povo passou a tarde na Praça Rio Branco, comentando animadamente a proeza dos democratas portugueses, e permaneceu no local até altas horas da noite.

Ao longo da Praça, formaram-se pequenos grupos, e sempre que aparecia alguém menos simpático à causa dos rebeldes de Galvão, logo "caíam" sobre ele dezenas de pessoas, explicando a justiça da luta anti-salazarista. Muitos lembravam o manifesto

de Galvão, que acabava de ser divulgado pela imprensa. Neste documento, o líder português pronunciou-se a favor de um regime de "terra para quem nela trabalha, casa para quem nela mora, liberdades democráticas, bem-estar e progresso para o povo e liquidação da ditadura fascista em Portugal".

Comício

A noite, um grupo de líderes sindicais promoveu um comício de apoio aos democratas lusos, igualmente na Praça Rio Branco. A massa interrompia frequentemente os oradores, gritando em coro "vivas" aos rebeldes e "morras" à ditadura de Salazar, e ainda manifestando a exigência de que o governo brasileiro garantisse a posse do navio aos comandados de Galvão. Ao terminar o comício, considerável número de populares seguiu em passeata até o palácio do governo, a fim de fazer sentir ao governador Cid Sampaio a solidariedade dos trabalhadores e estudantes para com a guarnição rebelde do "Santa Maria". Não encontrando o governador no palácio, os manifestantes seguiram até a sede do "Diário de Pernambuco", onde realizaram um comício de apoio aos anti-salazaristas.

Depois de longas negociações com as autoridades civis e militares, o "Santa Liberdade" deu entrada no porto, fundeando no Lameirão, e ficando com a proa de frente para a saída da Barra, como a indicar que tornaria a ganhar o alto mar. O fato ocorreu ao meio-dia de quinta-feira, dia 2. O policiamento ostensivo impediu que o povo assistisse ao desembarque dos passageiros, certamente para evitar a confraternização entre os democratas portugueses e o povo do Recife.

Maior que Jânio

O interesse do povo recifense pela sorte do "Santa Maria" foi tal que, durante vários dias, a façanha de Galvão e seus companheiros tornou-se o fato político mais sensacional na cidade, eclipsando mesmo o noticiário em torno da posse de Jânio.

Ao mesmo tempo, a população da cidade era tomada de indignação ao

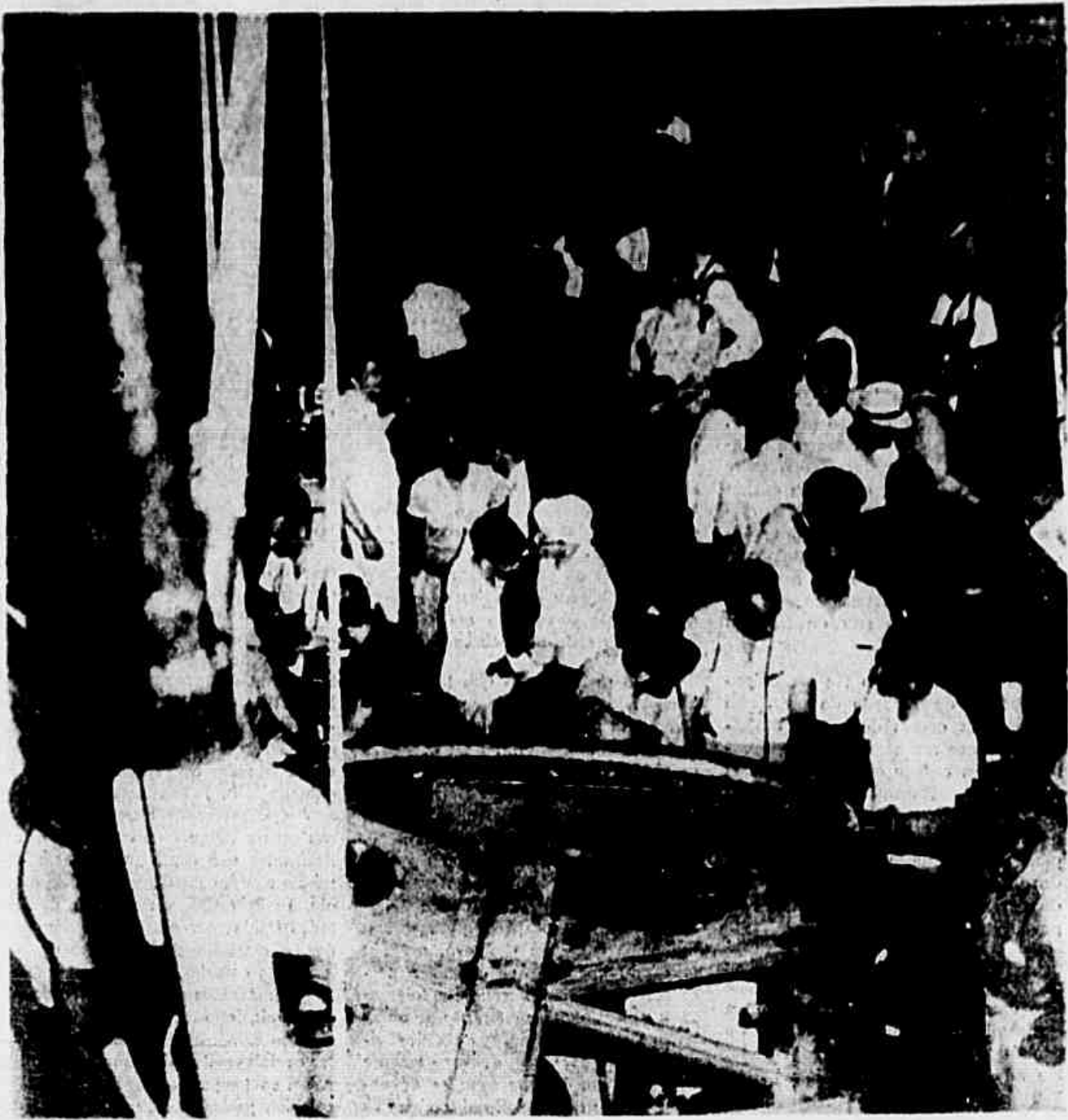
ter conhecimento das repetidas violações de nossa soberania cometidas por navios e aviões militares norte-americanos, que trafegavam sobre nosso território e em nossas águas territoriais sem qualquer respeito às autoridades brasileiras um falso plano de voo, desceram inesperadamente ao aeroporto de Guararanes, sem qualquer aviso prévio, como se se tratasse de uma base militar de seu país, e enquanto haviam afirmado que se destinavam a Porto Rico.

A violação de nossa soberania foi tão flagrante, que as autoridades militares no Recife, ordenaram a retenção de 16 aviões lanques no aeroporto, até que fossem apresentadas ao governo brasileiro explicações convincentes. A fraqueza do Itamarati, entretanto, determinou que logo os aviões fossem liberados.

Finalmente, depois de uma angustiada espera por parte da população, revelou-se que Galvão e seus comandados haviam abandonado o "Santa Maria" às autoridades brasileiras, uma vez que Jânio não lhes deu a garantia necessária para que eles se reabastecessem no porto e tornassem ao mar. Logo depois, o navio iria ser devolvido a Salazar pelo governo brasileiro, demonstrando assim que a "amizade fervorosa" manifestada por Jânio a Galvão, em relação à luta pela democracia em Portugal, ficava apenas em palavras. Mas, de qualquer forma, os rebeldes obtiveram uma grande vitória moral, demonstrando ao mundo inteiro a justiça e a necessidade da luta contra o regime fascista que oprime Portugal.

Vitória moral

Centenas de Jornalistas, vindos de todo o mundo, concentraram-se no Recife, para cobrir a chegada do "Santa Maria". Os rebeldes de Galvão conseguiram uma grande vitória moral, ao despertarem a consciência do mundo inteiro para o regime fascista e sanguinário que oprime Portugal. Acima um flagrante no Cais de Recife, quando se aguardava a descida dos revolucionários.



«Santa Liberdade»

Ainda a bordo do "Santa Maria", o capitão Galvão recebeu o general Delgado, cuja vitória como candidato dos democratas nas recentes eleições presidenciais em Portugal foi escondida e falseada por Salazar. Na foto, o capitão Galvão (com a boina característica dos rebeldes) conversa com Delgado (ao centro, à paisana). O movimento democrático português tomou um grande impulso com o sucesso da captura do "Santa Maria", ao qual os rebeldes rebatizaram com o nome de "Santa Liberdade", como que a indicar a queda da ditadura salazarista.



Recusa de Jânio

Quando Jânio se negou a garantir a posse do navio aos democratas portugueses, os comandados de Galvão formaram militarmente no convés do navio, para entregá-lo ao governo local



Viva Portugal!

Ao deixarem o navio, entregue ao governo brasileiro, os rebeldes portugueses saíram cantando o hino de sua pátria e conduzindo a sua bandeira. Todos eles se consideraram vitoriosos nessa que afirmam ser a primeira etapa da luta. Inundados de grande entusiasmo com o feito, os participantes da revolta do «Santa Maria» esperam que seu exemplo afirme todos os portugueses da metrópole e das colônias, animando-os a participar da luta ativa pela derrubada da sangrenta ditadura salazarista.

NOVOS RUMOS